

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**A Comparação das Orações Relativas Resumptivas
em Chinês e em Português Europeu**

He Liuyang

Tese orientada pela Professora Doutora Gabriela Matos, especialmente elaborada para a
obtenção do grau de Mestre em Linguística.

2017

Resumo

O chinês é uma língua peculiar em termos de orações relativas, porque línguas de SVO como, por exemplo, o inglês e o português, têm orações relativas de núcleo inicial, isto é, os antecedentes precedem as relativas. O chinês, porém, apesar de ser uma língua SVO no domínio da frase, é uma língua de núcleo final no domínio do sintagma nominal. Para além disso, o chinês, diferentemente do português, não tem pronomes relativos e o elemento que introduz as orações relativas é a partícula *de*, um morfema usado em todas as construções de modificação de nome. Por isso, há estudos que assumem que o chinês não tem orações relativas. Assume-se neste trabalho que o chinês tem, efetivamente, orações relativas e que a partícula *de* quando ocorrem nelas é um complementador.

Depois de esclarecer este problema, assumir-se-á subsequentemente que há no total, três estratégias centrais para as orações relativas em chinês, a saber, a estratégia canónica, a estratégia resumptiva e a estratégia cortadora. A estratégia canónica envolve vazios e pode ocorrer em todas as posições. A estratégia resumptiva aplica-se a posições de OI, OBL e GEN. A estratégia cortadora é marginal e apenas se aplica na posição de OI. As relativas formadas por estratégias distintas têm propriedades diversas entre si. Irei focar-me na estratégia resumptiva em chinês.

Constata-se que as relativas resumptivas em chinês exibem comportamentos idênticos aos das relativas resumptivas em português e que a única diferença é a sensibilidade a efeitos de ilha. Conclui-se que a operação de *Agree* se encontra envolvida nas relativas resumptivas em chinês, mas não em português.

Palavra-chaves: orações relativas, pronomes resumptivos, relativas resumptivas, operação de *Agree*, chinês, português europeu.

Abstract

Chinese is a unique language in terms of its usage of relative clauses. The word order in the sentence is usually related to the order between the antecedent (i.e., the head of the relative clause) and the relative clause. In SVO languages such as English and Portuguese, the antecedents are considered to be head-initial. However, in Chinese, which is also a SVO language, the NP/DP domain is head-final. In addition, Chinese does not have relative pronouns, which are usually essential to form a relative clause. Instead, Chinese relative clauses are introduced by the particle *de*, which is shared by all the other noun-modifying clauses. That is to say, relative clauses in Chinese have the same structure as noun-modifying clauses. It is specifically for that reason that some authors have claimed that there are no relative clauses in Chinese. It will be proposed in this study that Chinese indeed have relative clauses and in these cases, the particle *de* functions as a complementizer.

Having this in mind, It's assumed further that there are three core strategies to form relative clauses in Chinese: the canonic, the resumptive and the chopping strategies, respectively.

Relative clauses formed by the canonic strategy can occur in any position. The resumptive relatives occur in the IO, OBL and GEN positions. And the chopping strategy, which is marginal in Chinese, only goes with the IO position.

Relative clauses formed by different strategies have different properties. Here the focus is on the resumptive relative clauses in Chinese, and making a comparison of it to European Portuguese.

The key observation is that the only difference between Chinese and Portuguese relative clauses is when they occur in an island. That is, Chinese resumptive clauses are sensitive to island constraint while Portuguese resumptive clauses are not.

It's concluded in the end, under the Minimalist Program, that the Agree occurs in Chinese resumptive relative clauses but not in Portuguese resumptive relative clauses.

Keywords: relative clauses, resumptive pronouns, resumptive strategy, Agree, Chinese, European Portuguese

Índice

Resumo	III
Abstract	IV
Índice	V
Lista das abreviaturas	IX
Agradecimento	XI
0. Introdução	1
1. O objeto do trabalho.....	1
2. O quadro teórico do trabalho	2
Capítulo I O chinês tem orações relativas	
0. Introdução	5
1. O japonês não tem orações relativas (Comrie 1996, 1998, 2002)	5
2. Existem orações relativas em chinês (Xu 2009, Huang, Li &Li 2009)	7
3. Conclusão	10
Capítulo II A construção de modificação de nome	
0. Introdução	11
1. Os três tipos de ‘de’s em chinês	12
1.1 De1 (地)	13
1.2 De2 (得)	14
2. A partícula <i>de</i> 3 (的) na literatura	15
2.1 Li (1985)	16
2.1.1 NP1 + <i>de</i> + NP2	17
2.2 Larson (2009 a, b)	18
3. PP + <i>de</i> + NP	22
3.1 As posposições em chinês — a sua semelhança com os nomes locativos	23
3.2 As preposições verdadeiras também podem preceder <i>de</i>	25
3.3 As preposições de <i>zai</i> e <i>gei</i> como verbos.....	32
4. AdjP + <i>de</i> + NP	35

4.1	As propriedades dos adjetivos em chinês e as suas semelhanças como verbos	36
4.1.1.	Os adjetivos são semelhantes aos verbos	37
4.1.2.	Os adjetivos são diferentes dos verbos	39
4.2	A classificação dos adjetivos em chinês	41
4.3	O advérbio de grau <i>hen</i>	44
4.4	Quando é que a sequência de ‘AdjP+DE’ pode ser analisada como oração relativa?..	46
5.	Conclusão	49
Capítulo III As orações relativas em chinês		
0.	Introdução	51
1.	As orações relativas em chinês — A revisão de Aoun&Li (2003)	51
2.	A reconstrução das orações relativas canónicas em chinês.	54
3.	Apenas a projeção NP permite a reconstrução	58
4.	A estrutura de adjunção para as orações relativas em chinês	59
5.	Conclusão	62
Capítulo IV As orações relativas em português		
0.	Introdução	63
1.	Propriedades Gerais: os pronomes relativos e a posição de relativização em PE (Brito, 1988, 1991, Alexandre 2000)	63
1.1	Os pronomes relativos que introduzem as orações relativas em português	63
1.2	A posição de relativização e as propriedades gerais das relativas canónicas em português	65
2.	Três estratégias de orações relativas em português europeu (Alexandre 2000, Brito 1988, 1991, Mória 1992, 1996)	66
2.1	Estratégia canónica	66
2.1.1.	Orações relativas livres	66
2.1.2.	Orações relativas restritivas e apositivas	68
2.2.	Estratégia cortadora	68
2.3.	Estratégia resumptiva	68

3. Conclusão.....	69
-------------------	----

Capítulo V Três estratégias de orações relativas em chinês

0. Introdução	71
1. Propriedades gerais	72
1.1. Posições de relativização	72
1.2. Os pronomes relativos	78
2. Estratégias de relativização em chinês.	78
2.1. A classificação das orações relativas em chinês.....	78
2.2. As relativas canónicas	79
2.2.1. As relativas restritivas	79
2.2.2. As relativas não-restritivas	82
2.2.3. As relativas livres.....	86
2.2.4. As relativas de adjunto	87
2.3. As relativas formadas pela estratégia cortadora.....	92
3. Conclusão.....	93

Capítulo VI As relativas resumptivas em chinês e em português

0. Introdução	95
1. Os estudos clássicos dos pronomes resumptivos	95
1.1. A classificação e as propriedades dos pronomes resumptivos	98
1.2. Pronomes resumptivos intrusivos.....	100
1.3. Pronomes resumptivos gramaticais	101
1.3.1. Os resumptivos de movimento.....	101
1.3.2. Os resumptivos gerados na base.....	103
2. Os pronomes resumptivos nas relativas em chinês.....	104
2.1. A distribuição dos pronomes resumptivos nas relativas em chinês.	104
2.1.1. A posição de SU (A Restrição de Sujeito mais Alto)	108
2.1.2. A posição de OD	112
2.1.3. A posição de OI e de OBL.	113
2.1.4. A posição de GEN.....	118

3. O pronome resumptivo como uma variável na sintaxe explícita/implícita?	124
3.1. O efeito de Cruzamento (Forte e Fraco) nas relativas resumptivas em chinês e em português.	125
3.2. O efeito de ilha nas relativas resumptivas em chinês	132
3.3. A impossibilidade da reconstrução de núcleo NP nas orações relativas resumptivas em chinês.....	135
3.4. A legitimação de Lacuna Parasita em chinês e em português	138
4. As relativas resumptivas em chinês envolvem o movimento-A' ou não?	140
4.1. A partícula <i>de</i> é introdutor de todas as orações de modificação de nome, incluindo as relativas resumptivas	141
4.2. Os resumptivos em chinês são sensíveis ao movimento sucessivamente cíclico	142
5. As relativas na abordagem de minimalista.	145
5.1. A projeção RP nas relativas formadas pelos resumptivos em chinês (Gu 2001) ...	145
5.2. A operação de <i>Agree</i> nas relativas (Adger&Ramchand 2002, 2005)	148
5.3. O efeito de identidade em português e em chinês	151
5.4. A operação de <i>Agree</i> nas relativas em português e em chinês.	153
Conclusões Gerais	161
Referências Bibliográficas	163

Lista das abreviaturas

_ = vazio

ACC = acusativo

AdjP = Sintagma Adjetival

AdvP = Sintagma adverbial

aL=Complementador

CL = classificador

CP = Sintagma Complementador (*Complementizer Phrase*)

DE= complementador nas orações relativas

e = categoria vazia

ECP = Princípio de Categoria Vazia (*Empty Category Principle*)

EPP = Princípio da Projeção Alargada (*Extended Projection Principle*), Princípio ou traço que requer que o SpecTP tem de ser preenchido

GEN = genitivo

Guo-marcador aspetual

Hui = verbo auxiliar

LE-*le* = perfeito

NOM = nominativo

NP = Sintagma nominal

OBL = oblíquo

OD = objeto direto

OI = objeto indireto

Op = operador

PM = Programa Minimalista

PP = Sintagma Preposicional (*Prepositional Phrase*)

RP = Pronome Resumptivo (*Resumptive Pronoun*)

t: vestígio (*trace*)

SU = sujeito

TRL = Teoria da Regência e da Ligação

uT = Traço não interpretável

VP = Sintagma verbal

Zhe = marcador aspetual.

Zai = estar a (verbos modais)

Agradecimentos

Durante os últimos dois anos de investigação e de estudo, acabei, finalmente, esta tese de mestrado. A elaboração desta foi um processo árduo, mas recebi o apoio de muitas pessoas. Sem elas, demoraria ainda mais tempo. Por isso, queria agradecer aqui a todas as pessoas que me apoiaram consciente ou inconscientemente.

Em primeiro lugar, à minha orientadora, professora Gabriela Matos, pelo apoio constantemente na orientação do trabalho, pela correção do meu trabalho, pela paciência em explicar as teorias que não conheço e os problemas suscitados pelo trabalho, pela confiança na minha capacidade de concluir esta tese e sobretudo, agradeço as suas aulas de sintaxe do primeiro semestre de mestrado, foi neste seminário que entrei em contacto com a sintaxe e decidi desenvolver o meu trabalho final de mestrado nesta área.

Agradeço ainda a todos os professores que me ensinaram da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: à professora Manuela Ambar, que foi a minha outra professora de sintaxe, à professora Ernestina Carrilho, à professora Anabela Gonçalves, ao professor José Maria Santos Rovira, à professora Ana Maria Martins, à professora Palmira Marrafa e à professora Madalena Colaço.

Agradeço também à professora Nélia, que respondeu ao meu email e esclareceu as minhas perguntas sobre a estratégia resumptiva das orações relativas em PE, mesmo que não me conhecendo.

Ao professor Telmo Móia e ao professor Luís Graça que me deram licença de assistir às suas aulas de português.

Ao meu grande amigo, Yi Zheng, pela sua simpatia, pela sua paciência em esclarecer as minhas perguntas, pela generosidade em partilhar todos os seus conhecimentos comigo e pela disponibilidade. E, especialmente, pelo seu encorajamento constantemente mesmo durante a minha estadia de investigação na China.

Aos meus amigos, Zewei Yi, Chun Huang e ao William, que me ajudaram a avaliar a gramaticalidade dos exemplos em chinês e em inglês.

Aos meus colegas da turma de mestrado, Rute Nunes, Percilda Nhate, Margarita Dimitrova, pela sua generosidade.

Por fim, aos meus queridos pais, Liu Ling e He Yong, pelo apoio espiritual e pelo acompanhamento e encorajamento durante todo o processo de elaboração de tese, sem o qual, não teria tido coragem de enfrentar os desafios que se me depararam.

Introdução

1. O objeto do trabalho

O presente trabalho visa estudar a diferença entre a estratégia resumptiva das orações relativas em chinês e em português e tenta explicar essa diferença no quadro teórico do programa minimalista, a teoria dominante na Gramática Gerativa atual.

Poucos estudos têm em conta a estratégia resumptiva das orações relativas em chinês, porque as orações relativas são pouco estudadas devido à sua complexidade a nível sintático. Esta construção envolve duas orações, uma oração matriz e a outra subordinada, tipicamente ligadas, em línguas como o português e o inglês, por constituintes relativos. O chinês, porém, não tem pronomes relativos e as orações relativas são introduzidas por uma partícula, *de*, uma partícula que introduz não apenas as construções relativas, mas é usada em todas as estruturas de modificação. Por isso, a maioria dos estudos sobre as relativas em chinês nos últimos vinte anos foca a partícula *de*, tentando encontrar um tratamento uniforme de *de* em todos os casos em que ocorre, mas nenhuma análise é satisfatória. Não irei entrar em detalhe no estudo desta partícula no presente trabalho, mas apenas apresentar as análises dominantes. Assumir-se-á que a partícula *de* em chinês tem propriedades diferentes quando ocorre em estruturas diferentes. Em particular, quando *de* ocorre na construção relativa, ela é um complementador, contendo o traço $[\lambda]$ que introduz a oração relativa, sendo este traço parecido com o traço $[+\text{pred}(\text{icativo})]$ proposto por Rizzi (1990).

As primeiras análises das orações relativas foram feitas em 2003, por Aoun&Li no quadro teórico da Teoria da Regência e da Ligação, tendo em conta diversas estratégias das relativas e assumindo que os pronomes resumptivos são gerados na base e que as relativas resumptivas envolvem operadores que também são gerados na base em chinês, uma vez que as relativas resumptivas não permitem reconstrução nem são sujeitas a efeitos de ilha.

Neste estudo vou assumir, com base em diversos exemplos, que as relativas resumptivas em chinês estão, de facto, sujeitas a efeitos de ilha. Assim, surge o problema: as orações relativas formadas pela estratégia resumptiva em chinês, não exibem reconstrução, mas estão sujeitas a efeitos de ilha. Estas propriedades sugerem, de acordo com a Teoria da Regência e da Ligação, que deve estar envolvido movimento na construção relativa resumptiva, embora o

elemento que se move não possa ser o núcleo NP¹. Uma das hipóteses de explicação é existir um operador nesta construção, como A&L (2003) propuseram, e é este operador que sofre o movimento. Esta hipótese parece atraente, mas falha em explicar a posição original do operador, dado que a posição inicial já está ocupada pelo pronome resumptivo.

Pelo contrário, o português não tem este problema porque os pronomes resumptivos nesta língua não estão sujeitos a efeitos de ilha.

Por isso, o meu objetivo neste trabalho é resolver o problema existente nas relativas resumptivas em chinês e comparando as relativas resumptivas em português e em chinês. Procurarei, não apenas descrever as propriedades que as distinguem, mas também explicar a razão teórica que causa a diferença entre as duas línguas.

Para alcançar esta meta, é preciso confirmar, antes de mais que o chinês é uma língua que tem construções relativas, descrevendo as propriedades de todas as construções de modificação de nome em chinês para ver onde se aplica a estratégia resumptiva. Depois deste processo, procederei à comparação das relativas resumptivas em chinês e em português. Os dados em português baseiam-se, principalmente, no trabalho de Alexandre (2000). Com base no trabalho de Adger & Ramchand (2002, 2005) e Pan (2016), abordarei a estratégia resumptiva nas relativas em chinês. Finalmente, as resumptivas em chinês e em português serão comparadas, tendo por quadro teórico o programa minimalista.

2. O quadro teórico.

O presente trabalho é desenvolvido no âmbito da gramática generativa proposta por Chomsky. Neste quadro teórico, admite-se que todas as línguas partilham determinadas propriedades que podem ser analisadas por um sistema de princípios e parâmetros, atualmente renovado em termos do programa minimalista (Chomsky 1995b).

Na Teoria da Regência e da Ligação, salientam-se os três princípios A, B e C (Chomsky 1981, 1986a), relevantes à reconstrução em orações relativas, ilustrados abaixo:

Principle A: an anaphor must be bound in its governing category.

¹ O núcleo NP refere-se ao núcleo da oração relativa.

Principle B: *a pronoun must be free (i.e., not bound) within its governing category.*

Principle C: *an R-expression must be free (i.e., not bound).*

O princípio A é usado para verificar se os núcleos da oração relativa envolvem a reconstrução, por exemplo:

(1) 每个人_i会开来 t_j 的[自己_i的车]_j。

Mei-ge ren_i hui kai lai t_j de [ziji_i de che]_j.

Cada-CL pessoa_i ir conduzir cá t_j DE próprio_i DE carro.

‘[O seu próprio_i carro]_j que cada pessoa_i vai conduzir t_j até cá.

O núcleo da oração relativa ‘cada pessoa’ e a anáfora ‘próprio’ ficam em diferentes domínios, mas estes têm a mesma referência. Por isso, as orações relativas canônicas em chinês permitem a reconstrução e estas são derivadas por *Head-Raising*.

Na Teoria da Regência e da Ligação, a reconstrução é um argumento que prova a existência de operações de movimento.

As relativas canônicas em chinês estão sujeitas aos efeitos de ilha:

(2) *这就是e喜欢的女孩的小明。

Zhe jiushi e xihuan de nvhai de Xiaoming.

Este ser e gostar DE menina DE Xiaoming.

*‘Esta é Xiaoming que a menina de que e gosta.’

Os efeitos de ilha, na Teoria da Regência e da Ligação, constituem um outro argumento que prova movimento potencial, porque o movimento não pode ultrapassar uma ilha.

Para além de reconstrução e dos efeitos de ilha, outra propriedade dominante das relativas resumptivas é o efeito de cruzamento forte, reconduzido na Teoria da Regência e da Ligação ao Princípio C. Assim, o princípio C da Teoria da Ligação serve como evidência para os pronomes resumptivos serem variáveis.

No entanto, o programa minimalista trata os efeitos de ilha, o efeito de cruzamento forte e a reconstrução de forma diferente.

As operações mais básicas no programa minimalista são *Merge*, *Match*, *Agree* e *Move*. A operação de *Merge* é um processo para conjugar dois elementos para formar um novo elemento. A operação de *Match* é um processo em que um *Probe* encontra um *Goal* e este processo realiza-se quando os dois elementos relevantes têm os mesmos traços e os atributos dos traços são idênticos. A operação de *Agree*, para além de exigir os mesmos atributos dos mesmos traços, exige também que os valores dos atributos sejam idênticos. Para além disso, a operação de *Agree* só é realizada em caso de um traço interpretável encontrar um outro traço não interpretável correspondente. A operação de *Move* é realizada quando existir o traço EPP.

Sob o programa minimalista, a operação de *Agree* é sensível ao efeito de ilha, a sensibilidade ao efeito de cruzamento forte prova a existência do traço interpretável [var] do elemento relativizado, mas a reconstrução envolve a operação de *Move*, porque a operação de *Agree* não é suficiente para provocar a reconstrução.

As relativas resumptivas em chinês, são sensíveis a efeitos de ilha e ao cruzamento forte, mas não permitem a reconstrução. As relativas resumptivas em português não permitem a reconstrução, são sensíveis ao cruzamento forte, mas não são sensíveis a efeitos de ilha.

Podemos ver que a única distinção entre as relativas em português e em chinês incide nos efeitos de ilha. Assumir-se-á neste trabalho que são os traços em C que suscitam esta distinção. O complementador em chinês tem o traço não interpretável [var] que concorda com o traço [var] interpretável do pronome resumptivo, enquanto o complementador em português não o tem, por isso, as relativas resumptivas em português não são derivadas por *Agree*. Assim, não são sensíveis a efeitos de ilha.

Capítulo I O chinês tem orações relativas

0. Introdução.

Este capítulo tem por objetivo proceder a uma breve revisão dos trabalhos de Comrie (1996, 1998, 2002) e de Xu (2009) para dar conta do chinês, que se diferencia do japonês pelo facto de ter orações relativas.

Na secção 1, farei a revisão do trabalho de Comrie, que assume que o japonês é uma língua sem orações relativas, porque é uma língua de anáfora nula e as orações relativas podem ser analisadas como frases completivas. Além disso, nesta língua as orações relativas, como as frases completivas, não produzem efeitos de ilha.

Na secção 2, considerarei o trabalho de Xu (2009), que assume que, embora as orações relativas e as completivas partilhem algumas propriedades em comum, as relativas distinguem-se das frases completivas em chinês. Assim, o chinês é uma língua que tem orações relativas.

1. O Japonês não tem orações relativas (Comrie 1996, 1998, 2002)

De acordo com os estudos de Comrie (1996, 1998), línguas asiáticas como por exemplo o japonês e o coreano não disponibilizam orações relativas. Este facto é atestado pelos argumentos seguintes:

a) O japonês é uma língua de anáfora nula. (cf. (1))

(1) *gakusei ga katta.*

Estudante NOM comprou

‘O estudante comprou.’ / ‘O estudante comprou-o.’

A frase (1) é correta no japonês e genericamente, a posição vazia de objeto direto é considerada como ocupada por *pro* (cf. Comrie 2002).

b) As orações relativas assemelham-se estruturalmente às frases completivas de nome.

(2) a. *gakusei ga hon o katta.*

estudante NOM livro ACC comprou

‘O estudante comprou o livro’

b. [*gakusei ga katta pro*] *hon.*

estudante NOM comprou livro

‘O livro que o estudante comprou.’

c. [*gakusei ga hon o katta*] *zizitu.*

estudante NOM livro ACC comprou facto

‘O facto de que o estudante comprou o livro.’

O japonês não tem pronomes relativos e a estrutura de frases completivas de nome (cf. (2c)) é morfologicamente igual à das orações relativas (cf. (2b)).

Podemos ver que o exemplo (1) é uma frase com o objeto nulo e esta frase é aceitável em japonês, por isso, o vazio presente na oração encaixada do exemplo (2b), em vez de ser o vestígio decorrente de movimento para a oração matriz, como acontece em português, pode ser ocupado por *pro*. Assim, a estrutura de (2b) é análoga à de (2c), que é uma frase completiva de nome.

c) Os efeitos de ilha não se fazem sentir em orações relativas no japonês.

(3) a. [*Inn o katta ita*] *kodomo ga sindesimatta.*

Cão ACC guarda estava menino NOM morreu.

‘O menino que estava guardando o cão morreu.’

b. [[*e_i e_j katta ita*] *kodomo_i ga sindesimatta*] *inn_j.*

guardado estava menino_i NOM morreu cão_j

*‘O cão_i [que o menino_j [que e_j estava guardando e_i] morreu.’

Frases como (3b) não são aceites em línguas como o português (veja-se a agramaticalidade da tradução de (3b)) em português, porque (3a) é uma frase de NP-complexo e a extração de um elemento de dentro desse NP estaria sujeita a efeito de ilha (cf. *Complex NP Constraint*, Ross 1967), que não se verifica em (3a).

Os três argumentos acima apresentados são propostos em Comrie (2002) para dar conta de o japonês não disponibilizar as propriedades que caracterizam tipicamente as relativas.

2. Existem orações relativas em chinês (Xu 2009, Huang, Li&Li 2009).

O chinês assemelha-se ao japonês em muitos aspetos. Primeiro, é uma língua que também permite a anáfora nula (Huang 1982); segundo, esta língua não disponibiliza pronomes relativos; terceiro, a construção de oração relativa é realizada pela partícula *de*, que se encontra em todas as frases que envolvem modificadores de nomes, ou seja, o morfema que introduz as relativas é partilhado com outras estruturas. Por isso, há linguistas que assumem que o chinês não tem orações relativas (Comrie 2002, Ross 1983, entre outros).

No entanto, Xu (2009) mostrou que, embora as orações relativas em chinês partilhem muitas propriedades com orações equivalentes em japonês, as relativas nestas duas línguas não podem ser analisadas de forma idêntica. As relativas em japonês têm a mesma estrutura que as orações completivas, mas as relativas em chinês diferenciam-se das frases completivas de nome e das outras orações atributivas².

Os argumentos em que Xu (2009) se baseia são os seguintes:

- a) Embora o chinês permita a anáfora nula, apenas o vazio na posição de sujeito, não o na posição de complemento, é caracterizável como *pro* (Huang 1989:196), porque a contrapartida em chinês do exemplo (1), ilustrado abaixo como (4), é agramatical:

² Oações atributivas: orações constituídas por duas partes, um nome e um constituinte que modifica o nome (ou seja, o modificador de nome), e a partícula *de* é inserida entre estes dois elementos.

Em chinês, todos os sintagmas podem modificar o nome, por isso, o constituinte pode ser AdjP, PP, VP, NP, etc.

Nestas orações, os constituintes são designados atributivos.

Por isso, pode-se dizer que as orações atributivas incluem as orações relativas. Nas frases completivas de nome, a frase é um complemento do nome e nas atributivas, é um modificador.

(4) *小明买了 *e*。

**xiaoming mai-le e*.

Xiaoming comprar-LE *e*.

*‘Xiaoming comprou *pro*.’

Com efeito, de acordo com Huang (1984, 1989), o objeto nulo em chinês apenas ocorre nas respostas:

(5) a: 谁买了这本书? 小张还是小明?

Shei mai-le zhe-ben shu? Xiaozhang haishi Xiaoming?

Quem comprar-LE este-CL livro? Xiaozhang ou Xiaoming?

‘Quem comprou este livro? Xiaozhang ou Xiaoming?’

b: 小明买了 *e* 小张没买 *e*。

Xiaoming mai-le e Xiaozhang mei mai e

Xiaoming comprar-LE *e* Xiaozhang não comprar *e*

‘Xiaoming comprou-o, Xiaozhang não.’

A frase (5b) é a resposta para a frase (5a). O objeto nulo na resposta de (5b), não é identificado como *pro*, mas, de acordo com Huang (1984, 1989:197), como uma variável ligada por um tópico nulo, no caso referente a *zhe ben shu* ‘este livro’

O português europeu também não permite a ocorrência de *pro* na posição de objeto direto e o objeto nulo é, como no chinês, caracterizado como uma variável ligada por um tópico nulo, considerada como o resultado de movimento (Raposo 1986).

b) As orações relativas permitem a ocorrência do núcleo foneticamente nulo, enquanto as frases completivas de nome não.

(6) a. [[他告诉我的]*e* 不是真的。

[[*ta gaosu wo*] *de*] *e bu shi zhende*.

ele dizer eu DE e não ser verdadeiro.

‘O que ele me disse não era verdadeiro.’

a’. [[[他告诉我]的]消息]不是真的。

[[[*ta gaosu wo*] *de*] *xiaoxi*] *bu shi zhende*.

ele dizer eu DE notícia não ser verdadeiro.

‘A notícia que ele me transmitiu não é verdadeira.’

b.* [[他辞职]的]不是真的。

[[*ta cizhi*] *de*] *bu shi zhende*.

ele despedir-se DE não ser verdadeira.

b’. [[他辞职的]消息]不是真的。

[[*ta cizhi*] *de*] *xiaoxi*] *bu shi zhende*.

Ele despedir-se DE notícia não ser verdade.

‘A notícia de que ele se despediu não é verdadeira.’

(Xu 2009:37)

A frase (6a) é, pois, uma oração relativa com o núcleo NP, ou seja, o antecedente, foneticamente vazio.

Xu (2009) assume que apenas as orações relativas (cf. (6a’)) e não as orações completivas (cf. (6b’)), permitem que o núcleo nominal da oração seja nulo (cf., (6a) e (6b)) e que a condição necessária para o núcleo nulo ocorrer é existir um vazio dentro da oração subordinada. A oração subordinada em (6a’) é *ta gaosu wo* ‘ele disse-me’ e esta oração envolve um vazio na posição de objeto direto, neste caso, o núcleo da oração relativa, i.e., o antecedente, pode ser foneticamente vazio, formando então uma oração relativa livre de objeto direto. Em (6b’), pelo contrário, a oração subordinada *ta cizhi* ‘ele renunciou’ não envolve nenhum vazio, porque o verbo *cizhi* ‘despedir’ precisa apenas de um argumento externo e *ta* ‘ele’ está presente. Neste caso, o núcleo da oração subordinada não pode ser omitido.

Em suma, as orações relativas em chinês, diferentemente do que acontece em japonês, têm

uma estrutura diversa das frases completivas, por isso, vou assumir neste trabalho que o chinês é uma língua que tem orações relativas.

3. Conclusão.

Este capítulo serve de base a todo o trabalho, porque se assume que o chinês, embora partilhe muitos aspetos comuns com o japonês, é uma língua que tem orações relativas.

Os trabalhos de Comrie (1996, 1998, 2002) propõem que o japonês não tem orações relativas, porque é uma língua de anáfora nula e as relativas têm a mesma estrutura que as frases completivas de nome e não estão sujeitas a efeitos de ilha.

O chinês também é uma língua de anáfora nula, mas apenas a posição de SU é ocupada por *pro*. O objeto nulo é uma variável ligada por um tópico nulo. As relativas em chinês estão sujeitas a efeitos de ilha. Distinguem-se das frases completivas de nome porque o núcleo das relativas pode ser foneticamente nulo, enquanto o núcleo NP (i.e., o NP modificado) das frases completivas de nome não pode ser foneticamente nulo. Por isso, as relativas em chinês diferenciam-se das relativas em japonês em termos de as relativas e as frases completivas em chinês terem propriedades distintas, enquanto as duas em japonês partilham mesmas estruturas.

Capítulo II A construção de modificação de nome

0. Introdução.

Vimos na secção anterior que o chinês é uma língua que não disponibiliza pronomes relativos e em que as orações relativas são introduzidas pela partícula *de*, uma partícula que é partilhada em todas as estruturas de modificadores e complementos de nome.

Para além de VPs, todos os sintagmas podem modificar o nome e neste caso, a partícula *de* é inserida entre os modificadores (i.e., XPs) e os modificados (i.e., NPs).

Quando os VPs (TPs/CPs) modificam os NPs, a sequência de ‘VPs+*de*’ é analisada como oração relativa, em que o VP está integrado num TP. Que acontece com os outros sintagmas? As sequências de ‘NPs+*de*’, ‘PPs+*de*’ e ‘AdjPs+*de*’ podem ou não ser analisadas como orações relativas? Este capítulo visa responder a esta pergunta.

Faz-se notar que os PPs e os AdjPs podem funcionar como predicados porque estes têm tradicionalmente a sua origem em verbos. Por isso, a pergunta acima colocada é pertinente.

A secção 1 visa esclarecer que existem três ‘*de*’s em chinês, que têm mesmas pronúncia, mas diferentes funções. A partícula *de*₁ ‘地’ ocorre em posição pós-verbal tornando os verbos em advérbios. A partícula *de*₂ ‘得’ ocorre entre os verbos e os adjetivos. A partícula *de*₃ ‘的’ ocorre antes de nomes. Apenas *de*₃ se relaciona com as orações relativas.

As secções 2, 3 e 4 colocam a questão de se *de*₃ em todos os casos de modificação de nome pode ser analisada de maneira igual. A secção 2 visa rever o estudo de Li (1985), em que assume que *de*₃ é um atribuidor de caso.

A secção 3 propõe que as posições (i.e., as palavras que seguem os nomes, com a mesma função das preposições) são, de facto, categorias de [+N] e, por isso, podem preceder a partícula *de*₃. Porém, há quatro tipos de preposições em chinês: O primeiro tipo de preposições são as similares a *cong* ‘de’, que não funcionam como predicados e, por isso, a sequência de ‘PPs+*de*₃’ não seria analisada como oração relativa. O segundo tipo de preposições são as semelhantes a *yan* ‘ao longo de’. Este tipo de preposições pode preceder *de*₃, mas não pode funcionar como predicado, por isso, os PPs encabeçados por elas não são analisados como orações relativas. O terceiro tipo de preposições é ilustrado, por exemplo, por *guanyu* ‘sobre’. Estas diferenciam-se

de *yan* ‘ao longo de’, porque ocorrem no início da frase (Huang, Li&Li 2009). O último tipo de preposições é representado, por exemplo, por *zai* ‘em’ e *gei* ‘a’, elementos híbridos nos termos de Huang, Li&Li (2009), porque têm valores semânticos como verbos: *zai* ‘estar em’, *gei* ‘dar’. Pelo contrário, Paul (2014) propôs que o último tipo de preposição não é constituído por elementos híbridos, mas a sua forma corresponde a duas categorias diferentes, isto é, existe a preposição *zai* ‘em’ e o verbo *zai* ‘estar em’. Aceitando estes estudos, vou propor que quando estas preposições funcionam como predicados, os PPs encabeçados pelos verbos *gei/zai* são analisados como orações relativas.

A secção 4 envolve a análise de adjetivos. Os adjetivos podem funcionar como predicados apenas com o auxílio de um advérbio de grau: *hen* ‘muito’.

Há linguistas que propõem que *hen* perde o valor semântico (i.e., é semanticamente vazio) quando co-ocorre com os adjetivos (Aoun&Li 2003, Li 1985, entre outros), enquanto outros propõem que *hen* mantém o seu estatuto de advérbio de grau (Xu 2009, Niu 2015). De acordo com Niu (2015), os adjetivos podem funcionar como predicados apenas quando as frases criam alternativas de escala. *Hen* ‘muito’ cria uma alternativa de escala entre ele próprio e outros advérbios de grau, como por exemplo, *chaoji* ‘super’, *jiqi* ‘extremamente’, etc. Elementos que criam alternativas de escala são advérbios de grau, negações, marcadores comparativos, entre outros, e para além destes elementos, a focalização. Por isso, quando os adjetivos são focalizados, funcionam como predicados, isto é, os adjetivos que não são focalizados nem coocorrem com *hen*, não podem funcionar como predicados.

Aceitando a análise de Niu (2015), vou propor que quando os adjetivos coocorrem com *hen*, a sequência toda: ‘*hen+adj+de*’ pode ser analisada como oração relativa. Quando os adjetivos não ocorrem com elementos que criam alternativas de escala, a sequência: [ModP[AdjP adj] *de*] não pode ser analisada como oração relativa, exceto se os adjetivos forem focalizados: [CP[TP adj^{FOC}] *de*].

1. Os três tipos de ‘*de*’s em chinês

Depois de dar uma panorâmica geral sobre a ordem dos constituintes em chinês, podemos

começar a analisar *de*. Em chinês, existem três tipos de ‘*de*’s que têm a mesma pronúncia, mas divergem-se em valores sintáticos. Apenas um deles se relaciona com as orações relativas.

Será feita a apresentação genérica das duas partículas ‘*de*’³ que não se prendem com orações relativas nas secções 1.2 e 2.2. Entrarei em discussão detalhada sobre as propriedades da partícula *de* nas orações relativas a partir da secção 2.

Para marcar a distinção, vou adicionar os números 1, 2 e 3 no final de cada partícula. *de*₁(地), *de*₂(得), *de*₃(的).

1.1. *De*₁ (地)

A partícula *de*₁ (地) é usada depois de um adjetivo e forma com ele um constituinte novo, o qual precede normalmente o verbo. Juntos funcionam como um advérbio. Por exemplo:

(1) 父亲严厉地₁ 批评了儿子

Fuqin yanli de₁ piping le erzi.

pai rigoroso DE₁ criticar LE filho

‘O pai criticou o filho rigorosamente.’

(Li&Thompson, 1981)

No exemplo (1), *yanli* é um adjetivo e significa *rigoroso*. A partícula *de*₁ segue o adjetivo *yanli* e conjuntamente formam um constituinte novo: *yanli de*₁, que significa *rigorosamente*. Este advérbio pode modificar então o verbo *piping* ‘criticar’.

No fundo, os advérbios em chinês são constituídos por um adjetivo mais a partícula *de*₁ que o segue. Por outras palavras, *de*₁ pode ser considerado como análogo ao sufixo *-mente* em português que é usado no final do adjetivo, só que *de*₁ não é um sufixo, mas um morfema que pode marcar um adjetivo como advérbio.

Os advérbios que envolvem *de*₁ em chinês modificam verbos. No exemplo (1), *yanli de*₁

³ Outras análises de *de* podem ser encontradas em Li&Thompson (1981).

‘rigorosamente’ modifica o verbo *piping* ‘criticar’.

1.2. *De*₂ (得)

A partícula *de*₂ (得) no chinês também está relacionada com os verbos. No chinês, tal como noutras línguas, existem verbos compostos que, de forma genérica, são formados por dois constituintes. Estes constituintes podem por si só formar um composto verbal resultativo:

‘The two elements compound is called a resultative verb compound if the second element signals some result of the action or process conveyed by the first element.’

(Li&Thompson,1981)

(2) a. 他把门拉开了。

Ta ba men la kai le .

Ele BA porta puxar aberto LE.

Ele puxa a porta até ficar aberta.

La kai ‘puxar aberto’ na frase (2a) é um bom exemplo do verbo composto resultativo. Como se mostra na glosa, *la* ‘puxar’ é uma ação que tem como resultado o estado final *kai* ‘aberto’ que afeta a porta.

A partícula *de*₂ (得) pode ocorrer entre estes verbos. Quando ocorre entre os dois constituintes na construção do verbo composto resultativo, a partícula *de*₂ permite que, a ação ou o processo veiculado pelo primeiro elemento verbal seja capaz de chegar ao estado final veiculado pelo segundo elemento.

(2) b. 门拉得开

men la de₂ kai

Porta puxar DE₂ aberto

‘A porta é capaz de ficar aberta através de puxar.’ (interpretação indireta)

Em (2b), a partícula *de*₂ que ocorre entre *la* e *kai* implica que a porta não está avariada e pode

ficar aberta se sobre ela for exercida a ação de ‘puxar’.

A distinção de um verbo composto resultativo com *de*₂ e sem *de*₂, i.e., a distinção entre (2a) e (2b), tem a ver com o facto de que (2b) enfatiza o valor de ‘ser capaz de’ enquanto o exemplo (2a) mostra simplesmente o resultado do primeiro elemento.

Até agora falámos sobre as partículas *de*₁ e *de*₂. A partícula *de*₁ é um morfema colocado depois de um adjetivo e conjuntamente com ele funciona como um advérbio que modifica o verbo. A estrutura que envolve *de*₁ pode ser esquematizada como ADJ+DE₁+V. Quando um adjetivo modifica um verbo, *de*₂ é inserida entre eles e a estrutura pode ser esquematizada como V+DE₂+ADJ.

2. A partícula *de*₃ (的) na literatura.

Em estudos tradicionais sobre o chinês, a partícula *de*₃⁴ é classificada como uma marca de atributivo (ou marcador de modificação de nome). Quando os constituintes modificam uma expressão nominal (o modificado), são designados ‘atributivos’. Neste caso, a partícula *de* é inserida entre o modificado e o atributivo. Generalizando, *de* é usada em todos os tipos de projeções nominais, incluindo os NPs complexos (i.e., as orações relativas e as frases completivas de nome).

Para além de VPs, outras categorias, a saber, NPs, AdjPs e PPs⁵ podem preceder *de* e formam com o modificado um novo NP (ver os exemplos (3c), (14b), (34b) deste capítulo).

A estrutura de modificação nominal em chinês pode então ser esquematizada como segue:

- (i) AdjP/NP/PP/VP (CP) + *de* + NP.

Por causa da sua ampla aplicação, os estudos sobre a partícula *de* nos últimos 40 anos e até hoje são heterogéneos e ainda não há uma análise satisfatória que possa englobar todas as propriedades que manifesta nas diferentes estruturas.

⁴ Vou designar *de*₃ como *de* no resto do trabalho e DE nas glossas dos exemplos.

⁵ Apenas os PPs que podem funcionar como verbos ou PPs de ‘place nouns’ podem preceder ‘de’ (Li 1985).

Li (1985) propôs que *de* é um atribuidor de caso, Larson (2009a) propôs que *de* é *concordializer*, i.e., um marcador de concordância, Cheng (1986) assume que *de* é um complementador e ocorre na posição de núcleo de CP. Zhang (1999) admite-se que *de* é o núcleo de uma projeção funcional nP, análoga a vP (Chomsky 1995b). Paul (2014) considera que *de* é núcleo de uma projeção *deP*, diferentemente da projeção funcional nP proposta por Zhang (1999) e seleciona NP como o seu complemento.

A maioria dos estudos sobre a partícula *de* rejeita a ideia de ela ser idêntica em todas as estruturas em que ocorre. Vou assumir neste trabalho que *de* tem funções diferentes em estruturas diferentes e mesmo que o chinês não disponha de pronomes relativos, a partícula *de* que introduz as orações relativas é diferente de *de* noutras frases.

Começarei, na secção seguinte, por apresentar duas propostas relacionadas, uma é a proposta de Li (1985), que assume que *de* é um atribuidor de caso na estrutura ‘XP+*de*+NP’, a outra é a proposta de Larson (2009a, b), que assume que *de* é um marcador de concordância.

2.1. Li (1985)

Li (1985) considera que na estrutura de ‘XP+*de*+NP’ (cf. (i)), a partícula *de* serve como um atribuidor de caso. Esta ideia é inspirada pelo estudo de *'s* em inglês na estrutura de ‘NP₁*'s* NP₂’ em que *'s* é analisado como atribuidor de caso genitivo e o NP₁ serve como o possuidor do NP₂ que o segue. Igualmente, a partícula *de* atribui caso genitivo ao NP₁ e faz com que o NP₁ seja possuidor de NP₂, mas esta partícula não se restringe apenas ao caso genitivo, e genericamente o NP₁ funciona como modificador de NP₂. Li (1985) propôs que a partícula *de* em chinês é um atribuidor de caso e a posição que a precede é a posição casualmente marcada.

Li (1985) argumenta que se, para além de NPs, outras categorias— neste caso, os AdjPs, os NPs e os NP-complexos (i.e., orações relativas e frases completivas de nome) que precedem *de* — puderem receber caso, a sua hipótese está correta, porque os elementos [+N] recebem caso e as categorias acima referidas são todos elementos [+N]. Li (1985) conclui, com exemplos concretos, que os AdjPs e os NPs-complexos podem preceder *de* e, por isso, *de* é atribuidor de caso em chinês.

2.1.1. NP₁+*de*+NP₂

Os exemplos (3a) e (3c) ilustram os casos em que os NP₁s dentro da estrutura de NP₁+*de*+NP₂ são um pronome pessoal e uma expressão-R, respetivamente.

(3) a. 我的研究

Wo de yanjiu.

Eu DE investigação

‘A minha investigação’

(adotado de Li 1985:33, com a tradução em português)

b. 他希望我能给他买一本书

ta xiwang wo neng gei ta mai yi ben shu.

ele esperar eu poder para ele comprar um CI livro.

‘Ele espera que eu lhe possa comprar um livro.’

c. 那间餐厅的食物

na jian canting de shiwu

aquele CI restaurante DE comida

‘A comida daquele restaurante.’

O caso associado ao chinês é o Caso Abstrato uniforme. Isto é, a forma morfológica de um elemento nominal (pronome pessoal ou uma expressão-R) não é influenciada pelo caso recebido.

Compare-se o pronome pessoal ‘*wo*’ (‘eu’) em (3a) e (3b), vemos que este está sempre na sua forma reta independentemente do caso recebido (o caso nominativo e acusativo respetivamente). O mesmo acontece com as duas ocorrências de ‘*ta*’s no exemplo (3b) que são morfológicamente idênticas mesmo que recebam casos diferentes (i.e., o caso nominativo e o caso dativo).

Li (1985) afirma que, como em inglês, a posição de possuidor de um NP é uma posição de caso em chinês. Isto implica que quando os NP₁s são pronomes pessoais, os NP₁s são os possuidores de NP₂s. Porém, os NP₁s e os NP₂s não exibem apenas a relação de posse, mas

também as de modificação e de restrição. Vejam os exemplos (4) - (6) abaixo, retirados de Yin (1990: 422) com a tradução em português:

(4) 历史的经验

lishi de jingyan

história DE experiência

‘A experiência da história’

(5) 狐狸的尾巴

huli de weiba

raposa DE cauda

‘A cauda da raposa’

(6) 地球上的生物

diqui-shang de shengwu

terra-cima DE seres vivos’

‘Os seres vivos sobre a Terra’.

De acordo com Yin (1990), *lishi* (‘história’), no exemplo (4), modifica *jingyan* (‘experiência’). No exemplo (5), *huli* (‘raposa’) é possuidor de *weiba* (‘cauda’) e no exemplo (6), *diquishang* (‘acima de Terra’) e *shengwu* (‘seres vivos’) estabelecem uma relação restritiva, por outras palavras, *diquishang* restringe o âmbito de *shengwu*.

2.2. Larson (2009 a, b)

Larson (2009a, b) concorda com Li (1985) e assume que a partícula *de* está relacionada com caso, mas não admite que esta seja um atribuidor de caso; pelo contrário, admite que é um elemento adjetival que estabelece a concordância entre os modificados e os modificadores:

‘*DE is an adjectival/concordializing element...*’

(Larson 2009a:66-67).

Larson (2009a, b) considera que a partícula *de*, geralmente analisada como marcador de modificação em chinês, exibe comportamentos equiparáveis às partículas que ocorrem em estruturas de modificação nominal em certas línguas iranianas, as quais são designadas: ‘*Reverse Ezef Partical*’ (REZ, doravante).

De acordo com o comportamento das partículas que ocorrem em estruturas nominais, as línguas iranianas podem ser divididas em três tipos: Línguas de *Ezafe* (EZ), línguas de *Ezafe Reverso* (REZ) e línguas de não-*Ezafe* (NEZ). Os primeiros dois tipos, que apresentarei logo a seguir, são parecidos como a preposição ‘de’ em português e a partícula *de* em chinês respectivamente.

Línguas de *Ezafe*: o núcleo de [+N] é seguido por complementos e modificadores:

(7) *manzel – é John.* (N-EZ-NP)

casa – EZ João

‘A casa do João.’

A estrutura de modificação nominal em línguas de EZ pode ser esquematizada como segue:

(ii) N-EZ-NP/AP/PP/não-finito CP

(Larson 2009a:2)

De acordo com Larson (2009a, b), a partícula EZ é um verificador/atribuidor de caso e os modificadores recebem o caso atribuído por ela.

Para Samiiian (1983, 1994), *Ezafe* é um elemento parecido como a preposição *of* em inglês:

‘...*Ezafe*...checks case on the following elements, and cliticizes onto the preceding one...’

(Larson 2009b)

Comparando com o português, *Ezafe* assemelha-se à preposição ‘de’, que é também um atribuidor de caso.

Nas Línguas de REZ: os modificadores precedem os constituintes modificados, por exemplo:

- (8) John-é Xowne (NP-*REZ* N)
 Jonh-*REZ* house
 ‘A casa de John.’

A estrutura de modificação em línguas de *REZ* é esquematizada como segue:

- (iii) NP/AP/PP-**REZ**-N

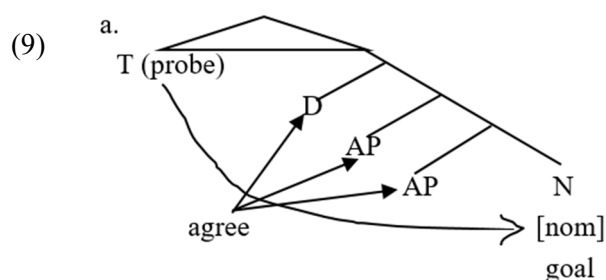
(Larson 2009a: 3)

Faz-se notar que a diferença entre as estruturas (ii) e (iii), que contêm as partículas *EZ* e *REZ* respetivamente, reside na ordem de modificados e modificadores. Isto é, na estrutura de modificação em que ocorre a partícula *EZ*, os modificados precedem os modificadores enquanto na estrutura de modificação em que ocorre a partícula *REZ*, os modificadores precedem os modificados.

Neste aspeto, a preposição ‘de’ em português assemelha-se à partícula *EZ*, e a partícula *de* em chinês assemelha-se à partícula *REZ*.

A partícula invariante *REZ*, diferentemente de *EZ*, que é um atribuidor de caso, não atribui caso e funciona como ‘*concordializer/adjectivalizer*’. Isto é, os modificadores e os modificados (NPs) são conectados por *REZ* que ocorre na posição de modificado.

A seguir, vamos ver como é que a partícula *REZ* estabelece a concordância entre os modificados e os modificadores. Os sintagmas nominais podem funcionar como sujeitos ou objetos diretos, no caso de NP funcionar como sujeito da frase (cf. (9a)), é o núcleo da categoria funcional T que atribui caso. Em línguas de *REZ*, os modificadores precedem os modificados (i.e., os NPs) e no processo de T procurar uma categoria nominal para verificar o caso [case], o traço [caso] em T concorda com os modificadores (i.e., os XPs) (Larson 2009a). Larson (2009a) considera que apenas o caso [nom] no modificado (i.e., um NP) é o caso verdadeiro, por isso, o traço em T apenas concorda com outros constituintes (i.e., modificadores) em caso [nom], mas verifica o traço [nom] no modificado.



(Larson 2009b: 52)

Como já disse, a partícula *de* em chinês é como *REZ* em línguas iranianas, que é um *concordializar*, por isso, o exemplo (9a') pode ser analisado como tendo a representação em (9a)

(9) a'. [[TP_{SU}[D这个][ADJ漂亮的]女孩]喜欢]唱歌。

[[[zhe-ge piaoliang] de] nvhai] xihuan changge.

Esta-Cl bonita DE menina gostar cantar.

'Esta menina bonita gosta de cantar.'

O traço de [caso] de *xihuan* 'gostar' em (9a') concorda com os casos do determinante *zhege* 'esta' e do adjetivo *piaoliang* 'bonita', mas apenas verifica o traço [nom] em *nahai* 'menina'.

Por isso, os XPs (os modificadores) têm que ser [+N] para conseguir concordar com o traço [-N] em T⁶.

Quando o NP funciona como objeto direto (cf. (9b)), recebe caso atribuído por um elemento [-N], a saber, o verbo. Os modificadores de NP também concordam em o caso com o [caso] em *v*, mas não o verificam, porque, seguindo Larson (2009a), apenas o caso em N (o modificado) é o caso verdadeiro. O caso de [caso] em *v* é verificado pelo caso [acc] no modificado.

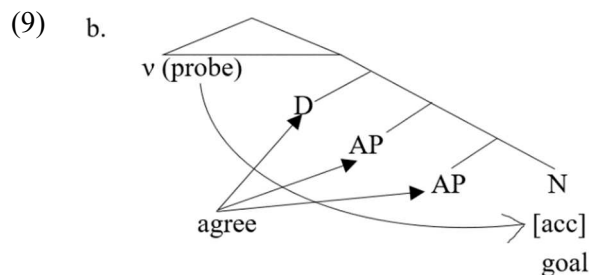
⁶ Note que os PPs com o traço [-N] também podem modificar os NPs, o que contradiz a esta teoria.

(1) [_{PP}[_P guanyu] lishi] de wenxian.

Sobre história DE documentos.

'Os documentos sobre a história.'

Apresentarei a análise detalhada dos PPs na secção 3. deste capítulo.



(Larson 2009b: 52)

b'. 我喜欢[[[那个漂亮]的]女孩]。

wo xihuan [[[na-ge piaoliang] de] nvhai].

Eu gostar aquele-CL bonita DE menina.

‘Eu gosto daquela menina bonita.’

A partícula *de* em chinês, tendo em conta os exemplos (3) - (6) acima, é parecida com o marcador de modificação nas línguas de *REZ* em que os modificadores precedem o modificado. A partícula *de* não é atribuidor de caso, mas um elemento que estabelece a concordância, ou seja, um *concordializer*, nos termos de Larson (2009b).

Na secção seguinte, apresentarei os casos de PP+*de*+NP, AdjP+*de*+NP e ‘NP-complexo’+*de*+NP para verificar se a proposta de Li (1985) e Larson (2009 a, b) é correta ou não.

3. PP+*de*+NP

Assume-se classicamente que os elementos de [-N], como, por exemplo, as preposições, podem atribuir caso. Por isso, no exemplo seguinte do português, a preposição sublinhada, ‘*de*’ atribui caso oblíquo ao pronome pessoal ‘*si*’.

(10) A Maria gosta de *si*.

Para o chinês, a situação é diferente. O chinês tem preposições e posposições e ambas têm origem histórica nos verbos e isso causa dificuldade em classificá-las.

A presente secção não se dedica ao estudo das propriedades das preposições a fim de distingui-las dos verbos. Mas o facto de algumas preposições em chinês funcionarem como predicados dá indicações para a possibilidade de analisar os PPs contendo estas preposições na posição antes de *de* como um tipo de oração relativa. Por isso, nesta secção, procurar-se-á estabelecer quais são as preposições em chinês que, quando precedem *de*, os PPs encabeçados por elas podem ser analisados como orações relativas.

3.1. As posposições em chinês---sua semelhança com os nomes locativos

Em chinês, de acordo com a análise de Li (1985), a posição precedente a *de* é aquela a que *de* atribui caso. As preposições são categorias de [-N], por isso, as preposições em chinês, como no português, não recebem caso, então, prediz-se que os sintagmas preposicionais em chinês não podem preceder a partícula *de*.

Contudo, um contra-exemplo a esta impossibilidade teórica é a estrutura ‘PP+*de*+NP’ seguidamente ilustrada:

(11) a. 桌子上的书。

Zhuozi shang de shu.

Mesa acima DE livro.

‘O livro em cima de mesa’.

(Li 1985)

b. 房间里的玩具

Fangjian li de wanju.

Quarto dentro DE brinquedos.

‘Os brinquedos dentro do quarto’.

De acordo com a análise de Li (1985), as palavras *shang* ‘acima’ e *li* ‘dentro’ que precedem a partícula *de* são classicamente designadas como posposições, mas são, na realidade, nomes locativos, porque podem ocorrer em posições idênticas às dos NPs, precedendo *de*, isto é, a

distribuição das posposições é idêntica à dos nomes locativos (cf. o exemplo (12)):

(12) a. [_{SU} 桌子上面]很干净

Zhuozi- shang (mian/tou/bian⁷) hen ganjing.

Mesa- (do lado) acima muito limpo.

‘O tampo da mesa está muito limpo.’

b. 他太矮, 看不到[_{OD} 桌子上面].

Ta tai ai, kan bu dao zhuozi- shang (mian).

Ele demasiado baixo, ver não mesa-(de lado) acima.

‘Ele é demasiado baixo, não consegue ver o tampo de mesa.’

(Li 1985)

Por um lado, as posições de SU e de OD são posições tipicamente de NPs, por outro lado, *zhuozi-shang* ‘o lado acima de mesa’ e *fangjian-li* ‘a parte interior de quarto’ em (12a) e (12b) ocorrem nestas duas posições respetivamente, por isso, estas expressões não são PPs, mas NPs.

O outro argumento a favor de os PPs em (11) serem, de facto, NPs é ilustrado com o exemplo abaixo:

(13) a. *我公园里看到他。

**Wo gongyuan-li kandao ta.*

Eu jardim-dentro ver ele.

b. 我在公园里看到他。

Wo zai gongyuan-li kandao ta.

Eu em jardim-dentro ver ele.

‘Eu vi-o no jardim.’

⁷ Palavras como *Mian/tou/bian* (grupo A) podem seguir palavras como *shang* ‘cima’ ou *li* ‘dentro’ (grupo B). Embora não se possa decidir qual é a categoria de *shang* e *li*, podemos afirmar que quando as palavras de grupo A e as de grupo B se conjugam, os constituintes novos, *shang bian/mian/tou* ou *li-mian/bian/tou*, são NPs. Quando este novo NP segue outro NP que indica lugar, como por exemplo *zhuozi shang(-mian)* ‘o espaço em cima de mesa’, a categoria de palavras não muda, ou seja, *zhuozi shang(-mian)* ‘o espaço em cima de mesa’ continua a ser um NP.

(Li 1985, p.57)

Se *gongyuan-li* ‘jardim-dentro’ em (13a-b) fosse um PP, a frase (13a) deveria ser correta. Mas o facto de a frase só se tornar correta com a inserção de *zai* ‘em’ implica que *gongyuanli* não é um PP, mas serve como o complemento da preposição *zai*.

Assim, Li (1985) assume que não existem posposições em chinês, porque estas são, no fundo, nomes locativos. Porém, esta hipótese enfrenta muitas objeções, porque não tem em conta outras posposições, como por exemplo *huiyi shang* ‘durante a reunião’, a qual, obviamente, não pode ser de nomes locativos, porque não tem como a interpretação ‘o lado em cima da reunião’ (Paul 2014).

Por isso, devido à semelhança das posposições com os nomes locativos, há linguistas que assumem que as posposições são nomes (Li 1985) enquanto outros consideram que são uma categoria híbrida derivada a partir dos nomes (Huang, Li, Li 2009: 17).

Não irei desenvolver mais este assunto, porque esta ambiguidade não se relaciona com os predicados.

3.2. As preposições verdadeiras também podem preceder *de*.

Até agora, vimos que as posposições podem ser nomes locativos e que projetam NPs, uma categoria de [+N] que recebe caso e que ocorre na posição precedente a *de*. Portanto, o caso das posposições em chinês não pode servir como contraexemplo à proposta de Li (1985) e de Larson (2009 a, b).

Mais ainda, nos trabalhos destes autores, as preposições verdadeiras, por exemplo *cong* e *wei*, são categorias de [-N] e não podem preceder a partícula *de* (cf. (14a) e (14’a)).

(14) a. *从美国的人。

**Cong meiguo de ren.*

De EUA DE pessoa.

‘Uma pessoa dos EUA.’

b. 从美国来的人。

Cong meiguo lai de ren.

De EUA vir DE pessoa.

‘Uma pessoa vem dos EUA.’

(Li 1985)

c. *他从美国。

**Ta cong meiguo.*

Ele de EUA

d. 他从美国来。

Ta cong meiguo lai.

Ele de EUA vir.

‘Ele vem dos EUA.’

(14’) a. *为他的晚会。

**Wei ta de wanhui.*

Para ele DE festa.

‘A festa para ele.’

b. 为他准备的晚会。

Wei ta zhunbei de wanhui.

Para ele preparar DE festa.

‘Uma festa preparada para ele.’

c. *我们为他晚会。

**Women wei ta wanhui.*

Nós para ele festa.

d. 我们为他准备了一场晚会。

Women wei ta zhunbei le yi-chang wanhui.

Nós para ele preparar LE um-CL festa.

‘Preparamos uma festa para ele.’

As preposições *cong* ‘de’ e *wei* ‘para’ são preposições verdadeiras, porque não funcionam

como predicados (cf. (14c) e (14'c)) e a inserção dos verbos *lai* 'vir' e *zhunbei* 'preparar' respetivamente pode salvar as frases (cf. (14d) e (14'd)). As preposições verdadeiras são categorias [-N]. De acordo com a proposta de Li (1985), os elementos [-N] (neste caso, os PPs) não recebem caso e não podem ocorrer na posição precedente a *de* (ver (14a) e (14'a)) (Paul 2014:60), por isso, a proposta de Li (1985), que prediz que a partícula *de* atribui caso, explica bem estes exemplos.

Para além de preposições verdadeiras, o chinês tem outro tipo de preposição, por exemplo, *zai* 'em' e *gei* 'para':

(15) a. 在巴黎的若昂。

Zai bali de Ruoang.

Em Paris DE Ruoang.

'O João (que está) em Paris'

b. 给他的书。

Gei ta de shu.

Para ele DE livro.

'O livro (que é dado) para ele.'

(15') a. 他在巴黎。

Ta zai Bali.

Ele em Paris

'Ele está em Paris.'

b. 我给了他一本书。

Wo gei le ta yi ben shu.

Eu dar LE ele um Cl livro.

'Eu dei-lhe um livro.'

Estas preposições funcionam como predicados e podem preceder a partícula *de* (cf. (15a) e (15b)).

De acordo com o exemplo (13), a palavra *zai* é uma preposição verdadeira que atribui caso

aos nomes que a seguem e esta palavra é um elemento [-N], mas o facto de os sintagmas encabeçados por estas preposições funcionarem sozinhas como predicados (cf. (15'a) e (15'b)) contradiz esta observação.

De facto, estas palavras são analisadas como constituintes híbridos no trabalho de Huang, Y.Li & Li (2009) e como categorias distintas em Paul (2014). Isto é, *zai* e *gei* podem ser tanto verbos como preposições e a possibilidade de estas expressões serem verbos levanta a hipótese de elas servirem de modificadores restritivos, tradicionalmente assumidos como orações relativas reduzidas (Li 1985, Larson 2009b).

Para além das preposições verdadeiras ou das preposições híbridas, há ainda um outro tipo de preposições em chinês que não funcionam como predicados, mas podem preceder *de*. Veja o exemplo (16) e (16'):

(16) a. 沿路的花/沿海的城市。

Yan lu de hua/yan hai de chengshi.

Ao longo de rua DE flor. / ao longo de mar DE cidade.

‘As flores ao longo da rua.’ / ‘As cidades ao longo do mar.’

b. 沿路行驶的汽车。

Yan lu xingshi de qiche.

Ao longo de rua conduzir DE carro.

‘Os carros que se deslocam ao longo da rua.’

(16') a. *这朵花沿路/这辆汽车沿海。

**Zhe duo hua yan lu. /zhe liang qiche yan hai.*

Esta Cl flor ao longo de rua. / Este Cl carros ao longo do mar.

‘As flores estão ao longo da rua/ as cidades estão ao longo do mar.’

b. 这辆汽车沿路行驶。

Zhe liang qiche yan lu xingshi.

Este Cl carros ao longo de rua conduzir.

‘Os carros estão a deslocar-se ao longo da rua.’

Por um lado, as palavras *yan-lu* ‘ao longo da rua’ e *yan-hai* ‘ao longo do mar’, como as preposições verdadeiras *cong* e *wei* em (14a) e (14’a), não funcionam como predicados (cf. (16’a, b)).

Por outro lado, diferentemente dos nomes locativos, *yan-lu* ‘ao longo da rua’ e *yan-hai* ‘ao longo do mar’ não ocorrem em posições de SU e de OD (que são posições tipicamente de NPs), mas só na posição de adjunção de vP (ver o exemplo (16’b)).

Associando os dois argumentos acima apresentados, concluímos que a palavra *yan* ‘ao longo de’ no exemplo (16a) é uma preposição verdadeira.

Para além de *yan*, há ainda mais um tipo de preposição, que pode encabeçar constituintes que precedem *de*, mas não funciona como predicado:

(17) a. 关于历史的研究

Guanyu lishi de yanjiu.

Sobre historia DE pesquisa.

‘A pesquisa sobre a história.’

b. *研究关于历史。

**Yanjiu guanyu lishi.*

Pesquisa sobre história.

[A interpretação esperada: ‘A pesquisa é sobre a história.’]

c. 对学校的信仰。

Dui xuexiao de xingren.

Para escola DE crença.

‘A confiança na escola.’

d. *信任对学校。

**Xingren dui xuexiao.*

A confiança para escola

Os exemplos (16) - (17) indicam que não são apenas os elementos [+N] que podem preceder *de*, mas também elementos de [-N], neste caso, preposições verdadeiras, como, por exemplo,

guanyu (ver (17a)), *yan* (ver (16'b)) e *dui* (ver (17c)), etc.

Consequentemente, a proposta de *de* ser um atribuidor de caso, como assumido no trabalho de Li (1985) deve ser excluída.

Tendo em conta as propriedades das preposições acima apresentadas, proponho a Tabela I:

Tabela I.

Preposições:	Prep como predicado	PP+ <i>de</i> +NP
<i>cong</i> 'de' (ver (14))	×	×
<i>yan</i> 'ao longo de', <i>guanyu</i> 'sobre' (ver (16) e (17))	×	√
<i>zai</i> 'estar em' (ver (15))	√	√

Tanto a preposição *yan* (cf. (16a)) como a *zai* (cf. (15a)) pode preceder *de*, mas apenas *zai* pode funcionar como predicado (comparar (15'a) e (16'a)).

Uma classificação que difere ligeiramente da proposta na Tabela I é feita no trabalho de Huang, Y.Li & Li (2009):

(18) a. *guanyu* 'sobre'...

b. *cong* 'de'...

c. *gei* 'para', *zai* 'em',...

(adotado de Huang, Y. Li, Li (2009))

De acordo com Huang, Y.Li & Li (2009), as preposições em (18b) são as canónicas em chinês.

As preposições do grupo (18a) diferenciam-se dos outros dois tipos porque apenas o de (18a) ocorre no início da frase, enquanto os outros dois ocorrem entre o sujeito e o objeto direto. As preposições do grupo (18c) diferenciam-se dos outros dois tipos porque apenas as de (18c) funcionam como predicados, enquanto as dos outros dois tipos não. Os seguintes exemplos ilustram estes casos:

(19) a. 关于这件事, 他们已经讨论过了。

Guanyu zhe jian shi, tamen yijing taolun guo le.

Sobre este-CL coisa, eles já discutir-Asp LE.

‘Em relação a este assunto, eles já tinham discutido.’

b. 他从那里带回来很多纪念品。

Ta cong nali dai-huilai henduo jinianpin.

Ele de lá trazer-atrás muito presente.

‘Ele trouxe muitos presentes de lá’.

c. 他给班里的人做过不少事情。

Ta gei ban li de ren zuo-guo bushao shiqing.

Ele para aula interior DE pessoa fazer-Asp não.pouco coisa.

‘Ele fez bastantes coisas para as pessoas da aula’

O PP encabeçado pela preposição *yan* ‘ao longo de’ pode ocorrer na posição entre o SU e o OD. Tendo em conta todas estas propriedades, procurarei explicitar os critérios que estiveram na sua base, na Tabela II:

Tabela II

	Critérios de classificação	<i>Guanyu</i> ‘sobre’	<i>Cong</i> ‘de’	<i>Gei</i> ‘a’	<i>Yan</i> ‘ao longo <i>de</i> ’
1	O PP encabeçado pela preposição ocorre entre o sujeito e o verbo	× (cf.19a)	√ (cf.14d)	√ (cf.15’a)	√ (cf. 16’b)
2	A prep. encabeça um constituinte que pode funcionar como predicado	× (cf. 17b)	× (cf. 14c)	√ (cf. 15’a)	× (cf. 16’a)
3	A prep. encabeça um constituinte que pode preceder a partícula <i>de</i>	√ (cf. 17a)	× (cf. 14a)	√ (cf. 15b)	√ (cf. 16a)

3.3. As preposições de *zai* e *gei* como verbos.

Huang, Y.Li & Li (2009), propuseram que as preposições do grupo (18c) (*zai* ‘em’/‘estar em’ e *gei* ‘a’/‘dar’) são elementos híbridos, tendo simultaneamente estatuto verbal e preposicional, isto é, as palavras do grupo (18c) têm propriedades como as preposições, que são elementos de [-N, -V] e propriedades como os verbos, que são elementos de [-N, +V].

Paul (2014), pelo contrário, assume que o verbo *zai* ‘estar em’ e a preposição *zai* ‘em’ pertencem a categorias distintas, excluindo a proposta de *zai* corresponder a um elemento especial de estatuto duplo.

Os argumentos centrais a favor desta proposta são:

1º. A incompatibilidade destas preposições com a negação e os advérbios que são compatíveis com os verbos.

A negação não co-ocorre com os PPs encabeçados por palavras como *zai* e *gei* etc.

(20) a. 他不在上海学法文。

Ta bu [vp [pp zai shanghai] [vp xue fawen]]

Ele não em Xangai estudar francês

‘Ele não estuda francês em Xangai.’

b. * 不在上海, 他学法文。

**Bu [pp zai shanghai], ta [vp xue fawen]].*

Não em Xangai, ele estudar francês.

Interpretação esperada: ‘Não é em Xangai que ele estuda francês.’

A frase (20a) é correta, mas não pode servir como prova de que os PPs encabeçados por *zai* podem ser negados, porque a negação *bu* ‘não’ ocorre, não apenas na posição precedente a PP, mas também a VP: *xue fawen* ‘estudar francês’, por isso, a gramaticalidade da frase (20a) deve-se ao facto de a negação ser adjunta da projeção de VP (Pan 2014). Quando o PP é topicalizado, não pode ser negado (cf. 20b). Por isso, preposições como *zai* e *gei* são incompatíveis com

negações.

De mesma maneira, estas palavras não são compatíveis com os advérbios:

(21) a. 我已经给玛丽打了半个小时的电话

Wo [*vP* [*adverb* *yijing*] [*vp* [*pp* *gei mali*] [*vp* *da-le* *ban-ge*
 Eu já para Maria bater-PERF meio-CL
xiaoshi de dianhua]]]
 hora DE telefone

‘Já falei com a Maria pelo telefone há meia-hora.’

b. *已经给玛丽, 我打了半个小时的电话。

*[*adverb* *Yijing*] [*pp* *gei mali*], *wo* [*vp* *da-le* *ban-ge*
 Já para Mary, Eu Bater-LE meio-CL
xiaoshi de dianhua]]]
 hora DE telefone

Interpretação esperada: ‘Já para Maria, telefonei há meia-hora.’

2°. Os PPs não coocorrem com os auxiliares, mas os VPs sim.

(22) a. *这本书会关于乔姆斯基。

**Zhe-ben shu* [*AuxP* *hui* [*PP* *guanyu Chomsky*]
 Este-CL livro ir sobre Chomsky
 ‘Este livro vai ser sobre Chomsky.’

(Paul 2014:67)

b. 小明八点的时候会吃晚饭。

Xiaoming ba-dian de shihou hui chi wanfan.
 Xiaoming oito-hora DE momento ir comer jantar.
 ‘Xiaoming vai jantar às 8 horas.’

3°. Apenas os VPs co-ocorrem com os marcadores aspetuais, os PPs não.

(23) a. 他进来的时候, 我正吃着饭

Ta jinlai de shihou, wo zheng chi-zhe fan.

Ele entrar DE momento, eu estar a comer-DUR arroz.

‘No momento em que ele entrou, eu estava a comer arroz.’

b. *当我学法文的时候, 他在着巴黎住。

**Dang wo xue fawen de shihou, ta zai-zhe bali juzhu.*

Quando eu estudar francês DE momento, ele em-DUR Paris viver.

Interpretação esperada: ‘Enquanto estudo francês, ele está a viver em Paris.’

Se o verbo-*zai* exhibe comportamentos idênticos aos verbos canónicos e a preposição-*zai* às outras preposições canónicas, acho mais plausível analisar o par verbo-*zai* e preposição-*zai* como duas categorias lexicais distintas, em vez de uma categoria uniforme exibindo estatuto duplo.

Neste caso, a afirmação que fiz acima nesta secção deveria ser alterada: as palavras do grupo (18c) quando são casualmente marcadas, são, de facto, verbos. Por isso, a sequência PPs+*de*+NP é, na realidade, TP⁸+*de*+NP. Os TPs podem receber caso (Li 1985, Stowell 1981).

Por isso, analisar a sequência ‘PPs (TPs) + *de*’ como a oração relativa não é estranho.

(24) a. 在巴黎的若昂喜欢踢足球

Zai bali de ruoang xihuan ti zuqiu.

Está Paris DE João gostar jogar futebol.

‘O João que está em Paris gosta de jogar futebol.’

b. 我给他的书

Gei ta de shu

eu dar ele DE livro

‘O livro que eu lhe dei

c. 给他书的人是我的朋友。

gei ta shu de ren shi wo de pengyou.

dar ele livro DE pessoa ser wu DE amigo.

⁸ São TPs porque a frase (24a) é interpretada no tempo presente. O tempo passado é realizado por morfemas como por exemplo *le*, *guo*.

‘A pessoa que lhe dou livro é o meu amigo.’

Zai ‘estar em’ no exemplo (24a) é um verbo, *bali* ‘Paris’ é complemento do verbo, a oração subordinada *zai bali* ‘está em Paris’ tem um sujeito omitido, que pode ser recuperado pelo NP: *ruoang* ‘João’ fora da oração subordinada. ‘O João’ tem estatuto duplo independente, um como o sujeito na oração subordinada, o outro como o sujeito na oração matriz, por isso, *zai bali* ‘estar em Paris’ é uma oração relativa.

Os exemplos (24b) e (24c) são analisados da mesma maneira, ou seja, como orações relativas.

4. AdjP+*de*+NP

Na secção anterior, vimos que a proposta de a partícula *de* ser atribuidor de caso deve ser excluída porque as preposições verdadeiras (cf. *yan* ‘ao longo de’, *guanyu* ‘sobre’) podem ocorrer numa posição a que é atribuído caso, o que contradiz as propostas de Li (1985) e de Larson (2009 a, b).

Os adjetivos em chinês, de que falamos nesta secção, são outro argumento que contradiz a proposta de Li (1985) devido à imprecisão do seu trabalho em relação à identificação dos adjetivos: Li (1985) adota a análise clássica dos adjetivos como elementos de [+N] e ao mesmo tempo afirma que eles atribuem caso, porque alguns adjetivos em chinês funcionam como predicados.

Com efeito, Larson (2009) também faz a mesma observação, mantendo a mesma ambiguidade que existe no trabalho de Li, mas deixa o dilema por resolver.

Outros linguistas como por exemplo: Sproat & Shih (1991), Duanmu (1998), Aoun & Li (2003), Yang (2005), Paul (2006) discutiram igualmente o caso dos adjetivos pré-nominais, tendo em conta as suas propriedades específicas em chinês. Alguns linguistas negam a hipótese de analisar os adjetivos pré-nominais como uma oração relativa reduzida enquanto os outros são defensores desta hipótese. Nesta secção, vou apresentar a minha proposta sobre se os adjetivos prenominais podem ser ou não analisados como orações relativas reduzidas e qual é o tipo de adjetivos que ocorre nestas orações.

4.1. As propriedades dos adjetivos em chinês e as suas semelhanças como verbos.

Para além das preposições, que é um assunto árduo e pouco estudado em chinês devido à sua origem verbal, o estudo de adjetivos em chinês também não é fácil e tem sido um assunto que vem sendo discutido desde há décadas por razão semelhante.

O fator principal, no fundo, relaciona-se com o facto de que os adjetivos em chinês têm comportamentos semelhantes aos verbos, o que leva à aproximação destas duas categorias. Esta particularidade, porém, decorre do facto de o chinês não ter cópulas e os adjetivos poderem funcionar como predicados. Vejam os exemplos (25) ilustrados em baixo:

(25) a. 苹果很甜

Pingguo hen tian.

Maçãs muito doce.

‘As maçãs são doces.’

b. 文件很重要。

Wenjian hen zhongyao.

Documentos muito importante.

‘Os documentos são muito importantes.’

c. 衣服很脏。

Yifu hen zang.

roupas muito sujo

‘As roupas estão sujas.’

Podemos ver que os adjetivos em (25a)-(25c) funcionam por si sós como predicados. Por isso, há linguistas que propuseram que quando os adjetivos ocorrem na posição precedente à partícula *de*, a sequência de ‘AdjP+*de*’ pode ser analisada como oração relativa reduzida (Sproat & Shih 1991; Duanmu 1998).

Para além do facto de os AdjPs em chinês ocorrerem na posição de predicado, apresentar-se-

ão outros argumentos a favor da proposta de os adjetivos em chinês terem mesmas propriedades que os verbos na secção seguinte.

4.1.1. Os adjetivos são semelhantes aos verbos

Em primeiro lugar, quando os adjetivos ocorrem na posição de predicados, a palavra *hen* é sempre necessária, enquanto para os verbos intransitivos de estado, um marcador de aspeto (*le*-perfeito) ou um verbo modal (*hui/yao* ‘ir’) é imprescindível. Isto quer dizer que os adjetivos e os verbos intransitivos só podem funcionar como predicados com o auxílio de outros constituintes. A ausência de marcadores de aspeto ou verbos modais para os verbos de estado faz com que a frase seja incorreta e a ausência de *hen* também resulta em agramaticalidade de frases de adjetivos predicativos.

Comparem-se os exemplos (26a-b) com adjetivos com e sem *hen* e os exemplos (27a-b) com os verbos com e sem verbos modais respetivamente.

(26) a. 钢笔很贵。

Gangbi hen gui

Canetas muito caro

‘As canetas são caras.’

b.? 钢笔贵。

Gangbi gui

Canetas caro

‘As canetas são caras.’

c. 钢笔贵, 铅笔便宜。

Gangbi gui, qianbi pianyi.

Canetas caro, lápis barato

‘As canetas são caras, os lápis são baratos.’

(27) a. 鸟在飞, 鸟会飞。

Niao zai fei. / Niao hui fei.

Pássaros estar a voar. / Pássaros ir voar.

‘Os pássaros estão a voar. / Os pássaros vão voar (para longe).

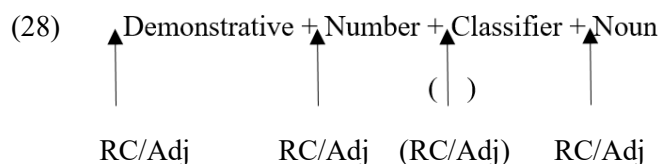
b. *鸟飞。

Niao fei.

*Pássaros voam.

O único caso em que os adjetivos ocorrem sozinhos sem a presença de *hen* é em contextos da comparação, como por exemplo, na frase (26c). A frase tem como a interpretação: comparando com os lápis, as canetas são caras. Neste caso, diz-se que a palavra *qianbi* ‘lápis’ está focalizada (Grano 2008, 2011).

Em segundo lugar, como Aoun & Li (2003) mostraram, a aproximação dos adjetivos e dos verbos é confirmada pela sua distribuição em expressões nominais. Mais precisamente, os demonstrativos, os numerais, os classificadores e os nomes têm uma posição fixa nas expressões nominais, enquanto os adjetivos e as orações relativas (RC) se ocorrem livremente nas expressões nominais, como ilustrado em (28):



(Aoun&Li 2003)

Os adjetivos e as RCs podem ocorrer nas posições indicadas pelas setas em (28). Como já se referiu no capítulo 1, todas as projeções sintáticas, incluindo os adjetivos e os verbos podem modificar os nomes e neste caso, a partícula *de* é inserida.

Os adjetivos assemelham-se aos verbos porque tanto os AdjPs como as RCs podem ocorrer em posição livre em expressões nominais.

Em terceiro lugar, a negação *bu* ‘não’ pode negar tanto os adjetivos predicativos como os verbos. Por exemplo:

(29) a. 这件事情不重要。

zhe-jian shiqing bu zhongyao.

Este-CL assunto não importante.

‘Este assunto não é importante.’

b. 他不喜欢吃巧克力

Ta bu xihuan chi qiaokeli.

Ele não gostar comer chocolate.

‘Ele não gosta de comer chocolate.’

Em resumo, os adjetivos são semelhantes aos verbos porque:

- 1) Os verbos e os adjetivos, apenas funcionam como predicados com o auxílio dos outros constituintes, isto é, no caso dos adjetivos, a presença de *hen* é precisa e no caso dos verbos, a presença de um marcador de aspeto, *le*, ou de um verbo modal, *hui* ‘ir’/*yao* ‘ir’, é precisa (cf. (26) e (27)).
- 2) Tanto os adjetivos como os verbos podem ocorrer em posições livres dentro de DP (cf. (28)).
- 3) A negação *bu* ‘não’ pode negar verbos e adjetivos (cf. (29)).

Devido às semelhanças entre os verbos e os adjetivos, é esperável que se levante a hipótese de que os adjetivos em chinês são um tipo de verbos intransitivos de estado (Paul 2005:758, Yeh 1993, Smith 1997 entre outros)

Porém, além das semelhanças, os adjetivos e os verbos exibem, ao mesmo tempo, comportamentos diferentes.

4.1.2. Os adjetivos são diferentes dos verbos

Os argumentos seguintes provam que os verbos e os adjetivos são duas categorias distintas (Paul 2005, Aoun&Li 2003):

Em primeiro lugar, os verbos são repetidos como uma unidade integral enquanto os adjetivos são repetidos com cada sílaba. (Paul 2005:7)

As formas de repetição das duas categorias são ilustradas como segue:

i) Verbos: [AB][AB] (ex. [zheng][li] ‘arrumar’) → [zheng][li][zheng][li] ‘arrumar’)

(30) 你该[[整理][整理]]房间了。

Ni gai zhengli zhengli fangjian le.

Você dever arrumar arrumar quarto LE.

‘Você deveria arrumar o quarto.’

ii) Adjetivos: [AA][BB] (ex. [gan][jing] ‘limpo’ → [gan][gan][jing][jing] ‘limpo’)

(31) 我喜欢[[干干][净净]]的房间。

Wo xihuan ganganjingjing de fangjian.

Eu gostar limpo DE quarto.

‘Gosto de quarto limpo.’

Em segundo lugar, apenas os adjetivos podem modificar o nome sem a presença da partícula *de*, os verbos requerem obrigatoriamente a presença de *de*.

Faz-se notar que há adjetivos que pedem também a presença obrigatória de *de*, mas há outros casos em que a *de* pode ser omitida. Pelo contrário, no caso dos verbos, a *de* é imprescindível.

(32) a. 我喜欢聪明人。

wo xihuan congming ren.

Eu gostar inteligente pessoa.

‘Gosto da pessoa inteligente.’

b. 他喜欢的人

ta xihuan de ren.

Ele gostar DE pessoa.

‘A pessoa de que ele gosta’

Em terceiro lugar, a interpretação de palavra *hen* pode servir como o teste para distinguir adjetivos dos verbos.

Genericamente, a palavra *hen* é um advérbio de grau. Quando um adjetivo co-ocorre com *hen*, *hen* perde o seu valor como advérbio de grau (cf. (26a)). Pelo contrário, quando um verbo

co-ocorre com *hen*, o seu valor como advérbio de grau mantém-se. (cf. (32)) (Li & Thompson 1981, Aoun & Li 2003).

(33) 他很喜欢数学。

Ta hen xihuan shuxue.

Ele muito gostar matemática

‘Ele gosta muito de matemática.’

Hen ‘muito’ em (33) só pode ser interpretado como um advérbio de grau e a tradução da frase (33) é ‘Ele gosta muito de matemática’, em vez de ‘Ele gosta de matemática’, contudo, *hen* em (26a) pode ser semanticamente vazio e a frase é interpretada como ‘a maçã é doce’ em vez de ‘a maçã é muito doce’.

Porém, outros linguistas discordam desta análise e propõem que *hen* não pode ser semanticamente vazio, e mantém o seu estatuto de advérbio de grau (Grano 2008, Niu 2015). Vou analisar esta hipótese na secção seguinte.

4.2. A classificação dos adjetivos em chinês

Recorde-se que o nosso objetivo nesta secção é ver se os adjetivos pré-nominais podem ou não ser analisados como orações relativas reduzidas e qual é o tipo de adjetivos que pode ocorrer nesta construção.

Em chinês, todos os adjetivos podem preceder *de* e modificar os NPs, mas nem todos os AdjPs podem ser analisados como orações relativas, porque há adjetivos que não podem funcionar como predicados.

Acho que o critério a considerar para a classificação dos adjetivos em termos da possibilidade de estes serem analisados como orações relativas é saber se os adjetivos podem ou não funcionar como predicados com o auxílio de *hen*.

(34) a. 教授的这个学生很聪明。

Jiaoshou de zhe-ge xuesheng hen congming.

Professor de este-CL estudante muito inteligente.

‘Este estudante do professor é interligente.’

- b. 真正聪明的人从来不炫耀才华。

Zhenzheng congming de ren conglaibu xuanyao caihua.

Verdadeiro inteligente DE pessoa nunca ostentar saber.

‘Pessoas interligentes nunca ostentam o seu grande saber’.

- c. 你比以前聪明了。

Ni bi yiqian congming le.

Você do que antes inteligente LE.

‘Você está mais inteligente do que antes.’

- (35) a. *这个回答很错。

zhe-ge huida hen cuo.

Esta-CL resposta muito errado.

‘Esta resposta é errada.’

- b. 他用错的方法得到了正确的答案。

Ta yong cuo de fangfa dedao le zhengque de daan.

Ele usar errada DE maneira obter LE correto DE solução.

‘Ele chegou à solução correta por um caminho errado.’

- c. 这个答案错了。

zhe-ge daan cuo-le.

Esta-CL solução errada-LE.

‘Esta resposta é errada.’

- (36) a. *这条路很主要。

Zhe-tiao lu hen zhuyao.

Este-CL rua muito principal.

‘Esta rua é principal.’

- b. 通往北京的主要的路还在修。

Tongwang beijing de zhuyao de lu hai zai xiu.

A Pequim DE principal DE rua ainda estar em construção.

‘A rua principal que leva a Pequim ainda está em construção.’

c. *这条路主要了。

Zhe-tiao lu zhuyao-le.

Esta-CL rua principal-LE.

‘Esta rua é principal.’

Os exemplos (34) - (36) apresentam três tipos de adjetivos diferentes. As frases ‘a’s nestes três exemplos atestam a possibilidade de diferentes tipos de adjetivos funcionarem como predicados. As frases ‘b’s avaliam a possibilidade de os adjetivos serem modificadores de nome e as frases ‘c’s avaliam a possibilidade de os adjetivos ocorrerem com os marcadores aspetuais, os quais ocorrem normalmente com os verbos.

(37) a. *congming* ‘inteligente’ (ver (34 a-c))

b. *cuo* ‘errado, falso’ (ver (35 a-c)).

c. *zhuyao* ‘principal’ (ver (36 a-c)).

Baseada nos resultados obtidos face aos critérios acima ilustrados, apresento a Tabela III:

Tabela III

	em posição predicativa com <i>hen</i>	em posição prenominal com <i>de</i>	Co-ocorrência com o marcador aspetual <i>le</i>
a. <i>congming</i>	√	√	√
b. <i>cuo</i>	×	√	√
c. <i>zhuyao</i>	×	√	×

Observamos que todos os adjetivos, sejam de que tipo forem, podem modificar nomes, ou seja, todos tipos de adjetivos podem preceder *de*, mas apenas os adjetivos dos grupos (37a), que

coocorrem com *hen*, podem funcionar como predicados.

4.3. O advérbio de grau *hen*.

A palavra *hen* é um assunto complicado na análise dos adjetivos em chinês.

Diferentemente da palavra *zai*, que pode ser analisada como verbo e preposição ao mesmo tempo, os adjetivos em chinês só funcionam como predicados com auxílio de outros elementos, como, por exemplo, *hen*.

De acordo com Niu (2015), a forma canónica dos adjetivos predicativos ocorre quando estes são afetados por morfemas de grau. O morfema de grau mais comum é o advérbio *hen* ‘muito’. Outros morfemas que coocorrem com adjetivos são o marcador de frases interrogativas sim-não, *ma*, o marcador de frases comparativas *bi* ‘do que’, entre outros (cf. (38)). Sem estes morfemas, os adjetivos não podem ser predicados, a não ser que haja focalização (cf. (39)) (os exemplos (38) e (39) são retirados de Niu 2015):

(38) a. 张三很高。

Zhangsan hen gao.

Zhangsan muito alto.

‘Zhangsan é muito alto.’

b. 张三高吗？

Zhangsan gao ma?

Zhangsan alto MA?

‘Zhangsan é alto?’

c. 张三比李四高

Zhangsan bi lisi gao

Zhangsan do que Lisi alto.

‘Zhangsan é mais alto do que Lisi.’

(39) a. [张三]^F高。

[Zhangsan]^F gao.

Zhang san alto.

‘Zhangsan é alto.’

b. 张三[高]^F。

Zhangsan [gao]^F.

Zhangsan alto.

‘Zhangsan é alto.’

A razão de os morfemas *ma* e *bi* em (38 b-c) serem necessários é que os adjetivos em chinês só podem funcionar como predicados através da criação das proposições marcando alternativas escalares. O marcador da interrogativa *ma* em (38b) cria uma alternativa entre a altura normal dos seres humanos e *Zhangsan*, o marcador de frases comparativas cria a alternativa entre *Zhangsan* e *Lisi* em (38c). Em relação à frase (38a), como já disse, *hen* é um advérbio de grau, outros advérbios de grau são, por exemplo, *feichang* ‘extremamente’, *chaoji* ‘super’, *yidiandian* ‘um pouco’, etc. De mesma maneira, o marcador de grau *hen* em (38a) também cria uma alternativa, isto é, Zhangsan não é super alto, não é extremamente alto, nem é um pouco alto, mas é alto (compara-se com a altura média dos seres humanos).

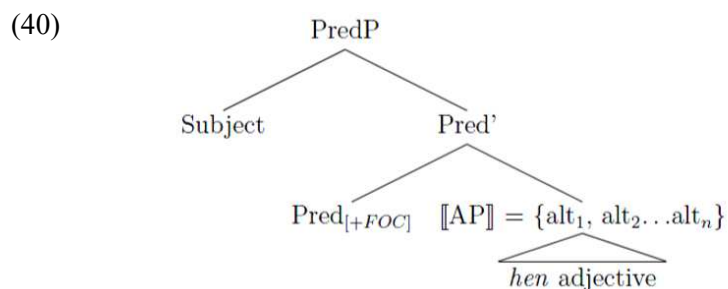
Quando os morfemas estão ausentes (cf. (39a) e (39b)), não há nenhum elemento que possa criar alternativas, neste caso, a única maneira a salvar a frase é a ênfase fonética do sujeito *zhangsan* ou do adjetivo *gao* ‘alto’, para que um destes seja focalizado, porque a focalização é a outra maneira de criar, semanticamente, alternativas de escala (Rooth 1992, Ramchand 1996).

Se os exemplos (39a-b) não envolvem nenhuma mudança fonética, os adjetivos por si só não podem funcionar como predicados.

Em suma, Niu (2015) nega a análise de Li&Thompson (1981) e Aoun&Li (2003) em que se assume que a palavra *hen* pode ser semanticamente vazia, pelo contrário, Niu (2015) propõe que *hen* é um advérbio de grau, tendo como interpretação ‘muito’ quando coocorre com os adjetivos e o seu valor semântico determina que *hen* pode criar uma alternativa/um contraste. No caso do exemplo (38a), *hen* cria uma relação de escala entre a altura de *zhangsan* e a altura média dos seres humanos.

Baseando-se nas condições que tornam os adjetivos em predicados, Niu (2015) propôs uma

projeção PredP ilustrada como:



(Niu 2015:99)

Resumindo, os adjetivos por si só em chinês não funcionam como predicados, a não ser que sejam focalizados ou coocorram com outros morfemas (cf. advérbio de grau: *hen*, marcador da interrogativa: *ma*, etc.) que criam alternativas de escala.

4.4. Quando é que a sequência de ‘AdjP+DE’ pode ser analisada como oração relativa?

Aoun & Li (2003) propuseram que quando os adjetivos predicativos ocorrem na posição prenominal com a partícula *de* (cf. os adjetivos do grupo (37a)), a sequência ‘AdjP+*de*’ pode ser analisada como uma oração relativa reduzida. De acordo com esta hipótese, as frases (41a) e (41b), ilustradas abaixo, são idênticas e ambas podem ser analisadas como orações relativas reduzidas, porque *hen* é semanticamente vazio para Aoun&Li (2003).

(41) a. 重要的文件

Zhongyao de wenjian

importante DE documento.

‘Os documentos importantes’

b. 很重要的文件

Hen zhongyao de wenjian.

muito importante DE documentos.

‘Os documentos importantes’

Xu (2009), pelo contrário, assume que, (41a) e (41b) têm de ser analisados de maneiras diferentes. O adjetivo em (41a) serve como modificador de nome enquanto o adjetivo em (41b) pode ser analisado como oração relativa. A conjunção *tongshi* ‘ao mesmo tempo’ é usada para suportar a sua proposta: *tongshi* ‘ao mesmo tempo’ pode ligar dois TPs/CPs, mas não dois ModPs⁹.

(42) a. *[NP[CP[AdjP 美丽]同时[AdjP 善良]的]女孩]。

[NP[CP[AdjP *meili*] *tongshi* [AdjP *shanliang*] *de*] *nvhai*].
 bonita ao mesmo tempo bondosa DE menina

‘A menina bonita e bondosa ao mesmo tempo.’

a’. *[ModP 美丽的]同时[ModP 善良的]女孩。

meili de tongshi shanliang de nvhai.
 bonita DE ao mesmo tempo bondosa DE menina.

‘A menina bonita e bondosa ao mesmo tempo.’

b. [NP[CP[TP 很美丽]同时[TP 很善良]的]女孩]。

[NP[CP[TP *hen meili*] *tongshi* [TP *hen sanliang*] *de*] *nvhai*].
 muito bonita ao mesmo tempo muito bondosa DE menina

‘A menina muito bonita e muito bondosa ao mesmo tempo.’

(Xu 2009:109)

b’. [NP[CP[CP 很美丽的]同时[CP 很善良的]]女孩]。

[NP[CP[CP *hen meili de*] *tongshi* [CP *hen shanliang de*] *nvhai*].
 muito bonita DE ao mesmo tempo muito bondosa DE menina.???

‘A menina muito bonita e muito bondosa ao mesmo tempo.’

(Xu 2009:109)

O teste de conjunção *tongshi* ‘ao mesmo tempo’ que Xu (2009) propôs prediz bem a gramaticalidade das frases em (42): a conjunção *tongshi* ‘ao mesmo tempo’ em chinês só pode

⁹ Yang (2005) assume que a partícula *de* encabeça um ModP, por exemplo, [ModP *zhongyao de*].

ligar TPs e CPs, por isso, as frases (42b) e (42b') são gramaticais; a mesma conjunção não pode ligar dois AdjPs e ModPs, por isso, as frases (42a) e (42a') são agramaticais.

Isto significa que a sequência de 'AdjP+de' com adjetivos por si só não pode ser analisada como uma oração relativa reduzida.

Partindo dos estudos anteriormente referidos (Niu (2015), Xu (2009) e Aoun&Li (2003) entre outros), proponho que os AdjPs encabeçados por adjetivos por si só (i.e., adjetivos não focalizados e os AdjPs em que não ocorre *hen*) não são analisados como orações relativas reduzidas, pelo contrário, se os adjetivos são focalizados ou co-ocorrem com *hen*, i.e., a sequência de '[_{CP}[_{TP} AdjP^{FOC}] *de*]' e a sequência [_{CP}[_{TP} *hen*+adj]*de*], podem ser analisadas como orações relativas reduzidas.

Por isso, as estruturas das frases (42a) e (42a') devem ser refeitas:

(43) a. [NP[CP[AdjP 美丽^{FOC}]同时[AdjP 善良^{FOC}]]的]女孩。

[NP[CP[AdjP *meili*] *tongshi* [AdjP *shanliang*] *de*] *xinwen*].
 bonita. Foc ao mesmo tempo bondosa DE menina

'A menina bonita e bondosa ao mesmo tempo.'

a' [ModP[AdjP 美丽^{FOC}]]的同时[ModP[AdjP 善良^{FOC}]]的女孩。

Meili. de tongshi shanliang de nvhai.
 bonita Foc DE ao mesmo tempo bondosa DE menina.

'A menina bonita e bondosa ao mesmo tempo.'

Quando os adjetivos predicativos *meili* 'bonita' e *shanliang* 'bondosa' são focalizados, as frases (43a) e (43a') tornam-se gramaticais, o que revela que a nossa proposta é correta.

De modo em geral, a condição de os adjetivos funcionarem como predicados é estes coocorrem com morfemas que criam alternativas escalares ou serem eles próprios focalizados. E apenas quando os adjetivos funcionam como predicados, a sequência de 'AdjP + *de*' é analisada como oração relativa reduzida.

5. Conclusão.

O chinês, diferentemente do português, não tem pronomes relativos e as orações relativas são introduzidas pela partícula *de*, a qual é partilhada por todas as orações atributivas e completivas. Para além das orações relativas, os NPs, PPs, AdjPs podem modificar nomes. Por isso, há linguistas que assumem que *de* tem a mesma função quando ocorre em estruturas diferentes. Li (1985) assume que *de* é um atribuidor de caso, parecido com a marca de genitivo 's em inglês, Larson (2009 a, b) assume que *de* em chinês é uma marca de concordância, um *concordializer*, equivalente à partícula *REZ* em línguas iranianas. Salvo a distinção do tratamento de *de* nestes dois trabalhos, ambos afirmam que a partícula *de* é idêntica em estruturas diferentes e que está relacionada com caso. Porém, a nossa análise em PPs e AdjPs vai contra as afirmações de Li (1985) e Larson (2009 a, b).

As preposições e as posposições podem modificar os nomes. As posposições são, de facto, nomes locativos. Tendo em conta o critério de as preposições funcionarem como predicados, as preposições estão divididas em 4 grupos, preposições como *cong* 'de', como *guanyu* 'sobre', como *yan* 'ao longo de' e como *gei* 'a'. *Guanyu* 'sobre', *yan* 'ao longo de' e *cong* 'de' podem preceder *de*, mas apenas *gei* pode funcionar como predicado, porque *gei* 'a' é um elemento ambíguo, isto é, pode ser preposição ou verbo. Quando os sintagmas são encabeçados pelo verbo *gei* 'dar', os são interpretados como VPs, podem preceder *de* e a sequência de 'VPs+*de*' é analisada como oração relativa, em que o VP ocorre integrado num TP.

Todos os adjetivos em chinês podem funcionar como predicados, mas apenas com o auxílio de elementos específicos, como *hen*, um advérbio de grau. Aoun&Li (2003) e Li (1985) assumem que *hen* é semanticamente vazio quando co-ocorre com os adjetivos e são os próprios adjetivos que funcionam como predicados; pelo contrário, Xu (2009) e Niu (2015) assumem que os adjetivos por si só não funcionam como predicados. Xu (2009) usa um teste com a conjunção *tongshi* 'ao mesmo tempo' para provar que os adjetivos por si mesmos não são predicados. Niu (2015) fez a mesma observação, afirmando que os adjetivos funcionam como predicados apenas quando existe uma alternativa escalar na frase. Palavras como advérbios de grau: *hen* 'muito', *chaoji* 'super', *yidian* 'um pouco'; o marcador comparativo: *bi* 'do que', a negação: *bu* 'não', podem criar alternativas escalares. Além destes elementos, a focalização

também cria semanticamente alternativas de escala. Desta maneira, há dois casos em que os adjetivos funcionam como predicados, o primeiro é quando os adjetivos são focalizados, o outro é quando os adjetivos coocorrem com elementos como o advérbio de grau *hen* ‘muito’.

Por isso, as análises de Li (1985) e de Larson (2009 a, b), que assumem que *de* se relaciona com caso devem ser excluídas, porque as preposições verdadeiras (i.e., *guanyu* ‘sobre’ e *yan* ‘ao longo de’), elementos [-N] podem preceder *de*.

A análise efetuada neste capítulo mostrou que não são apenas as orações relativas que podem preceder *de*, outros constituintes, NPs, AdjPs e PPs, também podem. As posições verdadeiras e os adjetivos por si só podem modificar nomes, mas não são analisados como orações relativas. Na secção seguinte, irei rever o trabalho de Aoun&Li (2003) sobre as orações relativas em chinês.

Capítulo III As orações relativas em chinês

0. introdução.

Este capítulo visa fazer uma revisão das orações relativas canônicas (i.e., as relativas que exibem movimento de constituinte) em chinês. Classicamente, as orações relativas derivadas por *Raising* têm uma estrutura de complementação e as orações relativas derivadas por *Matching* têm uma estrutura de adjunção. Mas Aoun&Li (2003) assumem que a estrutura e a abordagem têm que ser separadas e que uma língua pode ter mais de uma maneira de derivar orações relativas.

A secção 2 mostrará, com exemplos concretos, que as orações relativas canônicas em chinês exibem reconstrução, exceto quando os núcleos da oração relativa forem QPs. Porque os QPs são DPs e o chinês apenas permite a reconstrução de NPs. A secção 3 afirma que apenas o NP, mas não DP, pode ser reconstruído. A secção 4 argumenta que as orações relativas, como os adjetivos, têm uma estrutura de adjunção.

1. As orações relativas em chinês: a revisão de Aoun&Li (2003)

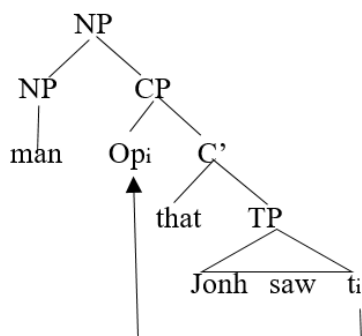
Nesta secção, vou rever a literatura sobre a derivação das orações relativas em chinês.

Vou assumir que a partícula *de* é um marcador de modificação em geral e em particular, é um complementador quando ocorre na oração relativa.

Classicamente, às orações relativas derivadas por *Raising* é atribuída uma estrutura de complementação (cf. (2)) e às orações relativas derivadas por *Matching* uma estrutura de adjunção (cf. (1)).

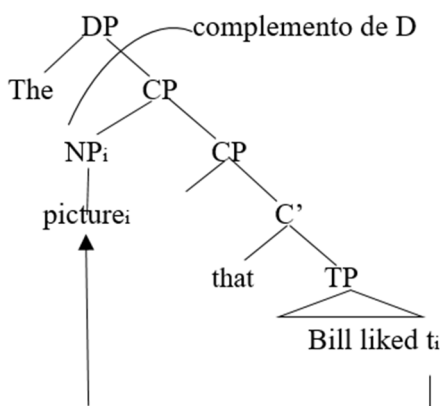
(1) *Matching Analysis (Operator movement)* (estrutura de adjunção: as relativas adjungem-se aos núcleos NPs) (Schachter 1973, Chomsky 1977)

[_{NP} The man] [_{CP} op_i [_{C'} that [_{TP} John_i saw t_i]]].



(2) *Head-Raising Analysis* (Vergnaud 1974, Kayne 1994) (estrutura de complementação: as relativas são complementos de D)

[_{DP} [_D The [_{CP} [_{NP_i} picture_i [_{CP} [that Bill liked t_i]]]]]].



As propostas mais importantes de Aoun&Li (2003) são: por um lado, as orações relativas de uma determinada língua não têm necessariamente uma derivação única (*Raising* ou *Matching*), isto é, diferentes tipos de construções relativas de uma mesma língua podem ser derivados de maneiras distintas. Por outro lado, as duas abordagens, *Raising* ou *Matching* (*/Operator*) não correspondem apenas a uma mesma estrutura (estrutura de complementação ou de adjunção), isto é, a derivação de *Head-Raising* não exclui a possibilidade da estrutura de adjunção, tal como a *Operator Analysis* não exclui a estrutura de complementação

Aoun&Li (2003) propuseram novas estruturas de complementação para *Matching* e *Raising*, baseadas na estrutura de Bianchi (1999). De acordo com Aoun&Li (2003), as línguas de núcleo-inicial, como por exemplo, o inglês e o árabe libanês, têm uniformemente uma estrutura de complementação.

Vou apresentar as representações das relativas em inglês sem discussão detalhada, porque o chinês, diferente das outras línguas de núcleo-inicial, tem a estrutura de adjunção.

(3) a. *wh-relative clauses*:

[_{DP} [_{D°} The [_{ForceP} [_{NP} boy] _{F°} [_{TopP} [_{DP} who_i] [_{TopP} [_{Top°} [_{IP} I like t_{DPi}]]]]]]].

b. *non-wh relative clauses*:

[_{DP} [_{D°} The [_{ForceP} [_{DPi} [_{D°} [_{NP} boy]]] _{F°} that [_{TopP} [_{TopP} [_{Top°} [_{IP} I like t_{DPi}]]]]]]].

Aoun&Li (2003)

A outra generalização de Aoun&Li (2003) é que a reconstrução só está disponível para a *Raising Analysis* e não para a *Matching Analysis*. Por isso, quando existir reconstrução na construção relativa, há movimento de núcleo NP (da oração relativa) e a construção é derivada por *Head-Raising*. Por outro lado, nas construções que não têm a reconstrução do núcleo, a *Operator Analysis (matching analysis)* deve ser adotada.

Para o inglês, Aoun&Li (2003) propuseram que as relativas-*wh* não exibem reconstrução, enquanto as relativas de não *wh* sim. O núcleo da oração relativa é um NP gerado na base na posição de SpecForceP, como no exemplo (3a) e operador DP (i.e., *who*) desloca-se para a posição de SpecTopP, por isso, não há reconstrução de núcleo da oração relativa. Nas relativas sem morfemas-*wh*, há reconstrução (cf. (3b)). O núcleo da oração relativa é um DP_i com o D interno vazio (*the empty internal D*), o DP_i desloca-se da posição original para a posição de SpecTopP e depois vai para o SpecForceP. Assim, o D interno vazio (*the empty internal D*) pode ser licenciado pelo D externo, porque os dois Ds são adjacentes¹⁰.

Podemos ver que nas frases (3a) e (3b), a estrutura de complementação coocorre perfeitamente com a derivação de *Raising* e de *Matching*.

Aoun&Li (2003) argumentam, numa perspectiva de economia, que se a estrutura de complementação é suficiente para ambas as derivações, não é necessária a estrutura de adjunção. Para além disso, os autores acham que as relativas nas línguas de núcleo-inicial têm sempre uma estrutura de complementação.

¹⁰ ...According to Bianchi (1999, 2000) ... the licensing of the internal D by the external D is achieved by incorporating the former to the latter. The incorporation process is possible when the two determiners are adjacent to each other. (Aoun&Li 2003)

Uma questão que surge é como é que sabemos qual das abordagens devemos escolher para a derivação de uma dada construção relativa.

Para a derivação da elevação de núcleo, como referido, a reconstrução pode servir como diagnóstico para determinar se a construção relativa é derivada por *Head-Raising* ou não. Se uma dada oração relativa exhibe a reconstrução de expressões idiomáticas, de escopo, dos elementos abordados na Teoria de Ligação (i.e., as anáforas, os pronomes, as expressões-R), esta construção é derivada pela elevação de núcleo.

Pelo contrário, a reconstrução não está disponível na construção de oração relativa que é derivada pela elevação de operador, em que o núcleo é gerado na base. Nestas construções, os pronomes relativos-*wh* estão sempre presentes e exibem efeitos de ilha-*wh*.

2. A reconstrução das orações relativas canónicas em chinês.

De acordo com Aoun&Li (2003), o chinês disponibiliza ambas as abordagens para diferentes tipos de orações relativas, mas ambas as derivações têm a estrutura uniforme, a de adjunção.

De acordo com Aoun&Li (2003), a definição de reconstrução é: *'The Head of a relative clause can be interpreted as if it were in the gap position inside the relative clause.'*

Esta definição equivale a dizer que o processo de reconstrução reconstrói o elemento relativizado na sua posição original (i.e., a posição de vazio dentro da oração relativa). Se a frase com o vazio ocupado pelo núcleo nominal for gramatical, a reconstrução é observada nesta oração relativa e esta é derivada pela abordagem de *Raising*.

Para o chinês, observa-se a reconstrução de anáforas e de outros elementos relevantes na Teoria da Ligação. (Confronte-se os exemplos de (4a) e (4b)):

(4) a. 我叫张三劝每个人 ;开自己 ;的车子来。

wo jiao zhangsan quan mei-ge ren_i kai ziji_i de

Eu dizer Zhangsan persuadir cada-CL pessoa conduzir próprio DE

chezi lai.

carro vir.

‘Eu disse ao Zhangsan para persuadir cada pessoa_i a conduzir o seu próprio_i carro até cá.’

b. 我叫张三劝[[每个人_i开来 t_j的][自己_i的车子]_j]。

wo jiao zhangsan quan [[mei-ge ren_i kai t_j lai de]

Eu dizer Zhangsan persuadir cada-CL pessoa conduzir t vir DE

[ziji_i de chezi]_j.

próprio DE carro.

‘[O seu próprio_i carro]_j que eu disse ao Zhangsan para persuadir cada pessoa_i a conduzir t_j até cá.’

Contudo, quando o núcleo da oração relativa é um QP, que segue o modelo: [Q+Cl¹¹+N], a reconstrução do núcleo NP (i.e., o núcleo da oração relativa) não está disponível. Confrontem-se os exemplos (5a) e (5b), que diferem apenas pela presença de *dou* ‘todos’, isto é, em (5a), *mei-ge ren* ‘cada pessoa’ tem escopo sob *san-ben shu* ‘três livros’, pelo contrário, em (5b), *mei-ge ren* ‘cada pessoa’ tem escopo sobre *san-ben shu* ‘três livros’.

(5) a. 我会整理[每个人都会看 t_i的][三本书]_i。

wo hui zhengli [[mei-ge-ren dou hui kan t_i de] [san-ben shu]_i]

eu ir arrumar cada-CL-pessoa todos ir ver t_i DE [três-CL livro]_i.

‘Vou arrumar [os três livros]_i que cada pessoa vai ler t_i.’

b. 我会整理每个人会看 t_i的[三本书]_i。

wo hui zhengli [[mei-ge-ren hui kan t_i de] [san-ben shu]_i].

eu ir arrumar cada-CL-pessoa ir ler t_i DE [três-CL livro]_i

‘Vou arrumar [os três livros]_i que cada pessoa vai ler t_i.’

Se a reconstrução estiver disponível nos exemplos (5a-b), o núcleo QP *san-ben-shu* ‘três livros’ pode ser recuperado na posição de vazio dentro da oração relativa. Com efeito, *mei-ge-ren* ‘cada pessoa’ c-comanda o QP relativizado no domínio da oração relativa e tem escopo sobre *san-ben-shu* ‘três livros’. Mas, tal análise vai contra o facto de *san-ben-shu* ‘três livros’

¹¹ Cl: classificador

no exemplo (5a) ter escopo sobre *mei-ge-ren* ‘cada pessoa’. Nesta frase, *san-ben-shu* ‘três livros’ remete para três livros iguais. Se o núcleo QP relativizado exhibe reconstrução, não pode ter o escopo sobre *mei-ge-ren* ‘cada pessoa’, por isso, o núcleo QP na frase (5a) não exhibe reconstrução.

De facto, Aoun&Li (2003) afirmaram que as orações relativas, cujo núcleo é um QP, não exibem reconstrução. A palavra *dou* ‘todo’ é o elemento que causa a interpretação distinta relativamente à interação do escopo em ambas as frases. Quando o QP está no domínio da palavra *dou* ‘todo’, *dou* impede a elevação do QP, *mei-ge ren* ‘cada pessoa’, para uma posição fora de oração relativa em LF; por isso, em (5a) o QP, *mei-ge ren* ‘cada pessoa’, não tem escopo sobre o núcleo QP relativizado; pelo contrário, a ausência de *dou* na frase (5b) permite a elevação de QP *mei-ge-ren* ‘cada pessoa’ para a posição fora da oração relativa. Assim, o QP *mei-ge ren* ‘cada pessoa’ c-comanda o QP relativizado, *san-ben-shu* ‘três livros’, tendo escopo sobre ele.

Mas isto não significa que não exista reconstrução de escopo nas orações relativas em chinês.

Quando o núcleo (da oração relativa) não é um QP, mas um NP complexo encabeçado pelo NP e um QP adjunto a ele, a reconstrução está disponível. Veja o exemplo (6).

(6) 每个人都喜欢 t_i 的[[三个作家]的书] $_j$ 。

mei-ge ren dou xihuan t_i de [_{NP}[san-ge zuojia] de shu] $_j$.

Cada-CL pessoa todos gostar t_i DE três-CL escritor DE livro $_j$

‘[Os livros dos três escritores] $_j$ de que cada pessoa gosta t_i .’

No exemplo (6), embora o núcleo da oração relativa *san-ge zuojia de shu* ‘o livro dos três escritores’ contenha o QP *san-ge zuojia* ‘três escritores’, este funciona como adjunto de *shu* ‘livro’. Por isso, o núcleo da oração relativa: *san-ge zuojia de shu* ‘o livro dos três autores’ é, de facto, um NP complexo, que permite a reconstrução e pode ser recuperado na posição de vazio dentro da oração relativa. Nesta frase, o QP *mei-ge-ren* ‘cada pessoa’ tem escopo sobre o núcleo NP *san-ge-zuojia de shu* ‘o livro de três autores’.

Para as expressões idiomáticas, a reconstrução está também disponível (ver o exemplo (7)).

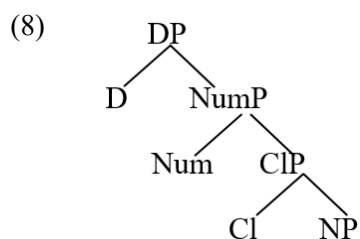
(7) 他吃 t_i 的醋 $_i$ 比谁都大。

[[*ta chi t_i de] cu_i] bi shei dou da.*

Ele comer t_i DE vinagre $_i$ comparar quem todo grande.

‘O ciúme dele é maior do que o de qualquer pessoa.’

De acordo com os exemplos apresentados acima, vemos que as anáforas exibem a reconstrução (cf. (4)). A reconstrução de expressões idiomáticas também está disponível (cf. (7)). A única exceção é o caso do escopo. Aoun&Li (2003) observaram que na frase (4) e (7), os núcleos da oração relativa são NPs, enquanto na frase (5), o núcleo da oração relativa é QP. A projeção numeral em chinês é ilustrada como:



(retirado de Aoun&Li 2003 (Tang 1990, Li 1998, 1999a, b))

Aoun&Li (2003) afirmaram que os NPs não podem ser QPs por falta de *NumP* e de *CIP*. Por isso, os QPs são projeções que ficam na posição mais alta dos NPs e não exibem reconstrução.

Aoun& Li (2003) afirmaram ainda que o chinês apenas permite a reconstrução de NPs, não de DPs.

Na secção seguinte, irei rever os argumentos do trabalho de Aoun&Li (2003) que provam que a sequência de [RC+NP] continua a ser NP.

3. Apenas a projeção NP permite a reconstrução.

Diferentemente do português, a contrapartida da conjunção ‘e’ em português pode ser *jian*, *he/gen*, *erqie* etc. em chinês. A conjunção ‘e’ no português pode ligar quaisquer duas categorias idênticas, por exemplo: ‘eu e ele’, ‘eu gosto de comer chocolate e ele gosta de comer bolo’, ‘ela é alta e bonita’, etc.

Contudo em chinês, cada categoria corresponde a uma determinada conjunção, isto é: *Jian* apenas liga dois NPs ou dois VPs, *he/gen* ligam dois DPs, *erqie* liga dois CPs/TPs. Ver os exemplos (9), (10) e (11) com as conjunções *jian*, *he/gen* e *erqie* respetivamente:

- (9) a. 我要做一个医生兼(*和/*跟/*而且)护士。

*wo yao zuo [yi-ge [yisheng jian (*he/*gen/*erqie) hushi]].*

eu querer ser um-Cl médico e enfermeiro.

‘Quero ser [[médico e enfermeiro]].’

- b. 张三念书兼做事, 很忙。

Zhangsan [[nianshu] jian [zuoshi], hen mang.

Zhangsan estudar e trabalhar, muito ocupado.

‘Zhangsan [[estuda] e [trabalha]], (ele) é bastante ocupado.’

- (10) 我要看一个医生和跟 (*兼/*而且)一个护士。

*wo yao kan [[yi-ge yisheng] he/gen (*jian/*erqie) [yi-ge*

eu querer ver um-Cl médico e um-Cl

hushi]].

enfermeiro.

‘Eu quero ver [[um médico] e [um enfermeiro]].’

- (11) 我喜欢他而且(*和/*跟/*兼)张三也喜欢他。

*[wo xihuan ta] erqie (*he/*gen/*jian) [zhangsan ye xihuan ta].*

Eu gostar ele e Zhangsan também gostar ele.

‘[Eu gosto dele] e [Zhangsan também gosta dele].’

Devido à relação fixa entre as conjunções e as categorias conetadas, para determinar a

categoria da sequência [RC + NP], basta coordenar duas destas sequências e ver qual é a conjunção aceitável.

- (12) 我想找一个[XP[CP 负责英文的][NP 秘书]]兼(*而且/*和/*跟) [XP[CP 教小孩的] [NP 教师]]。

wo xiang zhao yi-ge [XP[CP fuze yingwen de] [NP mishu]]
 eu querer arranjar um-Cl responsável por inglês DE secretaria
 jian (*erqie/*he/*gen) [XP[CP jiao xiaohai de] [NP jiaoshi]]
 e ensinar criança DE professora.

‘Quero arranjar uma secretaria que seja responsável pelo inglês e uma professora que ensine crianças.’

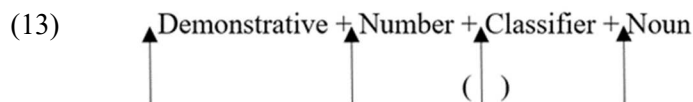
Comparando as quatro conjunções no exemplo (12), podemos ver que apenas a conjunção *jian*, uma conjunção que liga dois NPs, pode ligar duas sequências de [XP[CP RC][NP NP]], ou seja uma sequência analisável como um NP complexo, cuja estrutura é esquematizada como: [NP [CP [TP RC] de] NP].

4. A estrutura de adjunção para as orações relativas em chinês.

De facto, o facto de a sequência de [NP [CP [TP RC] de] NP] continuar a ser um NP prova que as orações relativas se encontram adjuntas a NP.

Adicionalmente, a ordem de palavras é usada no trabalho de Aoun & Li (2003) para provar que a estrutura de adjunção é a adequada para as orações relativas em chinês.

As palavras não podem ocorrer em posição aleatória em chinês. As expressões nominais que incluem os demonstrativos, os classificadores, os numerais, etc., seguem uma ordem fixa. O esquema de expressões nominais que foi ilustrado em (28) no capítulo 2, é retomado aqui em (13):



(Aoun&Li 2003)

Pelo contrário, os adjetivos e as orações relativas não têm uma posição determinada nas expressões nominais e podem ocorrer nas posições indicadas pelas setas em (13).

De acordo com Aoun&Li (2003), os adjetivos são modificadores e adjungem-se aos seus modificados dentro da projeção nominal, por isso, os adjetivos podem preceder os NPs, os QPs ou os DPs.

A distribuição arbitrária da oração relativa exclui a hipótese de as orações relativas serem complementos de N, mas tal arbitrariedade é explicável com a estrutura de adjunção.

Para além deste argumento a favor da estrutura de adjunção, os autores apresentaram argumentos contra a hipótese de as orações relativas em chinês terem uma estrutura de complementação.

Em primeiro lugar, a estrutura de complementação requer que a oração relativa seja o complemento de um determinante: [_{DP} D CP], mas como já analisámos, a categoria complexa constituída por uma oração relativa mais o núcleo da relativa (i.e., [_{NP} [RC+NP]]) continua a ser um NP (ver (12)). Por isso, a adoção da estrutura de complementação não explica o exemplo (12).

Em segundo lugar, Aoun&Li (2003) negam a proposta de estrutura de complementação para as línguas de núcleos-finais, como o chinês, porque de acordo com Kayne (1994), nas línguas de núcleos-finais, o IP sofre movimento da posição de complemento de CP para a posição da periferia esquerda de DP (mais alto). Assim, o IP não está sob o domínio de D. Em Kayne (1994), se o IP está fora de domínio de D, a frase tem interpretação não restritiva, contudo, a frase como (14) tem uma interpretação restritiva. Por isso, Aoun & Li (2003) concluem que a estrutura de complementação não é aceitável para chinês.

(14) [他看过的](那/一本)书。

[ta kan-guo de] (na/yi-ben) shu.

Ele ler-Asp DE (aquele/um-Cl) livro.

‘O/um livro que ele leu.’

Em terceiro lugar, o chinês não permite que a estrutura do D selecione o CP como o seu complemento, o que é comprovado pelo teste de conjunção, diferentemente do que acontece em inglês:

- (15) a. 我要当_{[DP[D 一个]]} [[_{[NP[CP[TP 能吟诗]的]]}]_[NP 诗人]
wo yao dang [_{XP[D yi-ge]}] [[_{NP neng ying shi de shiren}]
 eu ir ser um-CL poder escrever poema DE poeta
*而且/*很/兼 [_{NP 能画画的画家}]]。
**erqie/*hen/jian* [_{NP neng huahua de huajia}]]
 e poder pintar DE pintor.
 ‘Eu vou ser um poeta que escreve poemas e *(um) pintor que pinta.’¹²
 (tradução esperada com a conjunção *jian*: ‘Eu vou ser uma pessoa que, por um lado, é um poeta que escreve poemas e por outro lado, um pintor que pinta.’)
- b. *He is [an [[actor that wants to do everything] and [producer that wants to please everyone]]].
- c. He is [an actor that wants to do everything] and [a producer that wants to please everyone].

Podemos ver que em inglês, os constituintes coordenados são os DPs (cf. (15c)), e não os NPs (cf. (15b)) e isto prova que a oração relativa pede obrigatoriamente a presença de determinante nesta língua.

Já analisámos que as categorias que se podem ligar por *jian* são NPs e VPs, por isso, *neng ying shi de shiren* ‘poeta que escreve poemas’ e *neng huahua de huajia* ‘um pintor que pinta’ no exemplo (15a) são dois NPs, em vez de dois DPs. E estes NPs são constituídos por uma oração relativa *neng ying shi de* ‘que escreve poema’ e um núcleo NP *shiren* ‘poeta’. Por isso,

¹² O D em português, diferentemente do chinês, seleciona um CP, por isso, a tradução do exemplo em (14) sem o determinante ‘um’ é agramatical. E a interpretação da frase (14) em chinês é uma pessoa que é poeta e é pintor ao mesmo tempo.

as orações relativas não são complementos de determinantes, porque o determinante *yi-ge* ‘um’ está fora de domínio de orações relativas, isto é, os dois NPs complexos juntos funcionam como complemento de determinante: [DP [D um] [[NP [RC] [NP poeta]] e [NP [RC] [NP RC]]]]

5. Conclusão.

As anáforas e as expressões idiomáticas podem ser reconstruídas nas relativas. Mas não se observa a reconstrução de escopo dos núcleos da oração relativa relativamente aos QPs dentro de domínio da relativa. Isto acontece porque os QPs são DPs e o chinês apenas permite a reconstrução de NPs, e não de DPs; por isso, a reconstrução de QPs não é acessível. Para corroborar esta afirmação, os autores usam o teste da coordenação. A conjunção *Jian* liga dois NPs ou dois VPs, *he/gen* ligam dois DPs, *erqie* liga dois CPs/TPs, quando o núcleo da oração relativa for uma combinação de uma oração relativa mais um NP, como no exemplo (15a), o constituinte complexo continua a ser um NP, porque as sequências RC+NPs só podem conjugadas por *jian*. Aoun&Li (2003) argumentam ainda que as relativas em chinês têm como a estrutura de adjunção, porque, por um lado, as orações relativas e os adjetivos têm como mesma distribuição e os adjetivos em chinês adjungem-se aos núcleos que eles modificam; por outro lado, a estrutura de complementação é excluída porque em frases como (15a), as projeções conectadas são NPs em vez de DPs, e estas projeções são NPs complexos constituídos por uma oração relativa e um núcleo NP, o que implica que as orações relativas não pedem necessariamente a presença de um determinante, o D não seleciona a oração relativa.

Capítulo IV As orações relativas em português

0. Introdução.

Este capítulo será elaborado de acordo com a seguinte estrutura: em primeiro lugar, na secção 1.1, vou rever os estudos de Brito (1988, 1991) e de Alexandre (2000) sobre as propriedades dos constituintes relativos em português padrão, embora não procedendo a uma discussão aprofundada, porque em chinês todos os tipos das relativas são introduzidas pela partícula *de*, um morfema morfológicamente invariável, enquanto o português dispõe de constituintes relativos distintos consoante os constituintes relativizados e o tipo de oração relativa introduzido. Por isso, a análise das propriedades de cada um dos constituintes relativos não se pode aplicar ao chinês. Farei, então, apenas uma breve revisão dos constituintes relativos em português a partir dos trabalhos de Brito (1988, 1991) e de Alexandre (2000).

A secção 1.2 falará sobre as posições da relativização em português. A secção 2 dará uma panorâmica geral das três estratégias de orações relativas em português, nomeadamente, a estratégia canónica (secção 2.1), a estratégia coradora (secção 2.2) e a estratégia resumptiva (secção 2.3)

1. Propriedades Gerais: os pronomes relativos e a posição de relativização em PE (Brito, 1988, Alexandre 2000).

1.1. Os pronomes relativos que introduzem as orações relativas em português.

Considera-se que existem no total seis morfemas-*wh* em português: *que*¹³, *quem*, *onde*, *o qual*, *quanto* e *cujo* (Brito 1988, 1991, Alexandre 2000).

¹³ Faz-se notar que em Brito (1988, 1991) *o que* diferencia-se de *que*, porque *o que* pode introduzir as relativas livres, mas *que* não. Contudo, Alexandre (2000) considera que *o que* não é um constituinte único que se diferencia de ‘que’, porque se pode inserir materiais lexicais entre ‘o’ e ‘que’:

(2) a. Acabei de receber os livros de que me falaste na semana passada.

b. Acabei de receber os de que me falaste na semana passada.

Conclui-se em Alexandre (2000) que: ‘... é o D_{det} que recupera o conteúdo semântico do seu antecedente (nominal ou frásico) e não o morfema *que*.’ Mais argumentos podem ser encontrados em Alexandre (2000: 33)

De acordo com os dados apresentados em Alexandre (2000), há dois critérios que classificam os constituintes relativos:

De acordo com a variação morfológica, pode-se dividir os constituintes relativos em três grupos:

(1) Os morfemas-*wh* invariáveis: *que*, *quem* e *onde*.

Os morfemas-*wh* variáveis; *o qual*, *cujo* e *quanto*.

De acordo com o tipo de oração relativa que estes morfemas introduzem, considera-se que as orações relativas se podem repartir por três grupos¹⁴:

- (2) (i) As orações relativas restritivas e apositivas: *que*, *quem*, *onde*, *o qual*, *quanto* e *cujo*. (cf. 3-8)
 (ii) As orações relativas resumptivas e cortadora: *que* (9-10)
 (iii) As orações relativas livres: *quem*, *onde* e *quanto*, *o que* (11-14)

- (3) O homem_i [CP [SU *que*] t_i acabou de entrar] é inglês
 (4) A pessoa_i [CP [OI a quem] eu emprestei o meu carro t_i] foi presa.
 (5) A terra [[OBL onde] o João vive] não tem saneamento básico
 (6) A pessoa [[OBL acerca da qual] o João teceu um comentário desagradável] acaba de chegar.
 (7) O Sebastião come tudo [[OD quanto] apanha].
 (8) Conheci o escritor [[GEN cujas] obras tu adoras].
 (9) Olha o tipo_i [[OI *que*] eu lhe_i emprestei o meu carro].
 (10) Custou-me ouvir da boca do Octávio um insulto [OBL [P Ø] *que* eu não contava].
 (11) [[SU Quem] escreve bons livros] merece receber prémios.
 (12) Ninguém viu [[OBL aonde] eu fui].
 (13) O diretor rejeitou [[SU quantos] estavam na lista].
 (14) Não compreendi [[OD o que] ele disse].

¹⁴ Todos os exemplos em português são retirados de Brito (1988, 1991) e Alexandre (2000), salvo indicação em contrário.

1.2. A posição de relativização e as propriedades gerais das relativas canônicas em português.

O português permite recorrer a relativização em qualquer posição sintática, a saber, a posição de sujeito (cf. (3)), de objeto direto (cf. (15)), de objeto indireto (cf. (4)), de oblíquo (cf. (5)) e de genitivo (cf. (8)).

(15) A criança [[OD que] encontrei no cinema] vendia artesanato.

De entre as propriedades apresentadas pelas orações relativas canônicas em português, destacam-se duas, assinaladas desde o trabalho de Brito (1988, 1991). A primeira é que o português europeu exige *pied-piping* quando o complemento de preposição é relativizado. (cf. (6) e (16))

(16) a. O livro [_{CP} [_{PP} *de que*]_i eu falei [_{PP} *t*]_i] está esgotado.

b. *O livro [_{CP} [_{DP} *que*]_i eu falei [_{PP} *de t*]_i] está esgotado.

A segunda propriedade é que as relativas canônicas em português são derivadas por movimento-*wh*. São argumentos a favor de as relativas canônicas em PE serem derivadas por movimento-*wh* é a existência de efeito de Cruzamento Forte e a legitimação de Lacuna Parasita. O movimento-*wh* deixa na posição original um vazio e este vazio é uma variável¹⁵. As variáveis têm duas propriedades, nomeadamente, estão sujeitas ao efeito de Cruzamento Forte e legitimam uma lacuna parasita. Se os vazios nas orações relativas em PE estão sujeitos a estes dois efeitos, são variáveis e são deixados pelo movimento-*wh*.

O exemplo (17) ilustrado abaixo mostra que as orações relativas em PE estão sujeitas ao Cruzamento Forte.

¹⁵ X é uma variável se e só se (Chomsky 1981: 330)

(a) X fica na posição-A

(b) X é ligado-A' localmente.

(17) a. *A pessoa [_{CP}de quem_i o João_i fala t_i] foi eleita presidente da câmara.

b. A pessoa_i [_{CP}de quem_i o João_j fala t_i] foi eleita presidente da câmara.

No exemplo (17a), o ‘João’ não pode ligar a variável t_i , e ser co-indexado com o operador ‘de quem’. Por outras palavras, a expressão-R não pode ligar o vazio t_i na cadeia-*wh* que ela c-comanda, porque o t_i é co-indexado com o operador (‘de quem_i’ e ‘ t_i ’ formam uma cadeia-*wh*) e o operador c-comanda ‘o João’. De acordo com o princípio C na Teoria da Ligação, a expressão-R tem que ser livre e não pode ser ligada no domínio do operador ‘de quem’, e assim não pode ligar o vestígio t_i deixado por este operador.

O outro argumento a favor de as orações relativas em PE envolverem movimento-*wh* prende-se com a legitimação de Lacuna Parasita. Veja o exemplo (18):

(18) [_{CP} Quem_i o João denunciou t_i [_{Op} sem ter visto e_i] está preso.

2. Três estratégias de orações relativas em português europeu (Alexandre 2000, Brito 1988, 1991, Mória 1992, 1996).

2.1. Estratégia Canónica - Orações relativas livres, restritivas e não-restritivas.

2.1.1. Orações relativas livres em português.

Em relação às posições sintáticas acessíveis nas relativas livres, Alexandre (2000) e Mória (1992, 1996) têm posições divergentes. Apresentarei, a seguir, estas duas posições sem pretender fazer uma análise detalhada.

As orações relativas livres ocorrem em todas as posições sintáticas¹⁶, exceto na posição de genitivo (Brito 1991:204, Alexandre 2000).

(19) Eu admiro [_{SU} quem ainda mantém esperança].

(20) [[_{OD} O que] tu fizeste] surpreendeu-me.

¹⁶ As posições sintáticas que aqui se refere são as da oração encaixada, não as da oração matriz.

(21) a. $[_{DP/SU} [_{PP/OI} \text{A quem}]_i \text{ telefonaste } t_i \text{ agora}]$ já tinha enviado um fax.

b. Eu dei uma ajuda a quem precisava mais.

(22) $[\text{Só tu reparaste } [_{PP/OBL} [_{PP/OBL} \text{ donde}] \text{ eu vim}]]$.

(23) $*[[_{GEN} \text{ Cujo}] \text{ nome não sei}] \text{ ganhou uma medalha}$.

Enquanto as frases (21) e (22) são aceites em Alexandre (2000), as frases que envolvem as posições de OI e de OBL são excluídas das relativas livres em Mória (1992, 1996):

(24) $*[[_{OI} \text{ A quem}] \text{ eu dei o livro}] \text{ convidou-me para ir ao cinema}$.

(25) $*\text{O Carlos deu um livro } [[_{OBL} \text{ a em quem}] \text{ nós confiávamos}]$.

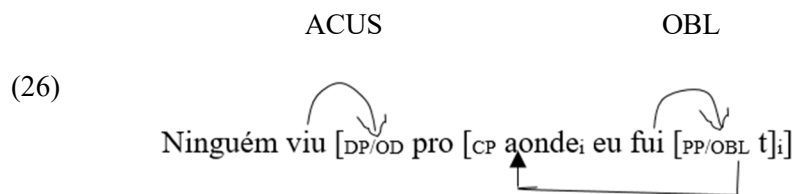
(Mória 1992: 35)

Em relação às propriedades deste tipo de relativa são destacadas quatro: primeiro, o antecedente nominal não está realizado; segundo, o antecedente da oração relativa tem sido tratado como *pro* na literatura (cf. Brito 1988, 1991, Mória 1992, 1996).

Para além destas duas propriedades específicas, há que salientar outros dois aspetos. Em primeiro lugar: i) as orações relativas livres em português podem ou não exibir conformidade categorial (Brito 1988, 1991; Mória 1992, 1996).

Observa-se a conformidade categorial no exemplo (22), isto é, a categoria sintática do vazio é igual à do antecedente, enquanto na frase (21a), isso não acontece, porque o elemento relativizado é um OI na oração relativa encaixada, mas este serve como sujeito da oração matriz.

Em segundo lugar: ii) línguas com a realização morfológica de caso em morfemas-*wh* normalmente exibem a conformidade casual, enquanto no PE tal não acontece. Isto é, o caso atribuído pelo verbo matriz ('ver' no exemplo (26)) não corresponde ao caso atribuído pelo verbo encaixado 'ir':



2.1.2. Orações relativas restritivas e apositivas em português.

Quanto às orações relativas restritivas e não-restritivas, a distinção entre elas incide no valor semântico. Segundo Alexandre (2000), sintaticamente, as apositivas comportam-se como as restritivas. Mas as relativas restritivas e apositivas diferenciam-se das relativas livres em muitos aspetos. Primeiro, diferente das relativas livres, os antecedentes das restritivas e apositivas são expressos; segundo, as restritivas e as não-restritivas permitem a relativização em todas as posições sintáticas, enquanto as livres não permitem a relativização na posição de GEN; terceiro, as duas orações permitem *pied-piping* (ver (27)).

(27) a. Conheci o escritor [[_{GEN} as obras do qual] adoras].

b. A Ana, [[_{GEN} os filhos da qual / de quem] são trigêmeos], gosta muito de passear.

2.2. Estratégia Cortadora (Orações relativas de *chopping*).

A estratégia cortadora, diferentemente da estratégia canónica, apenas permite a relativização na posição de OI, de OBL e de GEN e as orações relativas formadas por esta estratégia não envolvem movimento-*wh*. É por isso que *pied-piping* está cancelado.

(28) Desculpem interromper, mas nós temos aqui uma pessoa [_{OBL} [_P Ø] que já tentámos falar hoje à tarde].

[_{CP} [_{PP} [_P com] quem]... t_i...]

‘Que’ é complementador no exemplo (28) (Brito 1995, Faria & Duarte 1989), por isso, não envolve movimento-*wh*, uma vez que a preposição é eliminada,

2.3. Estratégia resumptivas.

A estratégia resumptiva permite, novamente que todas as posições sintáticas sejam relativizadas. Uma característica desta estratégia, que a distingue das outras duas, é que o

elemento coreferente do antecedente da oração relativa é uma categoria pronominal. A outra propriedade prende-se com o facto de o morfema ‘que’ não ser um pronome relativo, mas um mero subordinador. Uma análise mais detalhada será encontrada no capítulo 6.

3. Conclusão.

Este capítulo faz uma revisão de alguns aspetos dos trabalhos de Brito (1988, 1991), Mória (1992, 1996) e Alexandre (2000) para as orações relativas em PE. As orações relativas em PE podem ser introduzidas por seis pronomes relativos, dependendo da posição relativizada e todas as posições podem ser relativizadas. Os sete pronomes relativos (incluindo *o que*) são: *que*, *o que*¹⁷, *quem*, *onde*, *o qual*, *quanto* e *cujo*.

Há três estratégias de formação das orações relativas em português, nomeadamente, a estratégia canónica, a cortadora e a resumptiva. As orações relativas formadas pela estratégia canónica estão divididas em três grupos, as orações relativas livres, as restritivas e as apositivas. O antecedente da relativa livre não é realizado, enquanto o é nas restritivas e nas apositivas. As relativas livres não exibem conformidade casual e podem ou não exibir conformidade categorial em PE.

Todas as posições podem ser relativizadas nas relativas restritivas e apositivas. Em relação à posição de relativização das relativas livres, Mória (1992, 1996) não aceita as posições de OI, OBL e de GEN, enquanto Alexandre (2000) excluiu apenas a posição de GEN.

As relativas formadas pela estratégia cortadora apenas permitem a relativização na posição de OI, OBL e de GEN, que são os únicos casos em que o constituinte relativizado é iniciado por uma preposição. As relativas restritivas e não-restritivas permitem *pied-piping*.

Enquanto as relativas canónicas e as cortadoras envolvem vazios, a posição de relativização é ocupada por um pronome nas relativas resumptivas.

¹⁷ Brito (1988, 1991) e Alexandre (2000) divergem quanto à inclusão de *o que* nos relativos.

Capítulo V Três estratégias de orações relativas em chinês

0. Introdução

Devido à especificidade e complexidade das orações relativas em chinês, os estudos sobre este assunto não parecem ser tão profundos como para outros tópicos. Em capítulos anteriores, já vimos as análises de Comrie (2002), estudo que questiona a existência das orações relativas em chinês; o trabalho de Del Gobbo (2005, 2007, 2010), que analisa principalmente as orações não-restritivas em chinês e os trabalhos de Huang, Li & Li (2009) e de Aoun & Li (2003) sobre as orações relativas, que são os mais sistemáticos e apresentam estruturas e derivações correspondentes às diferentes estratégias das orações relativas em chinês (cf. capítulo 3).

De acordo com os estudos clássicos, assumir-se-á que existem, no total, três estratégias centrais¹⁸ de relativização em chinês, a saber, as orações relativas canônicas, as orações relativas resumptivas e as relativas cortadoras. Note-se que o termo *relativas canônicas* não é usado neste estudo como sinónimo de *não-marcado*, mas sim de relativas que envolvem movimento. Como veremos, há contextos em que as relativas resumptivas são a estratégia de relativização não marcada.

O objetivo deste capítulo é rever duas das estratégias de relativização que o chinês disponibiliza, excepto a estratégia resumptiva, a qual será analisada no último capítulo. Irei focar, sobretudo, as restantes estratégias, analisando as propriedades de cada uma.

Embora as orações relativas em chinês sejam especiais, poucos estudos consideram o tipo de orações que se podem incluir nesta construção. As estratégias catalogadas neste capítulo são principalmente inspiradas por Aoun & Li (2003), Huang, Li & Li (2009), Zhang (1999), entre outros.

O estudo de De Vries (2001), baseado em 231 estratégias de orações relativas em 176 línguas, identifica 11 critérios para classificar as orações relativas. Alguns destes podem ser adotados para a classificação das orações relativas em chinês

Este capítulo está dividido em duas partes.

¹⁸ Para além das orações relativas reduzidas que já se referiu no capítulo 2, o chinês tem três estratégias para formar as relativas centrais: as relativas canônicas, as relativas resumptivas e as relativas cortadoras.

A primeira parte apresentará as propriedades comuns das orações relativas em chinês: todas as posições podem ser relativizadas e o chinês, diferentemente do português, não permite *pied-piping*.

A segunda parte discute duas estratégias que formam as relativas em chinês. É abordada em primeiro lugar, na secção 2.2, a relativa canónica. Nesta estratégia, incluem-se as relativas restritivas (cf. a secção 2.2.1), as relativas não restritivas (cf. a secção 2.2.2), as orações relativas livres (cf. a secção 2.2.3) e as relativas de adjunto (cf. a secção 2.2.4). As relativas livres ocorrem em todas as posições sintáticas, excepto na posição de GEN. A existência de relativas não-restritivas é um caso problemático, pois alguns linguistas (Del Gobbo 2005, 2007, 2010) admitiram que não há, realmente, orações não-restritivas em chinês enquanto outros (Huang 1982) são a favor da sua existência. Para além de posições de SU, OD, OI, OBL e GEN, outras posições que indicam lugar, tempo, causa e maneira também podem ser relativizadas. Estas posições funcionam como adjuntos das frases e, por isso, as relativas nestas posições são designadas relativas de adjunto. As relativas de adjunto são diferentes das relativas canónicas porque não têm reconstrução e não são derivadas pela elevação de núcleos.

A última estratégia é dedicada à descrição das cortadoras (cf. a secção 2.3)

1. Propriedades Gerais

1.1. Posições de Relativização.

O chinês permite que todas as posições, a saber, as posições de SU, de OD, de OI, de OBL e de GEN, sejam relativizadas. Os exemplos (1)-(5) ilustram todas as posições de relativização.

A posição de SU:

(1) t_i 跑完马拉松的运动员 $_i$ 被提名了

t_i pao-wan malasong de yundongyuan $_i$ bei timing le.

t_i correr-PEF maratona DE atleta $_i$ ser homenagear LE.

‘O atleta $_i$ que t_i acabou a maratona foi homenageado.’

A posição de OD:

(2) [我在电影院遇到 t_i 的[小孩] $_i$]卖手工艺品。

wo zai dianyingyuan yudao t_i de xiaohai $_i$ mai shougongyiping.

Eu em cinema encontrar t_i DE criança $_i$ vender artesanato.

‘A criança $_i$ que encontrei t_i no cinema vendia artesanato.’

A posição de OI

(3) 若昂打给他 i 的人 i 不见了。

ruoang da gei t_i de ren $_i$ bujian-le.

João telefonar a ele $_i$ DE pessoa $_i$ desaparecer-LE.

‘A pessoa $_i$ a quem $_i$ o João telefonou t_i desapareceu.’

A posição de OBL

(4) 若昂写了关于他 i 的一篇评论的人 i 。

ruoang xie-le guanyu t_i de yi-pian pinglun de ren $_i$

João escrever-LE sobre ele $_i$ DE um-CL comentário DE pessoa $_i$

gang dao

há pouco chegar.

‘A pessoa $_i$ acerca do qual $_i$ / acerca de quem $_i$ o João escreveu um comentário acabou de chegar.’

A posição de GEN:

(5) 我认识那个你喜欢他 i 的作品的作家 i 。

wo renshi na-ge ni xihuan t_i de zuoping de zuojia $_i$.

Eu conhecer aquele-CL tu gostar ele $_i$ de obras DE escritor $_i$.

‘Conheço o escritor cujas obras/as obras do qual tu gostas.’

A partir das frases expostas acima, encontrei um fenómeno interessante: a relativização na posição de SU e de OD¹⁹ não permite a ocorrência do pronome resumptivo enquanto a presença

¹⁹ O caso de OD é ambíguo. Alguns linguistas (Li & Thompson 1981, Tang 1979, Hawkin & Chan 1997, Hu & Liu 2007, Gu 2001, entre outros) assumem a aceitabilidade dos resumptivos nesta posição, outros (Yuan 2005, Zhang 2007 entre outros) não a aceitam. Assumir-se-á neste trabalho que são os traços semânticos [\pm animado] que influenciam a ocorrência dos pronomes resumptivos na posição de OD. Sintaticamente, não há nenhuma condição que impeça o movimento do pronome resumptivo na posição de complemento de TP para o SpecCP. Uma vez que a estratégia só se aplica quando o movimento é bloqueado, a aplicação da estratégia resumptiva numa situação que

deste é imprescindível na posição de OI, de OBL e de GEN²⁰. Isto equivale a dizer que os pronomes resumptivos e os vazios nas orações relativas em chinês ocorrem na posição de complementos (das preposições).

A segunda observação que retiramos dos exemplos acima apresentados é que o chinês não autoriza o abandono de preposição:

(6) 小明打了几次电话给安娜。

Xiaoming da le ji-ci dianhua gei anna.

Xiaoming telefonar-LE vários-CL telefone a Ana.

‘Xiaoming telefonou à Ana várias vezes’

(7) a. *小明打了几次电话给 t_i 的人 i 是安娜。

**Xiaoming da le ji ci dianhua gei t_i de ren_i shi anna*

Xiaoming telefonar LE vários vez telefone a t_i DE pessoa ser Ana.

*‘A pessoa _{i} que *Xiaoming* telefonou várias vezes a t_i é a Ana’

b. 小明打了几次电话给她 _{i} 的人 i 是安娜。

Xiaoming da le ji ci dianhua gei ta_i de ren_i shi anna_i.

Xiaoming telefonar LE vários vez telefone a ela _{i} DE pessoa ser Ana.

‘A pessoa _{i} que *Xiaoming* lhe _{i} telefonou várias vezes é a Ana.’

(8) a. *安娜, 小明打了几次电话给 t_i 。

**Anna_i, Xiaoming da le ji ci dianhua gei t_i.*

A Ana _{i} , Xiaoming telefonar LE vários vez telefone a t_i

*‘A Ana, *Xiaoming* telefonou várias vezes a t_i .’

b. 安娜 _{j} , 小明打了几次电话给她 _{j} 。

Anna_j, Xiaoming da le ji ci dianhua gei ta_j.

A Ana _{j} , Xiaoming telefonar LE vários vez telefone a ela _{j} .

permite a ocorrência de movimento parece redundante.

Analisarei detalhadamente no capítulo 6 sobre a ocorrência dos pronomes resumptivos na posição de OD.

²⁰ O caso de GEN confunde-se sempre com a construção de SU-Pred-Pred de que falarei na secção (6.)2.1.4. Assumir-se-á neste trabalho que os pronomes resumptivos são obrigatórios na posição de genitivo nas orações relativas em chinês.

‘A Ana, Xiaoming telefonou-lhe; várias vezes.’

Comparando os exemplos (7) e (8) (i.e., a relativização e a topicalização respetivamente), observamos um fenómeno interessante: o complemento de uma preposição é sensível ao movimento, isto é, o movimento do complemento da preposição é bloqueado. Concretamente, o complemento da preposição *gei* ‘a’, Anna ‘Ana’ (cf. (6)), não se pode mover para a posição fora do domínio de PP (cf. (7a), (8a)), o que prova que o chinês não autoriza o abandono de preposição. Neste caso, a presença do pronome resumptivo, ocorrendo na posição de vazio, pode salvar a frase e torná-la gramatical (cf. (7b), (8b)).

A terceira observação é que, para além das posições de SU e de OD, outros constituintes, indicando o instrumento, o tempo, o lugar, a causa e a maneira, também podem ser relativizados (deixando vazios) (Li & Thompson (1981)). Os exemplos ilustrativos são:

(9) O tempo [+tempo]

a. 他踢足球的季节。

Ta ti zuqiu de jijie

ele jogar futebol DE temporada

‘A temporada em que ele joga futebol’

b. 他在这个季节踢足球。

Ta zai zhe-ge jijie ti zuqiu.

ele em este-CL temporada jogar futebol.

‘Ele joga futebol nesta temporada’

(10) A localização [+localização]

a. 张三画画的房间

Zhangsan huahua de fangjian

Zhangsan pintar DE quarto

‘O quarto onde/em que Zhangsan pinta’

b. 张三在房间画画。

Zhangsan zai fangjian huahua.

Zhangsan em quarto pintar.

‘Zhangsan pinta no quarto.’

(11) A causa [+razão]

a. 我来这儿的原因。

wo lai zheer de yuanyin

eu vir aqui DE razão

‘A razão por que eu venho aqui’

b. 我因为考试来这儿。

Wo yinwei kaoshi lai zheer.

Eu porque exame vir cá.

‘Venho cá por causa de exame.’

(12) O modo [+maneira]

a. 小偷偷东西的方法

Xiaotou tou dongxi de fangfa.

Ladrão roubar coisa DE maneira

‘A maneira como o ladrão rouba.’

b. 小偷用那个方法偷东西。

Xiaotou yong na-ge fangfa tou dongxi.

O ladrão usar aquele-CL maneira roubar coisas.

‘O ladrão rouba daquela maneira.’

A maneira (cf. (12)) e a causa (cf. (11)) são dois casos que já foram analisados no trabalho de Aoun & Li (2003). Para eles, a função sintática dos constituintes que indicam o modo e a causa, por exemplo, *fangfa* ‘maneira’ e *yuanyin* ‘razão’ em (12) e (11) respectivamente, são adjuntos e este tipo de relativas é derivado por movimento de um operador, diferente das outras orações relativas canônicas (cf. (1) e (2) deste capítulo) que são derivadas de movimento de núcleo NP da oração relativa.

Estas posições também podem ser relativizadas em português e particularmente, Alexandre

(2000) aborda dois casos destes, o de maneira e o de tempo, afirmando que a relativização nestas duas posições é introduzida por ‘como’ e ‘quando’ ou por ‘o tempo em que’ e ‘o modo que’, suscitando a discussão de se ‘como’ e ‘quando’ puderem ser analisados como morfemas-*wh* ou não.

Por um lado, há linguistas que assumem que ‘como’ e ‘quando’ podem ser analisados como pronomes relativos²¹, porque podem ser parafraseados por ‘o tempo em que’ e ‘o modo que’ respetivamente²² (cf. Barboza 1830, Alexandre 2000), e por outro lado, não se comportam como constituintes relativos²³, porque as relativas introduzidas por eles exibem comportamentos diferentes das relativas introduzidas pelos morfemas-*wh*.

Embora as relativas de adjunto em chinês, diferentemente do português, sejam introduzidas invariavelmente pela partícula *de* como outras relativas canónicas, as relativas de adjunto divergem-se das outras relativas canónicas.

Baseada no trabalho de Aoun & Li (2003), irei abordar as relativas de adjuntos (i.e., as

²¹ Argumentos a favor de *como* e *quando* serem morfemas-*wh*: ‘...as orações introduzidas por *quando*, *enquanto*, *como* têm um sentido restritivo, paralelo ao de *que* e ao de *onde*...’ (Mateus *et al* 1989). Para além disso, estes constituintes podem ser parafraseados por ‘o tempo em que’ e ‘o modo que’ respetivamente (cf. Barboza 1830, Alexandre 2000).

²² Faz-se notar que existe mais de duas formas de *como*, a forma relativa, a comparativa, e a causal. Apenas a primeira pode ser substituída por pronome relativo. O mesmo ocorre com *quando*, uma palavra que tem duas formas, a saber, relativo e conjunção e apenas a primeira é substituída por pronome relativo.

²³ Os argumentos apresentados por Alexandre (2000) a favor de as relativas introduzidas por ‘como’ e ‘quando’ exibem comportamentos diferentes das relativas introduzidas por morfemas-*wh* são os seguintes:

- i) As relativas de ‘como’ e ‘quando’ podem ocorrer em orações participiais, enquanto as relativas introduzidas por morfemas-*wh* não.
- (3) a. [Quando entrevistados], os políticos respondem de forma evasiva. (*No momento em que entrevistados, os políticos respondem de forma evasiva.)
b. *Os políticos [CP que entrevistados] respondem de forma evasiva
- ii) As relativas introduzidas por morfemas-*wh* e por ‘como’ e ‘quando’ divergem-se em relação à mobilidade:
- (4) a. *[CP Que ficaram alarmadas], as pessoas provocaram um tumulto.
b. [CP Quando o primeiro-ministro deu a notícia], as pessoas ficaram alarmadas
- iii) A estratégia rsumptiva co-ocorre com relativas de morfemas-*wh*, mas não com relativas de ‘como’ e ‘quando’.
- (5) a. Há lá [muitos aparelhos]_i [CP que ninguém sabe trabalhar [com eles]_i].
b. *O João leu [as dissertações]_i [CP quando os colegas as_i fotocopiaram].
- iv) As relativas introduzidas por ‘como’ e ‘quando’ podem ocorrer em predicados secundários, mas as introduzidas por morfemas-*wh* não.
- (6) a. [Quando lavável na máquina], não ultrapassar os 30°.

relativas de *shihou* ‘quando’, *fangfa* ‘como’ e *yuanyin* ‘porque’ na secção 2.2.4.

1.2. Os Pronomes Relativos

O chinês não tem pronomes relativos e a partir dos exemplos expostos em secções anteriores, já é claro que a relativização é realizada pela partícula *de*.

As relativas em chinês são introduzidas invariavelmente pela partícula *de*, independentemente das contrapartidas dos pronomes relativos (i.e., *que*, *quem*, *o qual*, *onde*, *cujo* e *quanto*) que se usam em português. Para além disso, as relativas de adjunto também pedem obrigatoriamente a presença de *de*. (cf. (9-12)).

Em português, diferentes pronomes relativos correspondem a diferentes posições relativizadas. O chinês, mesmo que use uniformemente a partícula *de*, recorre a estratégias diversas segundo as posições sintáticas relativizadas. Este assunto será tratado na próxima secção.

2. Estratégias de Relativização em Chinês.

2.1. A classificação das orações relativas em chinês.

No trabalho de De Vries (2001), são usados 11 critérios para a classificação das orações relativas, baseado num corpus de 231 estratégias de relativas em 176 línguas.

a.	<i>kind of modification/relation:</i>	restrictive, appositive, degree
b.	<i>hierarchical status of RC:</i>	embedded within DP, correlative
c.	<i>presence of head:</i>	headed/free relatives
d.	<i>presence of relative pronoun:</i>	yes/no
e.	<i>presence of complementizer:</i>	yes/no
f.	<i>presence of resumptive pronoun:</i>	yes/no
g.	<i>hierarchical position of head:</i>	externally/internally headed RCs
h.	<i>linear order of head and RC:</i>	head initial/final relatives
i.	<i>inflectional completeness of RC:</i>	finite/participial relatives
j.	<i>position of Det w.r.t. N and RC:</i>	initial/middle/final
k.	<i>position of (Case) markers, if any:</i>	on N, on N and RC

(De Vries 2001)

Alguns destes critérios podem servir como um padrão que distingue diversas estratégias dentro de uma mesma língua, como, por exemplo, a presença do pronome resumptivo, a relação de modificação entre o núcleo e a oração relativa, etc., enquanto outros servem como critérios interlinguísticos. Duas propriedades importantes para a distinção entre o português e o chinês são a presença de pronomes relativos e a ordem entre o núcleo e a oração relativa nas relativas com antecedente (*headed relatives*): por um lado, o chinês é uma língua que não tem pronomes relativos, enquanto o português tem; por outro lado, o núcleo, ou antecedente, (*head*) na estrutura de relativização em português precede a oração relativa, enquanto em chinês a segue. É por isso que se diz que o chinês é uma língua de núcleo-final no domínio do NP e o português é uma língua de núcleo-inicial.

De acordo com a classificação de De Vries (2001) e as análises na literatura, o chinês possui três estratégias de relativização: a estratégia canónica, a estratégia cortadora e a estratégia resumptiva.

2.2. As Relativas Canónicas²⁴.

2.2.1. As Relativas Restritivas.

Para iniciar, falarei nesta secção da estratégia mais comum, a estratégia canónica.

Como já se referiu na secção 1.1 deste capítulo, a relativização em posições de SU e de OD não pedem a presença do pronome resumptivo e estas relativas exibem reconstrução de anáfora e de expressões idiomáticas. Os exemplos seguintes são ilustrativos:

(13) Reconstrução de SU

²⁴ Note-se que o conceito de ‘estratégia canónica’ em chinês difere do de ‘estratégia canónica’ em português. As relativas canónicas em português, que envolvem sempre vazios de movimento de constituinte, constituem a estratégia não marcada e não marginais pela globalidade dos falantes nativos. Mas para o chinês, tanto as relativas com movimento de constituinte como as relativas resumptivas ocorrem como estratégias não marcadas, aceites como bem formadas pelos falantes nativos. Neste trabalho o termo ‘canónico’ é usado para referir as relativas que envolvem vazios. Neste caso, o chinês tem três estratégias: as relativas canónicas (que envolvem vazios), as relativas resumptivas e as relativas cortadora.

爱显摆自己_i的学生_i没有通过考试。

ai xianbai ziji_i de xuesheng_i meiyou tongguo kaoshi.

gostar ostentar próprio DE estudante não passar exame

‘O estudante que gosta de se gabar a si próprio não passou no exame.’

(14) Reconstrução de OD

我叫张三劝每个人_i开来的自己_i的车。

[[Wo jiao Zhangsan quan mei-ge ren_i kai t_j lai de] [ziji_i

Eu dizer Zhangsan persuadir cada-CL pessoa conduzir t_j cá DE próprio de che]_j.

DE carro.

‘O seu (próprio) carro_i que eu disse ao Zhangsan para persuadir cada pessoa_i a conduzir até cá.’

(Aoun&Li 2003)

De acordo com o princípio A²⁵ da Teoria da Ligação, as anáforas como *ziji* ‘próprio’ em (13) e em (14) têm que ser ligadas no seu domínio local. Em (13), *xuesheng* ‘estudante’ e *ziji* ‘próprio’ correm em domínios diferentes (i.e., *xuesheng* ‘estudante’ no domínio da oração matriz e *ziji* ‘próprio’ no domínio da oração relativa) e em (14), *mei-ge ren* ‘cada pessoa’ e *ziji* ‘próprio’ também se encontram em domínios diferentes, mas em ambos os casos, os antecedentes e as anáforas têm a mesma referência. Por isso, observa-se a reconstrução nas orações relativas restritivas.

Os vazios nas relativas são considerados como variáveis em português. Os dois diagnósticos pertinentes são o efeito de Cruzamento Forte e a legitimação de Lacuna Parasita.

²⁵ No programa minimalista, os princípios A, B e C são reformados (Chomsky, 1995b):

A. *If a is an anaphor, interpret it as coreferential with a c-commanding phrase in the relevant local domain.*

B. *If a is a pronoun, interpret it as disjoint from every c-commanding phrase in the relevant local domain.*

C. *If a is an r-expression, interpret it as disjoint from every c-commanding phrase.*

Na Teoria da Regência e da Ligação, os dois primeiros princípios aplicam-se no domínio da *governing category* enquanto no PM, estes ocorrem no domínio local. Mas a ideia essencial ainda se mantém: as anáforas têm de ter a mesma referência que os sintagmas que as c-comandam (ser ligadas na TRL) no seu domínio local (*governing category* na TRL) e os pronomes têm de ser livres no seu domínio local.

Em primeiro lugar, as relativas canônicas em chinês estão sujeitas ao efeito de Cruzamento Forte:

(15) a. A posição de SU:

*这就是我告诉小丽_i t_i 得奖的女孩_i。

Zhe jiushi wo gaosu xiaoli_i t_i de jiang de nvhai_i

Este ser eu dizer Xiaoli_i t_i ganhar prêmio DE menina_i.

*‘Esta é a menina_i que eu disse à Xiaoli_i que t_i ganhou o prêmio.’

b. a posição de OD:

*这就是我告诉小丽_i 小明喜欢 t_i 的女孩*_i

Zhe jiushi wo gaosu xiaoli_i xiaoming xihuan t_i de nvhai_i.

Esta ser eu dizer Xiaoli_i Xiaoming gostar t_i DE menina_i.

*‘Esta é a menina_i que eu disse à Xiaoli_i de que o Xiaoming gosta.’

De acordo com o princípio C da teoria da ligação, a expressão-R *Xiaoli* em (15a-b) tem que ser livre não apenas no seu domínio local, mas em toda a frase. Assim, a ocorrência desta expressão é considerada como cruzando a dependência estabelecida entre o antecedente e o vazio.

Por isso, as relativas canônicas em chinês, como as relativas canônicas em português, são sensíveis ao efeito de Cruzamento Forte (e ao princípio C da teoria da ligação).

A legitimação ou não de Lacuna Parasita em chinês serve como outro diagnóstico para confirmar o nível de representação dos vazios em orações relativas, porque ‘as lacunas parasitas são categorias vazias legitimadas apenas por variáveis antes de *spell-out*.’

Os vazios em português são variáveis na sintaxe explícita, porque legitimam lacunas parasitas:

(16) Esta é uma realidade_i [CP da qual não nos podemos dissociar t_i [depois de conhecermos e_{ij}].

(Alexandre 2000: 71)

Quanto ao chinês, existe uma inconsistência nas propostas relativamente à existência de Lacunas Parasitas. Uns são a favor da sua existência (Tsai (1997), Lin (2005)) enquanto outros não (Ting & Huang (2008), Ning (2008)).

Frases como (17a-b) são analisadas como provas de o chinês legitimar Lacunas Parasitas:

(17) a. 一个你见过 e_i 之后永远不会忘记 t_i 的人 i_0 。

yi-ge ni jian guo e_i zhihou yongyuan bu hui wangji t_i de ren.

um-CL você ver Asp e_i depois eternamente não ir esquecer t_i DE pessoa.

‘Uma pessoa $_i$ de quem você nunca se esqueceria t_i depois de ver e_i .’

b. 一本你读过 t_i 却没有评论过 e_i 的书。

yi-ben ni du guo t_i que meiyou pinglun guo e_i de shu.

um-CL você ler Asp t_i mas não comentar Asp e_i DE livro.

‘Um livro que você leu t_i sem comentar e_i .’

Em suma, as relativas restritivas em posições de SU e de OD em chinês exibem reconstrução e estão sujeitas a efeitos de ilha, por isso, são derivadas pela *Raising Analysis*. Para além disso, as relativas em chinês têm uma estrutura de adjunção. Tendo em conta estas propriedades, a estrutura das relativas restritivas que Aoun&Li (2003) propõem é a ilustrada seguidamente:

(18) $[_{NP} [_{CP} [_{IP} \dots [_{NP} t_i] \dots]] [_{head} NP_i]]$.

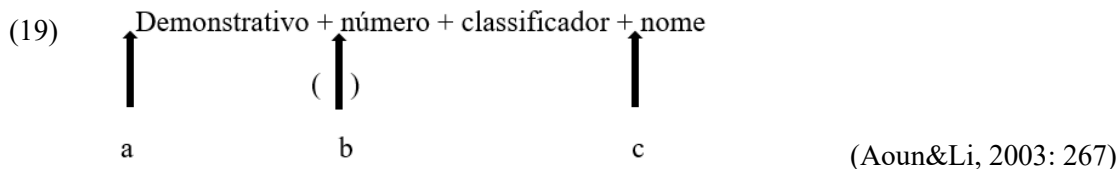
As relativas adjungem-se aos núcleos NPs que se deslocam diretamente da posição dentro das relativas para posição exterior e a reconstrução é considerada.

2.2.2. As Relativas Não-Restritivas.

Comparando com outros elementos, a saber, classificadores, numerais ou demonstrativos que formam NPs complexos em chinês, as orações relativas não ocorrem em posições determinadas, o que implica que as orações relativas, como os adjetivos, surjam numa estrutura de adjunção.

(Aoun&Li 2003)

Tendo em conta esta propriedade, i.e., a mobilidade das orações relativas, duas propostas divergentes são defendidas na literatura: por um lado, Chao (1968) e Huang (1982) assumem que quando as orações relativas ocorrem na posição (a), são relativas restritivas e quando as orações relativas ocorrem na posição (c), são não-restritivas (cf. (19))



No entanto, Del Gobbo (2003) e Zhang (2001) consideram que o chinês não tem orações relativas não restritivas e que as relativas na posição (c) também devem ser consideradas como orações restritivas.

São apresentados dois argumentos a favor da proposta de o chinês não ter as relativas não-restritivas²⁶:

Em primeiro lugar, as relativas não restritivas permitem que os seus antecedentes sejam ocupados por qualquer projeção máxima. (Sell, 1985). As relativas restritivas, porém, apenas permitem que os antecedentes sejam NPs. Os exemplos (1-5), (9-12) apresentam todos os casos de orações relativas restritivas e nestes casos, os núcleos são NPs. (os exemplos em (20) são todos tirados de Del Gobbo (2003)).

- (20) a. Mary was [AP intelligent], [CP which John never was]. (Demirdache 1991: 108)
- b. Joe [VP debated in high school], [CP which Chuck did too]. (Thompson 1971: 84)
- c. They talked [PP from twelve to one o'clock], [CP which is a long time.]
- (De Vries 2002: 185)
- d. [IP Fairly hasn't arrived yet], [CP which bothers Green]. (modificado de Sells 1985a: 13)

Para ter o mesmo valor semântico, as contrapartidas das frases (20) em chinês não podem ser introduzidas pela partícula *de* e estas frases são introduzidas por conjunções coordenativas,

²⁶ Mais argumentos de que o chinês não disponibiliza orações relativas não-restritivas podem ser encontrados em Del Gobbo (2003: 51-62)

como por exemplo *dan* ‘mas’ em (21):

(21) 玛丽很聪明，但约翰从来都不聪明。

Mali hen congming, dan yuehan conglaidou bu congming.

Maria ser inteligente, mas João nunca ser interligente

‘A Maria é inteligente, mas o João nunca foi.’

No entanto, as conjunções fazem com que as orações deixem de ser subordinadas. A construção relativa não restritiva em chinês, é, então, apresentada em duas frases articuladas por uma conjunção coordenativa.

Em segundo lugar, as relativas não-restritivas não permitem o empilhamento (*stacking*):

(22) a. *O homem, a quem emprestei o livro, a quem o João telefonou instantemente desapareceu.

b. O rapaz que ganhou o prémio, que eu entrevistei na semana passada.

(23) a. [张三没看过的][我昨天买的]那一本书。

[Zhangsan mei kan guo de] [wo zuotian mai de] na-yi-ben shu.

Zhangsan não ler Asp DE eu ontem comparar DE aquele-um-CL livro.

‘Aquele livro que Zhangsan não leu que comprei ontem’

b. 那一本[张三没看过的][我昨天买的]书。

Na-yi-ben Zhangsan mei kan guo de wo zuotian mai de shu.

Aquele-um-CL Zhangsan não ler Asp DE eu ontem comprar DE livro

‘Aquele livro que Zhangsan não leu que eu comprei ontem’

A frase (23b) é tratada como oração relativa não-restritiva em Aoun&Li (2003) e Huang, Li, Li (2009), porque as orações subordinadas ocorrem na posição ‘c’ na estrutura ilustrada em (19). Se a frase (23b) é uma oração relativa não restritiva, então, contrariamente ao que se verifica, não deveria permitir o empilhamento, como as relativas apositivas em português no exemplo

(22a)²⁷.

Porém, apesar de todos os argumentos acima ilustrados a favor de o chinês não ter orações relativas não restritivas, outros argumentos sugerem que o chinês tenha relativas não restritivas.

Em português, um teste para as relativas apositivas (não restritivas) é elas poderem aplicar-se a nomes próprios, os quais usualmente não precisam de um elemento modificador que restrinja a sua referência, pois os nomes próprios podem por si sós referir uma entidade:

(24) a. Xiaoming, que lê muito, não leu esse livro.

O chinês, no que toca a este aspeto, comporta-se como o português, isto é, a frase (24a) em chinês, ilustrada em (24b), pode ter como núcleo da oração relativa um nome próprio. Assim, a oração relativa que o modifica não restringe a sua referência.

(24) b. 读很多书的小明没有读过这本书

du henduo shu de Xiaoming meiyou du guo zhe-ben shu.

ler muito livro DE Xiaoming não ler Asp este-Cl livro.

‘Xiaoming, que lê muitos livros, não leu este livro.’

(25) 看了这本书的男孩不是小明。

kan le zhe-ben shu de nanhai bu shi Xiaoming.

Ler LE este-Cl livro DE menino não ser Xiaoming.

‘O rapaz que leu esse livro não foi Xiaoming.’

Os nomes próprios podem por si sós podem referir uma entidade, por isso, a oração relativa *du henduo shu* ‘ler muito livro’ em (24b) não restringe o nome próprio *Xiaoming*, diferente da oração relativa restritiva em (25) em que a oração relativa restringe o núcleo *nanhai* ‘menino’.

Sem discussão mais profundada sobre este tipo de relativa, vou afirmar que o chinês tem orações relativas não restritivas no caso de o núcleo da relativa ser um nome próprio.

²⁷ Encontram-se mais estudos sobre este tópico em Del Gobbo (2010) e Cinque (2008), que analisam as relativas não restritivas em chinês e em italiano respetivamente.

2.2.3. As Relativas Livres.

As relativas livres são diferentes de outros tipos de relativas, por não terem antecedentes nominais realizados.

(26) A posição de SU

写好书的 *e* 值得尊敬。

Xie hao shu de e zhide zunjing.

Escrever bom livro DE *e* merece respeito.

‘Quem escreve bons livros merece respeito.’

(27) A posição de OD

我将你向我建议的 *e* 提名长官。

Wo jiang ni xiang wo jianyi de e timing zhangguan.

Wu deixar você a mim aconselhar DE nomear chefe.

‘Nomeei diretor quem tu me aconselhaste.’

(28) A posição de OI:

[NP/SU[PP/OI 你刚给他打电话]的 *e*]已经寄来传真。

Ni gang gei ta da dianhua de e yijing jilai chuanzhen.

Você acaba a ele telefonar DE *e* já enviar fax.

‘A quem telefonaste agora já tinha enviado um fax.’

(29) A posição de OBL:

[NP/SU[PP/OBL 我喜欢和他讨论问题]的 *e*]已经辞职了。

Wo xihuan he ta taolun wenti de e yijing cizhi le.

Eu gostar com ele discutir pergunta DE *e* já dimitir-se LE.

‘[Com quem_i [eu gostava de discutir esses assuntos t_{i,PP/OBL}]] t_{i-NP/SU} demitiu-se da empresa.’

A segunda observação é que as relativas livres em chinês, como em português, podem ocorrer em todas as posições sintáticas (cf. (26)-(29)), exeto na posição de GEN.

Em terceiro lugar, a conformidade categorial não se observa em chinês, tal como acontece

muitas vezes em português. Podemos ver que na frase (29), o verbo encaixado pede um PP como o seu OBL, enquanto o verbo matriz pede um NP como o seu sujeito.

2.2.4. As Relativas de adjunto.

Já vimos no início deste capítulo que, em chinês, todas as posições sintáticas, nomeadamente, a posição de SU, OD, OI, OBL e GEN, podem ser relativizadas (cf. (1) - (5)).

As orações relativas que se ocorrem nas posições de SU e de OD são derivadas pela estratégia de elevação de núcleo (*head-raising approach*), porque se observa a reconstrução de núcleos em relação às anáforas e a reconstrução só está disponível para a *Raising Analysis* (Aoun&Li 2003), por isso, as relativas em posições de SU e de OD são derivadas por *Raising* com a estrutura de adjunção.

Para além destas posições, o chinês permite ainda que as posições de adjunto sejam relativizadas. O chinês tem adjuntos de tempo, de lugar, de causa e de maneira, os exemplos já foram ilustrados em (9)-(12). Os adjuntos de maneira e de causa foram analisados em Aoun&Li (2003)²⁸. Esta secção vai-se concentrar noutros dois adjuntos, a saber, adjuntos de lugar e de tempo, tendo em conta as propriedades das relativas formadas a partir destes adjuntos.

A primeira observação de Aoun&Li (2003) é que os adjuntos de maneira (cf. (30)) e de causa (cf. (31)) não se regem pela conformidade categorial. Vejam-se os exemplos ilustrativos:

(30) adjunto de maneira [+maneira]:

a. 小明用那个方法修车。

Xiaoming yong na-CL fangfa xiu che.

Xiaoming usar aquele-CL maneira reparar carro.

‘Xiaoming reparou o carro daquela maneira.’

b. 小明修车的方法。

João xiu che de fangfa.

João reparar carro DE maneira.

²⁸ Não irei repetir a análise de adjuntos de maneira e de causa, mais análises são encontradas em Aoun&Li (2003).

‘A maneira como o João repara o carro.’

(31) Adjunto de razão [+razão]:

a. 他因为起太晚而迟到。

Ta yinwei qi tai wan er chidao.

Ele porque levantar-se muito tarde então chegar atrasado.

‘Ela chegou atrasado porque se levantou muito tarde.’

b. 他迟到的原因没人知道

ta chidao de yuanyin meiren zhidao.

ele chegar atrasado DE razão ninguém saber

‘Ninguém sabe a razão por que ele chegou atrasado.’

Os adjuntos de lugar e de tempo também têm o mesmo comportamento:

(32) Adjunto de lugar [+localização]:

a. 若昂在北京买了一辆车

Ruoang zhu zai beijing mai le yi-liang che.

João morar em Pequim comparar LE um-CL carro.

‘O João comprou um carro em Pequim.’

b. 若昂买车的地方很远。

Ruoang mai che de difang hen yuan.

João comprar carro DE lugar muito longe.

‘O lugar onde o João comprou o carro é muito longe.’

(33) Adjunto de tempo [+tempo]:

a. 他每天在那个时候工作。

ta mei-tian zai na-ge shihou gongzuo

ele todo-dia em aquele-CL altura trabalhar

‘Ele trabalha naquela altura todos os dias.’

b. 他工作的时候很严肃

[NP/SU[ta gongzuo [PP/AdvP ti] de shihou] hen yansu.

ele trabalhar DE tempo muito sério

‘Ele está muito sério quando trabalha.

Podemos ver que *zai beijing* ‘em Pequim’ em (32a) é um PP e serve como adjunto de lugar, quando este é relativizado, os antecedentes não são PPs, mas NPs: *difang* ‘lugar’ em (32b).

O mesmo ocorre em (33a): *zai na-ge shihou* ‘naquela altura’ é um PP e serve como adjunto de tempo, quando este é relativizado, o antecedente é NP, *shihou* ‘altura’ que funciona como SU na oração matriz. Por isso, as orações relativas de adjunto de tempo e de lugar são como as de maneira e de razão e nenhuma delas se rege pela conformidade categorial. Isto equivale a dizer que as relativas de adjunto não são derivadas por elevação de núcleo, pelo contrário, os núcleos das relativas são gerados na base.

A segunda observação de Aoun&Li (2001) prende-se com a reconstrução, que serve como diagnóstico para verificar a ocorrência de movimento de núcleos das relativas:

(34) Adjunto de maneira:

a. 小明[用自己_i的方法]修车。

Xiaoming_i [yong ziji_i de fangfa] xiu che.

Xiaoming [com próprio_i DE maneira] reparar carro.

‘Xiaoming repara o carro à sua (própria) maneira.’

b. *小明修车的自己的方法。

Xiaoming_i xiu che de ziji_i de fangfa.

Xiaoming reparar carro DE próprio DE maneira.

*‘A sua própria maneira que Xiaoming repara o carro.’

(35) Adjunto de razão:

a. 小明[因为自己_i的原因]学习修车。

Xiaoming_i [yinwei ziji_i de yuanyin] xuexi xiu che.

Xiaoming [porque próprio_i DE razão] aprender reparar carro.

‘Xiaoming aprende reparar carros por si próprio.’

b. *小明_i学习修车的自己_i的原因。

Xiaoming_i xuexi xiu che de [ziji_i de yuanyin]].

Xiaoming_i aprender reparar carro DE próprio_i DE razão.

*‘A própria razão que Xiaoming aprende a reparar carros.’

O mesmo ocorre nos casos de adjuntos de lugar e de tempo:

(36) Adjunto de lugar:

a. 少数民族_i 在自己_i 的国家被保护。

Shaoshumingzū_i zai ziji_i de guojia bei baohu.

Minoria_i em própria DE país ser proteger.

‘A minoria_i é protegida no seu_i próprio país.’

b. *少数民族_i 被保护的自己_i 的国家。

Shaoshumingzū_i bei baohu de ziji_i de guojia.

minoria ser proteger DE próprio DE país.

*‘O seu próprio_i país que a minoria_i é protegida.’

(37) Adjunto de tempo:

a. 小明喜欢在自己_i 的空余时间里读书

Xiaoming_i xihuan zai ziji_i de kongyu shijian li du shu.

Xiaoming gostar em próprio_i DE livre tempo dentro ler livro.

‘Xiaoming gosta de ler livros no seu (próprio) tempo livre.’

b. *小明读书的自己_i 的空余时间

Xiaoming_i dushu de ziji_i de kongyu shijian.

Xiaoming ler livro DE próprio_i DE livre tempo.

*‘O próprio_i tempo em que/quando Xiaoming_i lê livros.’

A partir dos exemplos (34) - (37) acima apresentados, podemos ver que a reconstrução das anáforas não se aplica nas relativas de adjunto. Por isso, é plausível inferir que estas relativas não são derivadas de *Head-Raising*.

A terceira observação tem a ver com os efeitos de ilha. De acordo com Aoun&Li (2003), as relativas de adjunto de maneira e de causa estão sujeitas a efeitos de ilha:

(38) *这就是[[他喜欢 t_i 做这件事的人]的方法 i]。

zhe jiushi [[[[ta xihuan [t_i zuo zhjian shi] de] ren] de] fangfa $_i$]
 este ser ele gostar fazer este-CL coisa DE pessoa DE maneira.

*‘Esta é a maneira de que ele gosta da pessoa que faz o trabalho (naquela maneira).’

(39) *这就是[[[如果他 t_i 生气]你会不高兴]的原因 i]。

zhe jiushi [[[ruguo ta t_i shengqi] ni hui bu gaoxing] de] yuanyin $_i$]
 esta ser se ele zangado você vai não contente DE razão.

‘Esta é a razão por que você não está contente

O mesmo acontece com as relativas de adjunto de lugar e de tempo:

(40) a. 我认识[[t_i 在图书馆写论文]的人 i]。

Wo renshi zai tushuguan xie lunwen de ren.

Eu conhecer em biblioteca escrever tese DE pessoa.

‘Conheço a pessoa que escreve a tese na biblioteca.’

b. *他想知道[我认识[[t_i t_j 写论文]的人 i]的地方 j]。

Ta xiang zhidao [wo renshi [[xie lunwen] de ren] de difang $_j$].

Ele querer saber eu conhecer escrever tese DE pessoa DE lugar.

*‘Ele quer saber o lugar que eu conheço a pessoa que escreve a tese.’

(41) a. 我认识小时候喜欢游泳的人。

Wo renshi xiaoshihou xihuan youyong de ren.

Eu conhecer infância gostar nadar DE pessoa.

‘Conheço a pessoa que gostava de nadar na sua infância.’

b. *[[我认识 t_i t_2 喜欢游泳的人 i][的[小时候] $_2$]。

[[Wo renshi t_i t_2 xihuan youyong de ren $_i$] de [xiaoshihou] $_2$].

Eu conhecer gostar nadar DE pessoa DE infância.

‘A sua infância que conheço a pessoa que gostava de nadar.’

As frases (40b) e (41b) são agramaticais, por isso, as relativas de adjunto em chinês são todas sensíveis a efeitos de ilha.

Em suma, as relativas de adjunto em chinês não exibem a reconstrução e são sensíveis a efeitos de ilha e por isso, não são derivadas por elevação de núcleo; pelo contrário, são derivadas de movimento de operadores.

Tendo em conta estas propriedades, a estrutura das relativas de adjunto que proporei, baseada de Aoun&Li (2003), é a seguidamente ilustrada:

(42) $[_{NP}[_{CP} Op_i[_{IP}\dots[_{PP} t_i]\dots]] [_{head} NP]]$.

2.3. As Relativas formadas pela estratégia cortadora.

A estratégia cortadora aplica-se especificamente na posição de OI, a posição que se prende com o uso da estratégia resumptiva, por isso, vai ser detalhadamente analisada em 6.2.1.3 e nesta secção faz-se apenas uma breve apresentação desta estratégia.

As relativas cortadoras, como as canónicas, também envolvem vazios, mas são derivados de maneira diferente, isto é, as relativas canónicas envolvem movimento de núcleo NP da oração relativa, deixando o vazio na posição original, enquanto as relativas cortadoras são derivadas de relativas resumptivas (porque a posição de OI pede a presença do pronome resumptivo) e o corte de PP deixa o vazio.

O chinês é uma língua que não permite o abandono de preposição e quando o constituinte na posição de OI é relativizado, o pronome resumptivo tem que estar presente. Mas o pronome resumptivo em frases como (43) permite que este ocorra opcionalmente:

(43) 我送了一瓶酒 $[_{OI}[_{PP}(\text{给他})_i]$ 的 $[_{NP} \text{那个人 }_i]$

wo song-le yi-ping jiu $[_{OI}[_{PP}(\text{gei ta})_i]$ *de* $[_{NP} \text{na-ge nanren}]_i]$.
 eu oferecer-PERF uma-garrafa vinho (a ele) DE aquele-CL homem.

‘Aquele homem *que*_i ofereci uma garrafa de vinho $[_{PP}[_{P}(a) [_{NP}(ele)_i]]$.’

(exemplo tirado de Ning 2008: 72)

Há, no total, três tipos de verbos ditransitivos e apenas os verbos do tipo *gei* permitem que o PP seja cortado. De acordo com Ning (2008), os OIs de verbos do tipo *gei* são *experienciadores*

e são argumentos básicos de *gei*; pelo contrário, os OIs de verbos de tipo *na* ‘take’ são *affectees* e não são argumentos básicos. Quando os OIs forem relativizados, a análise em constituintes (*parser*) consegue recuperar os vazios deixados pelo movimento de um argumento básico, mas não de um argumento não básico. Deste modo, o vestígio deixado por OI de verbo de tipo *gei* é compreendido pela análise em constituintes, enquanto o vestígio deixado por OI de verbos de tipo ‘take’ não. Por isso, a estratégia cortadora apenas se restringe aos casos dos verbos de *gei*.

Para evitar a redundância, veja-se a secção 6.2.1.3 para uma análise mais detalhada.

3. Conclusão.

Este capítulo introduz três estratégias de orações relativas essenciais em chinês, a saber: a estratégia canónica (as restritivas, as não restritivas, as relativas de adjunto e as relativas livres), a estratégia cortadora e a estratégia resumptiva. Diferentes tipos de relativas correspondem a diferentes posições. As relativas restritivas restringem-se a posições de SU e de OD. As relativas livres aplicam-se em todas as posições, exceto à de GEN. Por isso, as relativas canónicas podem ocorrer em todas as posições. As posições de OI, OBL e GEN apenas se ocorrem nas relativas formadas pela estratégia resumptiva. A estratégia cortadora apenas se aplica na posição de OI.

Dissemos que as relativas canónicas compreendem as restritivas, as não restritivas, as de adjunto e as livres.

As relativas restritivas exibem a reconstrução, estão sujeitas a efeitos de ilha e legitimam Lacunas Parasitas.

Quanto às relativas não restritivas, existe uma falta de consenso em relação à sua existência, há linguistas que assumem que existem relativas não restritivas em chinês (Chao 1968, Huang 1982), enquanto outros pensam que não (Del Gobbo 2003). Como referido, as expressões nominais em chinês contém elementos como demonstrativos, numerais, classificadores e nomes e estes seguem uma determinada ordem (Aoun&Li 2003). A posição em que as orações relativas ocorrem é flexível, isto é, elas podem ocorrer na posição que precede os demonstrativos (cf. a posição ‘a’ no (19)), na posição entre os demonstrativos e os numerais (cf. a posição ‘b’ no (19)), na posição entre os classificadores e os nomes (cf. a posição ‘c’ em (19)). A posição ‘b’

não é a posição canónica em que ocorrem as relativas. Segundo Huang (1982) e Chao (1968), a posição (a) é a posição das relativas restritivas e a posição 'c' é a posição em que ocorrem as relativas não restritivas

Del Gobbo (2003, 2010), porém, propôs que não há relativas não restritivas em chinês. A estrutura que em chinês corresponde às relativas não restritivas do inglês não é introduzida pela partícula *de*, mas corresponde antes a uma estrutura de coordenação formada por duas frases coordenadas por conjunções como *dan* 'mas' (cf. (21)). Além disso, as relativas não restritivas em inglês e no português não permitem empilhamento, mas as orações que ocorrem antes de demonstrativo, e são analisadas como não restritivas nos trabalhos de Huang (1982) e Chao (1968), entre outros, permitem empilhamento. Por isso, as relativas não restritivas assemelham-se às restritivas em chinês.

As relativas de adjunto, diferentemente das canónicas, não permitem reconstrução, mas estão sujeitas a efeitos de ilha, por isso não são derivadas por elevação de núcleo, e manifestam antes movimento de operador.

Não há relativas livres de GEN em chinês, mas há relativas livres para outras posições sintáticas, nomeadamente, SU, OD, OI e OBL.

O chinês também tem estratégia cortadora, mas esta estratégia apenas se aplica na posição de OI. Esta estratégia relaciona-se com os pronomes resumptivos, por isso, irei analisá-la mais tarde no capítulo 6.

Capítulo VI As relativas resumptivas em chinês e em português

0. Introdução

Os pronomes resumptivos são um assunto linguístico que tem sido discutido há décadas. Estes são tratados como variáveis ligadas por um elemento na posição de SpecCP e ocorrem em posição que seria ocupada por um vazio nas construções de dependência ilimitada (*unbounded dependency*) em que tipicamente se incluem, as orações relativas, as interrogativas-*wh*, a construção de deslocação esquerda, a topicalização, etc.

O presente trabalho apenas aborda os pronomes resumptivos nas orações relativas numa perspectiva sintática.

A secção 1 apresentará três tipos de pronomes resumptivos, os resumptivos intrusivos, os resumptivos de movimento e os resumptivos gerados na base.

Na secção 2, irei discutir a distribuição dos pronomes resumptivos em chinês, de acordo com a função sintática da relativização.

A secção 3 visa estudar as propriedades dos pronomes resumptivos em chinês, tendo em conta quatro aspetos sintáticos, a saber: o efeito de Cruzamento Forte, a sensibilidade a efeitos de ilha, a reconstrução e a legitimação de Lacuna Parasita.

A secção 4 tenta analisar e rever o movimento-A' nas relativas em chinês e em português.

Na secção 5, irei apresentar uma tentativa de análise para as relativas resumptivas em português e em chinês sob o PM, mais precisamente, sob a condição de fase (Chomsky 2000, 2001; Adger&Ramchand 2002, 2005; Pan 2016)

1. Os estudos clássicos dos pronomes resumptivos.

Para iniciar a presente secção, apresentarei a Tabela IV, retirada de Ning (2008), que apresenta o panorama dos estudos dos pronomes resumptivos nos anos recentes.

Tabela IV: o estudo de pronomes resumptivos numa abordagem sintática.

Research	Languages	Attributes of resumptives
Chomsky (1982)	English	Resumptives are taken as spell-outs of traces and used to save the Empty Category Principle.
Chao & Sells (1983); Sells (1984)	English; Hebrew	Resumptives in English are intrusive pronouns since they cannot be bound by quantificational phrases. Resumptives in Hebrew, however, are true resumptives since the quantificational boundability is available.
McCloskey (1990)	Irish	Resumptives are productive in Irish. They behave as pronominal variables, that is, they are simultaneously pronouns and variables.
Shlonsky (1992)	Hebrew; Palestinian Arabic	Resumptives are a last resort to rescue an ungrammatical sentence resulting from illicit movements.
Suñer (1998)	Spanish	The features of the relative complementizer determine the occurrence of the resumptive strategy.

Aoun (2000); Aoun et al. (2001)	Lebanese Arabic	Resumptives are obligatory in all but the highest subject position. There are two types of resumption in Lebanese Arabic. True resumption is derived via Move while apparent resumption is derived via Bind.
Gu (2001)	Chinese	Resumptives are base-generated and can be predicted by RP projection. Resumptives are obligatory in oblique object relatives but optional in other positions.
Meral (2004)	Turkish	Resumptives are not last resort expressions since they have different interpretations from gaps.
Alexopoulou (2006)	Greek	Resumptives are a last resort and their appearance is constrained by the absence of the required features on C.
McCloskey (2006); Asudeh (2007)	overview	Crosslinguistically, there are three kinds of resumption: base-generated resumptives, movement resumptives, and intrusive/processing resumptives.

De entre as informações sobre os pronomes resumptivos nas diversas línguas que a Tabela IV fornece, destacam-se as seguintes:

Em primeiro lugar, os resumptivos são considerados vestígios soletrados (*spell-out traces*). Eles servem como último recurso (*last resort*) para salvar frases em que o vazio derivado pelo movimento é bloqueado por condições de localidade, subjacente aos efeitos de ilha e ao ECP²⁹

²⁹ O ECP é um princípio na Teoria da Regência e da Ligação. Este princípio assume que vestígios têm que ser

(Chomsky 1982, Alexopoulou 2006).

Esta ideia, de facto, coincide com a de Shlonsky (1992) que assume que os pronomes resumptivos ocorrem apenas quando a sua contrapartida, os vazios, se encontram ilícitos.

A outra observação tem a ver com a classificação dos pronomes resumptivos, isto é, os pronomes resumptivos podem ser divididos em dois grupos, os pronomes intrusivos e os pronomes gramaticais. Os primeiros têm como função salvar frases e a língua que mais tipicamente os disponibiliza é o inglês. Os pronomes intrusivos não são licenciados pela gramática, mas por processamento incremental (Ning 2008:22), por isso também se chamam pronomes resumptivos de processamento (Asudeh 2004). O segundo tipo de resumptivos pode, por sua vez, dividir-se em dois grupos, a saber, os pronomes resumptivos gerados na base e os pronomes resumptivos de movimento (McCloskey 2006) e as línguas que os disponibilizam são, respetivamente, o hebreu e o vata (McCloskey 2006, Asudeh 2007, Koopman&Sportiche 1982).

Acresce que uma língua pode ter mais de um tipo de pronomes resumptivos. Por exemplo, os resumptivos verdadeiros do árabe libanês (*LA true resumptives*³⁰) são resumptivos gerados-basicamente enquanto os resumptivos aparentes (*LA apparent resumptives*) são resumptivos de movimento (Aoun, Choueiri e Hounstein 2001).

Quanto a propriedades dos pronomes resumptivos, eles são analisados como variáveis pronominais, porque têm tanto as propriedades dos pronomes como as das variáveis (McClosky 1990).

Por último, a Tabela IV estabelece a ligação entre a ocorrência dos resumptivos com os traços em complementadores (cf. Suñer 1998 para o espanhol, Alexopoulou 2006 para o grego).

Estas diferentes propostas parecem estar isoladas umas das outras, mas de facto, estão intimamente relacionadas. A primeira observação assume que os pronomes resumptivos são vestígios soletrados no caso de o movimento ser bloqueado, neste caso, estes não são sujeitos

regidos apropriadamente. No PM, o conceito de regência não existe, por isso, é difícil interpretar o ECP no PM. Neste trabalho, sem indicação específica, o ECP designa o princípio sob a TRL.

³⁰ Em árabe libanês, os resumptivos podem ser derivados por duas maneiras: por movimento ou por ligação com o antecedente. Os resumptivos que correspondem à primeira derivação são resumptivos aparentes (*apparent resumptives*) e os outros são os resumptivos verdadeiros (*true resumptives*) (Aoun, Choueiri e Hornstein (2001)).

a condições de localidade; este tipo de pronome resumptivo é designado por pronomes intrusivos em estudos posteriores. A segunda observação prende-se com o critério de classificação dos pronomes resumptivos: aos pronomes resumptivos licenciados pela gramática, associa-se o movimento, e, conseqüentemente, a condição de localidade. Isto é, os resumptivos gerados na base, como os intrusivos, não estão sujeitos a condições de localidade, enquanto os resumptivos de movimento, estão, como as variáveis, sujeitos a condições de localidade. A última observação tenta captar os argumentos sintáticos em relação às diferentes derivações dos pronomes resumptivos e explicar porque é que aparecem pronomes resumptivos, assumindo que os traços do complementador podem determinar a presença dos pronomes resumptivos.

Irei abordar seguidamente a questão dos pronomes resumptivos recorrendo sistematicamente a exemplos clássicos.

1.1. A classificação e as propriedades dos pronomes resumptivos

Como já se referiu, os pronomes resumptivos dividem-se em dois grupos: os resumptivos não-gramaticais e os gramaticais. Os primeiros também se designam como pronomes intrusivos (ou resumptivos de processamento). Este tipo de pronomes não ocorre canonicamente, mas é preferido quando a sua contrapartida, a saber, um vazio deixado pelo movimento-A' se encontra numa posição ilegítima (Ross 1967, Chomsky 1977, Sells 1984, Shlonsky 1992). Mais recentemente, os pronomes deste tipo foram designados como *'last resort'*, sendo aplicados quando as frases estão sujeitas a condições de localidade, i.e., efeitos de ilha e ECP (princípio da categoria vazia) (Rizzi 1990, Shlonsky 1992).

O segundo tipo de resumptivos compreende dois subtipos, nomeadamente, os pronomes resumptivos de movimento (*movement resumptives*) e os pronomes resumptivos gerados na base. O critério para dividir os dois subtipos de pronomes resumptivos baseia-se na relação entre os pronomes resumptivos e as variáveis. Isto é, quando os pronomes resumptivos possuem as mesmas propriedades das variáveis, são derivados por movimento e quando os pronomes resumptivos não disponibilizam aquelas propriedades, são gerados na base.

A razão de ter as variáveis como o critério para distinguir os resumptivos vem da própria

definição de resumptivos:

- (1) Os pronomes resumptivos são aqueles que são ligados-A' obrigatoriamente pelo elemento que liga a sua contrapartida, o vazio, na construção correspondente de '*filler-gap*' e que ocorrem numa posição em que se espera um vazio deixado pelo movimento-*wh*.

(McCloskey 2016, tradução minha)

As posições de relativização nas relativas canónicas são ocupadas pelos vazios e estes são analisados como variáveis (puras), por exibirem as propriedades seguintes:

- (2) a. Sensibilidade a efeitos de ilha
 b. Sensibilidade ao efeito de cruzamento
 c. Permissão de reconstrução
 d. Legitimação de Lacuna Parasita

Na Teoria da Regência e da Ligação (TRL), os efeitos de ilha e o de cruzamento servem como diagnósticos para a existência de movimento. A reconstrução e a legitimação de Lacuna Parasita são outras duas provas, mas menos fortes, quando comparadas com as primeiras duas, porque a reconstrução pode ser licenciada também por fatores semânticos (Sharvit 1999, Sternefeld 2001).

Como se refere em (2), as variáveis permitem a reconstrução (a reconstrução de anáforas, de expressões idiomáticas e de escopo), estão sujeitas a efeitos de ilha, são sensíveis ao efeito de Cruzamento Forte e legitimam lacunas parasitas.

Se os pronomes resumptivos são sensíveis às duas condições mais fortes, a saber, os efeitos de ilha e o efeito de Cruzamento Fraco, como os vazios, devem ser também derivados por movimento-A' e os pronomes resumptivos deste tipo devem ser analisados como variáveis.

Em suma, há três tipos de pronomes resumptivos: os resumptivos intrusivos, os resumptivos gerados na base e os resumptivos de movimento. Se os pronomes resumptivos têm as

propriedades de (2), são pronomes resumptivos de movimento, senão, são gerados na base.

Normalmente, uma determinada língua possui um determinado tipo de pronome resumptivo, mas há casos que uma língua possui ambos os tipos de pronomes resumptivos.

1.2. Pronomes resumptivos intrusivos.

De acordo com a classificação anterior, uma língua que tipicamente disponibiliza o primeiro tipo de resumptivos é o inglês, porque nesta língua, os resumptivos não ocorrem canonicamente, mas apenas quando o movimento-A' não está disponível, devido a violações de ilha e ao ECP (cf. (3), (4) e (5) respetivamente).

i) Efeitos de ilha

a. A ilha fraca

(3) *I'd like to meet the linguist that Mary couldn't remember if she has*

Eu ia gostar de conhecer o linguista que Mary conseguiu-não lembrar se ela já
seen him/___ before.

viu ele antes.

‘Gostava de conhecer o linguista_i que a Maria não conseguiu lembrar se ela já o_i tinha visto antes.’

(Sells 1984)

b. A ilha forte

(4) *I'd like to meet the linguist that Peter knows a psychologist that works with her/___.*

Eu ia gostar conhecer a linguista que Peter sabe uma psicóloga que trabalha com ela.

‘Gostava de conhecer a linguista que o Peter sabe de uma psicológa que trabalha com ela.’

ii) ECP. (o princípio de categoria vazia)

(5) *This is the donkey that I don't know where it lives.*

Este é o burro que eu não sei onde ele vive.

‘Este é o burro que não sei onde ele vive.’

Asudeh (2007)

Os pronomes intrusivos, para além de ocorrerem em casos como (3–5), ocorrem quando a frase está isenta de restrições ao movimento, mas tem uma estrutura complexa (cf. (6b)) ou o antecedente desta frase fica longe do elemento co-indexado com ele (cf. (6a)).

iii) Distância/ Complexidade.

(6) a. *This is the girl that Peter said that John thinks that yesterday his mother*
 esta é a menina que Peter disse que John acha que ontem a sua mãe
had given some cakes to her/ ____.

tinha dado alguns bolos a ela.

‘Esta é a menina que Peter disse que John acha que ontem a mãe já lhe/ ____ tinha dado alguns bolos.’

b. *This is the girl that John likes her/ ____.*

esta é a menina que John gosta ela.

‘Esta é a menina que o João gosta dela.’/ ‘Esta é a menina de que John gosta.’

Asudeh (2007)

Os pronomes resumptivos em (3-6) não ocorrem sistematicamente e servem como alternativas aos vazios. Comparando estas frases com as que envolvem os vazios, os exemplos com resumptivos são mais aceitáveis. Por isso se diz que os pronomes resumptivos podem salvar uma violação potencial de ilha e de ECP.

1.3. Pronomes resumptivos gramaticais.

1.3.1. Os resumptivos de movimento.

Um outro tipo de pronome resumptivo se comporta de maneira idêntica aos vazios derivados por movimento-A’, e, por isso, estes resumptivos são designados como pronomes resumptivos de movimento (*movement-resumptives*). Estes resumptivos ocorrem canonicamente e são

elementos sensíveis a efeitos de ilha e de cruzamento. A língua que tipicamente os disponibiliza é o Vata.

O Vata não permite que a posição de sujeito seja ocupada por vazios e a presença de um pronome resumptivo é obrigatória, o que revela que a Restrição do Sujeito mais Alto (*highest subject restriction*)³¹ não se aplica nesta língua (Asudeh 2007). Pelo contrário, as outras posições sintáticas pedem obrigatoriamente a presença dos resumptivos.

- (7) a. àlǒ ð / * __ lē sàkà lá
 quem ele_R/* __ comer arroz *wh*
 *‘Quem_i ele_i está a comer arroz?’ (Koopman 1983)
- b. * àIÓ ñ nǐ [zĒ mĒmĒ` gbŪ Ò dĪ -fŌ t mĒ] yì lá
 quem você_{NEG-A} razão ele-ele para ele-R cortar_{REL} ele saber *wh*
 *‘Quem₁ é que você não sabe porque é que ele₁ o cortou?’ (Koopman 1983)
- (8) * àlǒ_i ò_i nǒ gùgù nā ò_i mlì lá
 quem₁ sua₁ mãe acha que ele₁ partiu *wh*
 *‘Quem é que você disse à sua mãe partiu?’ (Koopman 1983)

O exemplo (7a) corresponde ao caso em que apenas o pronome resumptivo é licenciado na frase sem ilha na posição de SU; (7b) mostra que o pronome resumptivo não está acessível numa frase com ilha. O exemplo (8) revela que o pronome resumptivo é sensível ao efeito de cruzamento fraco.

Quer infrinjam a Restrição do Sujeito mais Alto ou não, os pronomes resumptivos em Vata comportam-se como os vazios, isto é, ambos estão sujeitos a efeitos de ilha e de Cruzamento Fraco. Por isso, os resumptivos em Vata são resumptivos de movimento.

³¹ Haverá uma discussão detalhada da ‘*The highest subject restriction*’ na secção (6).2.1.1

1.3.2. Os resumptivos gerados na base

Os resumptivos deste tipo não se comportam, obviamente, de mesma maneira que os vazios.

Assim, como mostra McCloskey (1979, 2002:189), diferentemente dos vazios deixados por movimento, os pronomes resumptivos não apresentam sensibilidade a efeitos de ilha:

- (9) a. * an fear aL phóg mé an bhean aL phós
O homem COMP beijou eu a mulher COMP casar
 *‘O homem que eu beijei a mulher com quem se casou’
- b. Sin teanga aN mbeadh meas agam ar duine ar bith
que uma.lingua COMP.NEG ia ser respeitar a mim sobre pessoa qualquer
 aL tá ábalta i a labhairt
COMP ser capaz ele a falar
 ‘Aquela é a língua que eu ia respeitar qualquer pessoa que a possa falar.’
 (Irlandês: McCloskey (1979))

- (10) a.* fear a d’fhág a bhean __
homem COMP partiu sua mulher
 ‘O homem que a sua mulher deixou/abandonou.’
- b. fear ar fhág a bhean é
homem COMP partiu sua mulher si
 ‘O homem que a sua mulher se foi embora.’
 (Irlandês: McCloskey 1990)

O contraste entre (a) e (b) em (9-10) mostra que os pronomes resumptivos em irlandês não são derivados pelo movimento, que não são sensíveis a efeitos de ilha nem de Cruzamento Fraco.

Até agora, já analisámos três tipos de pronomes resumptivos, ilustrados por exemplos de línguas específicas.

Na secção seguinte, serão analisados os pronomes resumptivos em chinês.

Baseada nas principais propostas que a Tabela IV apresenta, serão as seguintes as questões que abordarei na próxima secção:

- (11) a. Qual é a distribuição dos resumptivos em chinês?
 b. Quais são as propriedades dos resumptivos em chinês?
 (Os resumptivos manifestam as propriedades especificadas em (2)?)
 c. Os resumptivos em chinês são variáveis ou não (manifestam efeitos de cruzamento e de ilhas)?

2. Os pronomes resumptivos nas relativas em chinês.

Embora a produção de pronomes resumptivos nas orações relativas em português seja marginal, eles podem ocorrer em todas as posições sintáticas. No entanto, comparando com outras posições sintáticas, a ocorrência dos pronomes resumptivos em posições de SU e de OD é menos aceitável para falantes nativos de português (Alexandre 2000).

O chinês já é diferente. Irei abordar por ordem as questões de (11) que explicitámos na secção anterior.

2.1. A distribuição dos pronomes resumptivos nas relativas em chinês.

Os pronomes resumptivos, de modo geral, ocorrem em construções de dependência-A'. As duas construções de dependência-A' mais típicas em chinês são, nomeadamente, a construção de relativização e a de topicalização (ou deslocação à esquerda (LD)) (Pan 2016a). Para além disso, uma construção específica e particular do chinês - a construção de *BEI*-passiva também envolve os pronomes resumptivos (Ning 2008). Vejam os exemplos de três tipos de construções em chinês ilustrados seguidamente:

- (12) 小明给他书的那个人是我的老师

*Xiaoming gei *(ta) shu de na-ge ren shi wo de laoshi.*

Xiaoming dar ele livro DE aquele-Cl pessoa ser eu DE professor.

‘A pessoa a quem Xiaoming deu um livro é o meu professor.’

- (13) 那个人, 小明给他书

*Na-ge ren, Xiaoming gei *(ta) shu.*

Aquele-Cl pessoa. Xiaoming dar ele livro.

‘Àquela pessoa, Xiaoming deu um livro.’

- (14) 张三被李四批评了他一顿

Zhangsan_i bei Lisi piping le ____i/ta_i yidun.

Zhangsan BEI Lisi criticar LE ___/ele já.

‘Zhangsan foi criticado por Lisi.’ (*Zhangsan was criticalized once by Lisi*)

(adotados de C.-T. James Huang 1999 e Ting 1998)

O presente trabalho, não aborda em detalhe os resumptivos em construção de *LD* e de *BEI*-passiva e concentra-se apenas na construção de relativização.

Os exemplos na secção 5.1.1 já demonstraram que o chinês não é uma língua como o português em que os pronomes resumptivos são marginais e acessíveis em todas as posições sintáticas, nem como o hebreu ou o irlandês em que os resumptivos ocorrem canonicamente, surgindo apenas em chinês nalgumas posições que pedem a presença dos resumptivos. Os exemplos seguintes ilustram mais detalhadamente a distribuição dos resumptivos nas relativas em chinês:

- (15) Sujeito adjacente ao antecedente:

- a. 开往美国的飞机承载了他的梦想。

[____i kai wang meiguo] de feiji_i] chengzai le ta de mengxiang.

___ partir para America DE avião transmitir LE ele DE sonho.

‘O avião que parte para a América transmite o seu sonho.’

- b. *它_i开往美国的飞机_i承载了他的梦想。

**[[ta_{i-R}] kai wang meiguo] de feiji_i] chengzai le ta de mengxiang.*

ele partir para America DE avião transmitir LE ele DE sonho.

‘O avião_i que (*ele_{i-R}) parte para a América transmite o seu sonho.’

(16) Sujeito não adjacente ao antecedente:

- a. 少数人说曾经在这里的那块金子价值连城。

[[shao-shu ren shuo [____i cengjing zai zheli]] de na-kuai jingzi]
pouca-CL pessoa dizer ____i antes estava aqui DE aquela-CL ouro;
jiazhiliancheng.

valorizado

‘Aquele peça de ouro_i que poucas pessoas disseram que ____i estava aqui é bem valorizada.’

- b. ?? 少数人说它_i曾经在这里的那块金子_i价值连城

?? [[shao-shu ren shuo [ta_{i-R} cengjing zai zheli]] de na-kuai
pouca-CL pessoa diz ele_R antes estava aqui DE aquela-CL
jingzi_i] jiazhiliancheng.

ouro valorizado.

‘Aquele peça de ouro_i que poucas pessoas disseram que (??ela_{i-R}) estava aqui é bem valorizada.’

(17) Objeto direto adjacente ao antecedente:

- a. 我今天早上喝的那瓶水。

[wo jintian zao-shang he [____{OD}]_i de] [na ping shui]_i
eu hoje manhã beber ____i DE aquele garrafa água_i.
chan zi guangdong.

produzir de Cantão

‘Aquele garrafa de água_i que bebi ____i hoje da manhã é de Cantão.’

- b. *我今天早上喝它的那瓶水。

*[wo jintian zao-shang he [ta_{i-R OD}] de] na ping
eu hoje manhã beber ele_{i-R} DE aquele garrafa
shui_i chan zi guangdong.

água_i produzir DE Cantão

??/* ‘Aquele garrafa de água_i que eu a_{i-R} bebi hoje de manhã é de Cantão.’

- a’. 我喜欢的那个人每天早上去学校游泳。

wo xihuan ____i de na-ge ren_i mei-tian zaoshang qu xuexiao youyong.

eu gosto ____i DE aquela-CL pessoa_i todos-dias manhã vai escola nadar.

‘A pessoa_i de quem gosto ____i vai à escola nadar todos os dias de manhã.’

b'.? 我喜欢他的那个人每天早上去学校游泳。

?*wo xihuan ta_{i-R} de na-ge ren mei-tian zaoshang qu xuexiao youyong.*

eu gosto ele_{i-R} DE aquela-CL pessoa todos-dias manhã vai escola nadar.

??/* ‘A pessoa_i que eu gosto dela_i vai à escola nadar todos os dias da manhã.’

(18) Objeto direto não adjacente ao antecedente:

a. 我以为他教的那门课在周五。

wo yiwei ta jiao ___ de namen ke zai zhouwu.

eu achava ele ensina DE aquele-CL aula em sexta-feira.

‘Eu achava que a aula que ele dá era na sexta-feira.’

b. *我以为他教它的那门课在周五。

**wo yiwei ta jiao ta_R de na-men ke zai zhouwu.*

eu achava ele ensina a_R DE aquele-CL aula em sexta-feira

‘Achava que a aula que ele a_R dá era na em sexta-feira.’

(19) Objeto indireto:

我给*(他)书的那个人去了巴黎。

*wo gei [*ta]_{R OI} shu de na-ge ren qu-le bali.*

eu dar ele_R livro DE aquele-CL pessoa ir-LE Paris.

??/* ‘A pessoa a quem dei o livro foi a Paris.’

(20) Oblíquo:

我跟*(她)说话的人是小明的朋友。

*wo gen *(ta) shuohua de ren shi xiaoming de nvpengyou.*

eu com ela falar DE pessoa ser xiaoming DE namorada.

??/* ‘A pessoa que falo com ela é namorada de Xiaoming.’

(21) Genitivo:

a. [[[_{SU} (他的)女儿]去了巴黎]的人]是我的朋友。

[[[(ta de) nver]_{SU} qu-le bali] de ren] shi wo de pengyou.

ele de filha ir-PERF Paris DE pessoa ser eu de amigo.

‘A pessoa, cuja filha foi a Paris é o meu amigo.’/

‘A pessoa que a filha dela foi a Paris é o meu amigo.’

- b. 我不认识[[_{SU}(他的)女儿]去了巴黎]的人]。

wo bu renshi [[[_{SU}(ta-de) nver] qu-le bali] de ren].

eu não conhecer ele-DE filha ir-PERF Paris DE pessoa.

‘Não conheço a pessoa cuja filha foi a Paris.’/

??/* ‘Não conheço a pessoa que a filha dela foi a Paris.’

- c. 小明尊敬[[我不认识[_{OD}*(他的)女儿]]的那个人]。

*Xiaoming zunjing [[wo bu renshi [*_{(ta_i de) nver]]] de [na-ge ren]_i].}*

Xiaoming respeita eu não conheço ele DE filha DE aquela-CL pessoa.

??/* ‘Xiaoming respeita a pessoa que filha dela eu não conheço.’

- d. [[我不记得[_{OD}*(他的)女儿]]的那个人]是我的同事。

*[[wo bu jide [*_{(ta de) nver]_{od}] de na-ge ren] shi}*

eu não lembrar ele de filha DE aquela-CL pessoa ser

wo de tongshi.

eu de colega.

‘A pessoa, a filha da qual não me lembro é a minha colega.’

Todas as posições sintáticas em chinês podem ser relativizadas e os exemplos (15) - (21) mostram todos os tipos de relativas em chinês. Através dos exemplos acima, podemos ver que salvo duas posições (cf. a posição de OD e a de GEN), os pronomes resumptivos e os vazios em chinês têm uma relação complementar, isto é, quando o vazio ocorre no sítio de relativização, o pronome resumptivo é bloqueado e vice-versa.

2.1.1. A posição de SU (A Restrição de Sujeito mais Alto).

Línguas como, por exemplo, o irlandês e o árabe palestino permitem que os pronomes resumptivos ocorram canonicamente em todas as posições sintáticas. Porém, há uma exceção,

que é a posição de sujeito. A Restrição de Sujeito mais Alto (McCloskey 1990) impede a ocorrência dos pronomes resumptivos na posição de sujeito mais Alto (cf. (23) e (24) em irlandês e árabe palestino respectivamente). Caso o sujeito relativizado não esteja adjacente ao antecedente, a situação altera-se (cf. (25) e (26) em irlandês e árabe palestino respectivamente):

(22) Restrição do Sujeito mais Alto (*Highest Subject Restriction-HSR*):

'(...) HSR determines the only clausal position from which resumptive pronouns are excluded'

(McCloskey 1990)

(23) **An fear [CP/SU a raibh sé breoite].*
 O homem COMP estar-PRET 3SG eleR doente
 'O homem que ele estava doente.'

(Irlandês: Alexandre 2000, adotado de McCloskey 1990: 210)

(24) **l-bint ?illi hiy raayha ?al beet*
 a menina COMP ela-R estar a ir para casa.
 'A menina que ela está a voltar para casa.'

(Árabe palestino: Shlonsky 1992:445)

(25) *An t-ór seo [CP/SU ar chreid corr-dhuine go raibh sé ann].*
 este ouro COMP julgar poucas-pessoas COMP estar ele aqui
 'Este ouro que poucas pessoas julgavam que ele estava aqui.'

(Irlandês: Alexandre 2000, adotado de McCloskey 1990: 210)

(26) *l-bint ?illi fakkarti ?inno hiy raayha ?albeet*
 a menina COMP (você) acha que ela estar a voltar para a casa.
 'A menina que você acha que ela está a voltar para casa.'

(Árabe palestino: Shlonsky 1992:445)

Existem duas propostas de explicação da Restrição de Sujeito mais alto. A primeira é a de McCloskey (1990). De acordo com ele, a restrição que se aplica na posição de sujeito mais alto deve-se à extensão de princípio B na Teoria da Regência e da Ligação.

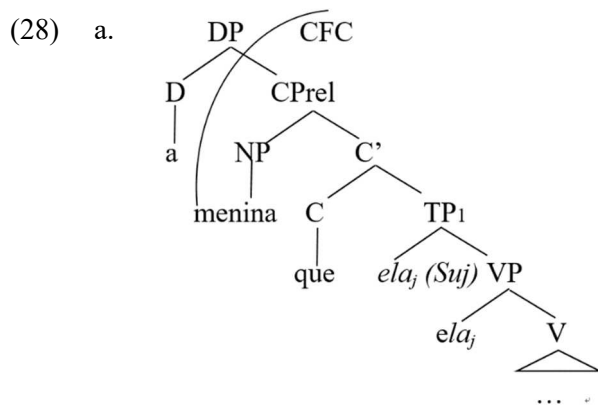
(27) *The A-bar-Disjointness Requirement* (Requisito de Disjunção-A')

A pronoun must be A-bar-free in the least complete functional complex³² (CFC) containing the pronoun and a subject distinct from the pronoun.

(McCloskey 1990)

Para melhor compreensão, serão analisados os exemplos (24) e (26) e serão apresentadas as representações com traduções em português em (28a) e (28b) respetivamente:

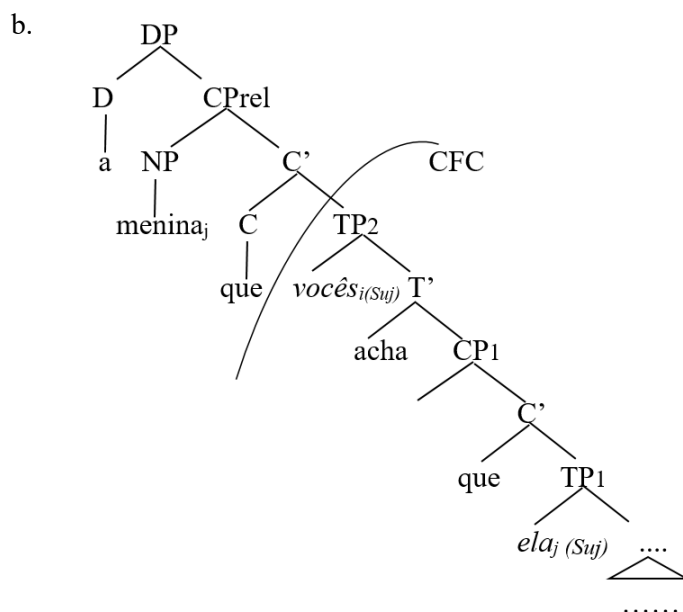
A frase (24) é uma oração relativa, o pronome *hiy* 'ela' co-refere com o antecedente *bint* 'menina' na posição de SpecCPrel que pode ser sujeito na frase 'a menina que ela voltou para casa é a irmã do João', neste caso, o CPrel é CFC mínimo do pronome resumptivo *hiy* 'ela'. De acordo com o Requisito de Disjunção-A', o pronome resumptivo não pode ser ligado-A' no seu CFC, mas em (24), o pronome é ligado-A' por *bint* 'menina' que fica na posição de SpecCPrel, por isso, a estrutura seria excluída.



Já que em (28b), o CFC mínimo do pronome *hiy* 'ela' é o TP₂, não sendo o TP₁, porque no domínio de TP₁, o pronome funciona por si próprio como o sujeito e não se pode encontrar um outro sujeito distinto dele, enquanto em TP₂, 'você' é um sujeito distinto do pronome *hiy* 'ela'. De acordo com o Requisito de Disjunção-A', um pronome não pode ser A'-ligado no seu domínio de CFC mínimo que contém este pronome e um

³² '... A complete functional complex (CFC) is the minimal domain (e.g. maximal projection) in which all grammatical functions compatible with a head are realized...' (Chomsky 1986b).

sujeito distinto dele. Em TP2, por um lado, ‘você’ diferencia-se de ‘ela’, por outro lado, *hiy* ‘ela’ não é ligado-A’, por isso, a estrutura é bem formada e ‘ela’ pode se co-referente com um NP que fica no domínio fora do seu CFC mínimo, a saber, *bint* ‘a menina’ que fica na posição de SpecCPrel.



A segunda proposta tenta explicar a Restrição de Sujeito mais alto na perspectiva da economia (Shlonsky 1992). Esta proposta baseia-se na ideia de que os pronomes resumptivos servem como último recurso quando o movimento está bloqueado. Neste caso, quando o sujeito, na posição de SpecTP, está relativizado, o movimento de sujeito para SpecCP é possível (cf. (29)), porque não há nenhuma restrição que impeça este movimento. Assim sendo, a substituição de um movimento lícito pela estratégia resumptiva parece redundante.

(29) [DP [D' A [CP [NP menina] [C' que [TP ~~menina~~ gosta de comer chocolate]]]]].

Depois de apresentar as propostas clássicas das relativas de sujeito, vamos voltar aos exemplos concretos do chinês.

O chinês também é uma língua que exhibe a Restrição de Sujeito mais Alto. Podemos ver que os pronomes resumptivos são bloqueados na posição de sujeito adjacente ao

antecedente (cf. (15b)) e são marginais na posição de sujeito não adjacente ao antecedente (cf. (16b)). De acordo com os informantes, nativos de mandarim, a maioria acha que o pronome resumptivo em (16b) é redundante, mas a frase é melhor do que (15b).

2.1.2. A posição de OD.

Em relação à ocorrência dos pronomes resumptivos na posição de OD, há duas gramáticas em confronto. Enquanto alguns asseguram a aceitabilidade dos resumptivos nesta posição (Li & Thompson 1981, Tang 1979, Hawkin & Chan 1997, Gu 2001, entre outros), outros não a aceitam (Yuan 2005, Zhang 2007 entre outros).

Tal divergência provém de frases como (17b'). Em comparação com (17b), a presença do pronome resumptivo em (17b') é mais aceitável. Nota-se que em (17b'), o pronome resumptivo *ta* 'o (clítico)' inserido na posição de relativização se refere a uma entidade [+animado], enquanto o elemento relativizado em (17b) tem o traço [-animado]. No entanto, embora a frase (17b') seja melhor do que (17b), ela é marginal e quase ilícita. Por isso, acredito que são os fatores semânticos, não sintáticos que causam a distinção. Mais precisamente, quando o elemento relativizado na posição de OD tem o traço [+animado], a ocorrência do pronome resumptivo na posição de vazio é acessível, mas bastante marginal. Pelo contrário, quando o elemento relativizado tem o traço [-animado], a ocorrência do pronome resumptivo é bloqueada. Por isso, assumir-se-á neste trabalho que ambas as frases são inaceitáveis sintaticamente.

Assim, a o maior ou menor grau de marginalidade dos pronomes resumptivos na posição de OD não se deve a um fator sintático, mas semântico. Sintaticamente, a posição de OD impede a ocorrência dos pronomes resumptivos.

Tendo em conta a proposta de Shlonsky (1992) para o impedimento da ocorrência dos pronomes resumptivos na posição de sujeito, vou assumir que a interdição dos pronomes resumptivos na posição de OD em chinês pode ser analisada da mesma maneira, isto é, tal como na posição de sujeito, na posição de objeto não encontramos nenhuma condição que impeça o movimento do objeto direto da sua posição original para a posição de SpecCPrel.

Por isso, substituir o movimento lícito pela estratégia resumptiva é redundante e o pronome resumptivo é sintaticamente excluída na posição de OD.

Tendo em vista os dados analisados, a ambiguidade dos resumptivos em OD parece resolvida, mas uma análise mais detalhada é precisa para corroborar estas generalizações.

2.1.3. A posição de OI e de OBL

Quanto à aplicação da estratégia resumptiva na posição de OI em chinês, a maioria dos linguistas (Yuan & Zhao 2005, Ning 2008) defende que se trata de um caso de opcionalidade. Esta posição, no entanto, é controversa.

Em primeiro lugar, o chinês é uma língua que não permite o abandono de preposição nem *pied-piping*. Por isso, a extração do complemento de uma preposição é ilegítima.

Em segundo lugar, o caso dativo em chinês é atribuído pela palavra *gei*, cuja contrapartida em português seria a preposição ‘a’. Quando a preposição *gei* ‘a’ está presente, a estratégia resumptiva é obrigatória. Mas os OIs não são sempre introduzidos pela preposição *gei* ‘a’ e isto tem a ver com a classificação dos verbos ditransitivos.

Ning (2008) adota a classificação de Tsao (1988) dos verbos ditransitivos e discute principalmente dois tipos de verbos, a partir do valor semântico: tipo A, verbos de *gei* ‘dar’ (*from source to goal*) (i.e., (30) e (31)) e tipo B, verbos de *na* ‘levar’ (*from goal to source*) (i.e., (32)).

Classificam-se os verbos do tipo A, mais adiante, em dois grupos: os que pedem obrigatoriamente a preposição *gei* ‘a’ para introduzir os OIs (cf. (30)) e os que a pedem opcionalmente (cf. (31)):

Verbos de tipo *gei*³³ (tipo A) com preposição *gei* ‘a’ obrigatória:

³³ Verbos do tipo *gei* (tipo A) com a preposição *gei* ‘a’ obrigatória: *ji* ‘enviar’, *di* ‘passar’, *jiao* ‘entregar’, *mai* ‘vender’, *gei* ‘dar’ etc.

Verbos de tipo *gei* (tipo B) com a preposição *gei* ‘a’ opcional: *song* ‘oferecer’, *jia* ‘adicionar’, *shu* ‘perder’, *huan* ‘trocar’, etc.

Nos exemplos (30a) e (30b), os verbos são *ji* ‘enviar’ e *song* ‘oferecer’ respetivamente. A palavra *gei* nestes dois

(a classificação de Tsao 1988, retirada de Ning 2008)

- (30) 他寄了一张名片*(给)我
*ta ji-le yi-zhang zhaopian *(gei)-wo*
 ele enviar-LE uma-CL foto *(a)-mim.
 ‘Ele enviou-me uma foto.’

(Huang, Li & Li 2007)

Verbos de tipo A com preposição *gei* ‘a’ opcional³⁴:

- (31) 我送一瓶酒(给)她
Wo song yi ping jiu (ge) ta
 Eu oferecer uma garrafa vinho (a) ela.
 ‘Eu ofececí-lhe uma garrafa de vinho.’

Verbos de tipo B sem preposição *gei* ‘a’:

- (32) a. 盗贼偷(*给)这个人一辆车。
Daozei tou zhe-ge ren yi-liang che.
 roubar este-CL pessoa um-CL carro.
 ‘O ladrão roubou-lhe um carro.’

Quando os OIs nestas três frases são relativizados, as relativas são ilustradas como:

Verbo de tipo A com a *gei* obrigatório (neste caso, o pronome resumptivo é obrigatório):

- (33) 小明寄了一张名片给*(她)的那个女孩。
*Xiaoming ji-le yi-zhang mingpian gei *(ta)*
 Xiaoming enviar-PERF um-CL cartão de visita a ela
de na-ge nvhai
 DE aquele-CL menina.

exemplos é preposição.

³⁴ O chinês tem estrutura de duplo objeto que podem ocorrer com todos os verbos ditransitivos apresentados nos exemplos (30) - (32), mas apenas com os verbos de tipo *gei* ‘dar’ que pede opcionalmente a preposição *gei* ‘a’ é que o pronome resumptivo está omitido. Um estudo detalhado das construções de duplo objeto deveria ser feito para explicar a opcionalidade deste caso em termos da construção de Duplo Objeto. No presente trabalho assume-se que é a estratégia cortadora que origina essa opcionalidade.

‘A menina que Xiaoming enviou um cartão de visita a ela.’

Verbos de tipo A com a preposição *gei* opcional ‘dar’:

(34) 男友送生日礼物(给她)的那位女孩露出了喜悦的笑容。

nanyou song shengri liwu (gei ta)_R de na-wei
 namorado oferecer aniversário presente (a ela)_R DE aquela-CL
nvhai luchu-le xiyue de xiaorong.
 menina mostrar-PERF feliz DE sorriso

‘Aquela menina a quem o seu namorado ofereceu um presente de aniversário mostrou/fez um sorriso de felicidade.’

(exemplos retirados de Ning 2008:103)

Verbos de tipo *na* ‘levar’:

(32) b. 盗贼偷了*___/她 一辆机车的那位小姐想请求警察的协助。

*daozei tou-le *___/(ta)_R yi-liang jiche de na-wei*
 ladrão roubar-PERF (ela)_R um-CL motocicleta DE aquele-CL
xiaojie xiang qingqiu jingcha de xiezhu.
 senhora querer pedir polícia DE ajuda

‘Aquela senhora a quem o ladrão roubou uma motocicleta queria pedir ajuda à polícia.’

(exemplos retirados de Ning 2008:103)

Como se pode ver que, em chinês, os objetos indiretos podem ser introduzidos pela preposição *gei* e a ocorrência desta relaciona-se com os verbos, isto é, há verbos que pedem obrigatoriamente a preposição *gei* (cf. (30)), há casos em que a preposição *gei* é opcional (cf. (31)) e há casos em que *gei* é excluída (cf. (32)).

Quando a preposição *gei* está presente, os pronomes resumptivos têm que estar presentes (cf. (33)), porque o chinês não permite o abandono de preposição. Quando a preposição *gei* não está presente e coocorre com verbos de tipo A, o pronome é opcional (cf. (34)). No caso de os verbos excluírem a preposição *gei*, os pronomes resumptivos

são obrigatórios (cf. (32b)).

A preposição *gei* é excluída no exemplo (34), mas o pronome resumptivo é obrigatório. No exemplo (32b), o caso de opcionalidade, é preferível a presença do pronome resumptivo, do que o vazio quando a preposição *gei* está omitida.

Para explicar a preferência dos pronomes resumptivos nos exemplos de (34) e (32b), assumir-se-á neste trabalho que o chinês dispõe de uma preposição invisível na posição de OI, por isso, a fim de não violar o abandono de preposição, os pronomes resumptivos devem ocorrer em orações relativas de OI.

Mas esta hipótese não explica porque é que os verbos de *gei* opcionais (cf. (34)) permitem que o vazio ocorra nas relativas de OI. O facto de os vazios não serem produtivos na posição de OI faz-me pensar na estratégia cortadora que opera sobre DPs precedidos de preposições, cujas funções sintáticas são de OI, OBL e GEN em português. Por um lado, os vazios em chinês também não são produtivos nas relativas de OI; por outro lado, se adotar a proposta de que o chinês disponibiliza preposições invisíveis, analisar a frase (34) como tendo um PP cortado é lógico.

Comparem-se a estratégia cortadora nas relativas de OI em português (cf. (35)) e em chinês (cf. (36)):

(35) ... saber informações mas tive pouca sorte porque um dos moços [OI [P Ø] que eu escrevi
[-] a carta não lhe chegou à mão.

[CP [PP [P a] quem] ... t_i ...]

(Alexandre 2000: 56)

(36) 我送了一瓶酒(给他)的那个人。

wo song-le yi-ping jiu [OI[PP(gei ta_i)] de [na-ge nanren]_i.

eu oferecer-PERF uma-garrafa vinho (a ele) DE aquele-CL homem.

a. 'Aquele homem *que_i* ofereci uma garrafa de vinho *[PP[P(a) [NP(ele)_i]]*.'

b. 'Aquele homem *a quem_i* ofereci uma garrafa de vinho *t_i*.'

(exemplo retirado de Ning 2008: 72)

A frase (36b) é a oração relativa com estratégia canónica que exhibe *pied-piping*, enquanto a frase (36a) é a oração relativa formada pela estratégia cortadora em que o PP, cuja função sintática é OI, está cortado. A frase (36) em chinês tem a mesma estrutura que a frase (36a) em português em que o PP *gei ta* ‘a ele’ é cortado.

Em suma, o caso dativo é atribuído pela preposição *gei* ‘a’, contudo, não é necessário que os OIs em chinês sejam introduzidos por preposições (cf. (30b) e (31)). Os OIs, podem ocorrer livremente sem a presença de preposições visíveis. Mas, de facto, em todos os casos de relativas de OI, a estratégia resumptiva é preferível à presença dos vazios, o que me faz propor que nos casos em que os OIs não são introduzidos pela preposição visível, existe uma preposição invisível que atribui o caso dativo. E esta preposição invisível, como a preposição visível, exige o uso de pronome resumptivo, a fim de não violar a condição de abandono de preposição. Adicionalmente, nos casos em que os OIs não são introduzidos por preposições, mais precisamente, no caso de verbos de tipo *gei* opcional, o vazio que ocorre na posição de relativização resulta da aplicação da estratégia cortadora, uma estratégia que não é produtiva em chinês nem em português europeu padrão.

Devido à presença de uma preposição invisível, os pronomes resumptivos são requeridos nas relativas de objeto indireto em chinês, a não ser que a estratégia cortadora se aplique nas relativas de OI com verbos de *gei* opcional.

Contudo, pode-se perguntar porque é que a estratégia cortadora apenas se restringe aos verbos de *gei* opcional. Adotarei, neste caso, a proposta de Ning (2008), explicando este facto na perspetiva do processamento.

De acordo com Ning (2008), os verbos de *gei* e os verbos de tipo *take* dispõem de diferentes estruturas de argumentos básicos:

(37) Estrutura de argumento básico de verbos de *give* ‘gei’ e de *take* ‘na’

- a. Base argument structure of the ‘Give’ verbs: $\langle x, y, z \rangle$, where x is an Agent, y is an Experiencer, and z is a Theme. Derived forms can be $\langle x, z, y \rangle$, $\langle x, y \rangle$ or $\langle x, z \rangle$.
- b. Base argument structure of the ‘Take’ verbs: $\langle x, z \rangle$, where x is an Agent and z is a Theme. Derived forms can be $\langle x, y, z \rangle$ or $\langle x, y \rangle$, where y is an Affectee.

Affectees e *experiencers* têm a função sintática de OI, quando este for relativizado, de acordo com a minha proposta, as preposições invisíveis e os pronomes resumptivos ocorrem no sítio da relativização em ambos os casos. Uma vez que *affectee* não é o argumento básico de verbos de *take*, enquanto *experiencer* é o argumento básico de verbos de *gei*, é fácil os *parsers* recuperarem os vazios deixados pelos argumentos básicos que os verbos possuem intrinsecamente. Por isso, a estratégia cortadora opera sobre os PPs que funcionam como os OIs de verbos de tipo *gei*.

Até agora vimos a distribuição dos pronomes resumptivos nas relativas de OI. A seguir, vamos abordar os pronomes resumptivos na posição de OBL (cf. (20)) e de GEN (cf. (21)). Uma vez que o caso oblíquo em chinês é sempre atribuído por preposições visíveis, os pronomes resumptivos têm que estar presentes.

2.1.4. A posição de GEN

Os resumptivos na posição de genitivo são o caso mais complicado. É genericamente aceitável ocorrerem resumptivos em posição de relativização de NP complexo (dois NPs associados pela partícula *de*) (Xu 2009, Ning 2008, Yuan 2005 entre outros), exceto quando o NP encaixado serve como sujeito da frase (Xu 2009).

A hierarquia de aceitabilidade de NP (NPAH) (Keene & Comrie 1977:66) é adotada para explicar a distribuição dos pronomes resumptivos: se numa língua ocorre o vazio (i.e., *gap*) na construção relativa numa posição sintática apresentada em (38), todas as posições à sua esquerda permitem também a ocorrência de vazio. Pelo contrário, se uma língua aceita a ocorrência dos resumptivos na construção relativa numa posição sintática como a apresentada em (38), então, todas as posições à sua direita os permitem.

(38) *Noun Phrase Accessibility Hierarchy (NPAH)*

Subject > Direct Object > Indirect Object > Oblique > Genitive

(Keene & Comrie 1977:66)

Como já vimos, a posição de sujeito (adjacente ou não adjacente do antecedente) não permite a ocorrência do pronome resumptivo. A posição de OD não permite sintaticamente a estratégia resumptiva, embora os fatores semânticos possam influenciar os resultados. A posição de OI exige a operação da estratégia resumptiva, porque o chinês é uma língua que não permite *pied-piping* nem o abandono de preposição e os complementos indiretos são introduzidos por preposições visíveis e invisíveis, por isso, os pronomes resumptivos são obrigatórios na posição de OI (no caso de a estratégia cortadora não ocorrer). Pela mesma razão, a posição de OBL exige também a aplicação da estratégia resumptiva. De acordo com a *NPAH*, a partir da posição de OI, o chinês permite a aplicação da estratégia resumptiva; por isso, à posição de GEN deveria aplicar-se também a estratégia resumptiva (Ning 2008, Yuan 2005, entre outros). Mas os exemplos em (21) demonstram que os pronomes resumptivos nas relativas de GEN podem ser omitidos. Por isso, é possível assumir que a *NPAH* não se aplique em chinês.

Retomo aqui as relativas de GEN em (21) como (39):

(39) a. (他的)女儿去巴黎的人是我的朋友。

[[[(*ta de*) *nver*]_{su} *qu-le bali*] *de ren*] *shi wo de pengyou*
 ele de filha ir-PERF Paris DE pessoa ser eu de amigo.
 ‘A pessoa, cuja filha foi a Paris é o meu amigo.’

b. 我不认识(他的)女儿去了巴黎的人。

wo bu renshi [[(*ta-de*) *nver*] *qu-le bali*] *de ren*].
 eu não conhecer ele-DE filha ir-PERF Paris DE pessoa.
 ‘Não conheço a pessoa, cuja filha foi a Paris.’

c. 小明尊敬我不认识*(他的)女儿的那个人

Xiaoming zunjing [[*wo bu renshi* [**(ta_i de) nver*]]] *de [na-ge ren]_i*.
 Xiaoming respeita eu não conheço ele DE filha DE aquela-CL pessoa.
 ‘Xiaoming respeita a pessoa, cuja filha não conheço.’

d. 我不记得*(他的)女儿的那个人是我的同事

[[wo bu jide [**(ta de) nver*]_{OD}] de na-ge ren] shi

eu não lembrar ele de filha DE aquela-CL pessoa ser

wo de tongshi.

eu de colega.

‘A pessoa, a filha da qual não me lembro é a minha colega.’

Em primeiro lugar, podemos ver que apenas nas frases (39a-b), os pronomes resumptivos são opcionais. A distinção, em termos da opcionalidade dos pronomes resumptivos, entre as frases (39a-b) e (39c-d) reside na função sintática que os NPs_{complexo} desempenham dentro de orações subordinadas. Em (39a-b), o NP_{complexo}: *ta de nver* ‘a sua filha’ tem como a função sintática o SU, pelo contrário, a mesma tem como a função sintática o OD em (39c-d).

Por isso, os pronomes resumptivos são opcionais apenas quando o NP_{COMPLEXO} (*ta de nver* ‘a filha dele’) tem a função sintática de sujeito (cf. (39a-b)) dentro da oração subordinada. Esta observação parece inexplicável à primeira vista, mas se prestarmos atenção à frase original de (39a-b), nomeadamente, a frase antes da relativização, encontrar-se-á a resposta:

(40) [[那个_{[NP1 人]]]的_{[NP2 女儿]]去了巴黎。}}

[[*na-ge ren*]_{NP1}] de [*nver*]_{NP2}] *qu-le bali.*

aquele-CL pessoa DE filha ir- PERF Paris.

‘A filha daquela pessoa foi a Paris.’

As relativas de GEN em (39a-b) são derivadas de (40), uma frase com a presença de partícula *de* que concorda com o caso em NP₂. Quando o NP₁ (possuidor) é relativizado, a frase parece pedir opcionalmente a aplicação da estratégia resumptiva (cf. (39a-b)), mas isso não é verdade.

Nota-se que a frase (40) é muito parecida com uma construção especial em chinês que

se chama: *zhu-wei-wei-ju*³⁵, ‘a frase de *SU-Pred-Pred (predicado)*’. São ilustrados os exemplos de frases de *SU-Pred-Pred* em chinês em baixo:

(41) a. [文化人][工资]不高

[*wenhua ren*]*NP*₁ [*gongzi*]*NP*₂ *bu gao*.

intelectuais salário não alto

‘O salário dos intelectuais não é alto.’

b. [你的古画][价值]连城啊!

[*ni de gu hua*]*NP*₁ [*jia-zhi*]*NP*₂ *lian cheng*³⁶ *a!*

vocês DE antiga pintura valor ligar cidade A (EXC)!

‘O valor da sua pintura antiga é inestimável!’

(Shou & Zhu 2002)

As frases de *SU-Pred-Pred* têm como estrutura: [*VP*₁[*Suj*₁ *NP*₁] [*VP*₂ [*Suj*₂ *NP*₂] [*V*’ *V*]]]. O *NP*₁ é o sujeito da frase inteira: *Suj*₁, a sequência inteira [*VP*₂ [*Suj*₂ *NP*₂] [*V*’ *V*]] é predicado de *Suj*₁ e o *V* é predicado de *Suj*₂ dentro da sequência. Particularmente, o *NP*₁ e o *NP*₂ podem ter uma relação possessiva, isto é, o *NP*₁ é possuidor de *NP*₂ (cf. (41a) e (41b)). Por isso, as frases (41a) e (41b) têm como interpretação: ‘o salário dos intelectuais’ e ‘o valor da sua pintura antiga’.

Quando se relativiza os *NP*₁s no exemplo (41), as frases resultam da seguinte forma:

(42) a. 工资不高的文化人。

gongzi bu gao de wenhuaren.

salário não alto DE intelectuais.

³⁵ 主谓谓句 (*zhu-wei-wei-ju*)

³⁶

(7) 价值 连城

Jiazhi lian cheng

‘o valor é inestimável’

Como já referimos, trata-se de uma expressão idiomática em chinês, que significa ‘valorizado’.

‘Os intelectuais, cujo salário não é alto.’

b. 价值连城的古画。

jiazhi lian cheng de gu hua.

valor ligar cidade DE antiga pintura.

‘A pintura antiga, cujo valor é inestimável.’

Retomo aqui as relativas de GEN sem presença de pronomes resumptivos como (43):

(43) 女儿去巴黎的那个人。

nver qu-le bali de na-ge ren.

filha ir-PERF Paris DE aquele-CL pessoa.

‘Aquele pessoa, cuja filha foi a Paris.’

Note-se que as relativas em (42) e (43) têm as mesmas estruturas. Contudo, (42) é considerada derivada da construção de SU-Pred-Pred (cf. (41)) enquanto (43) é geralmente considerada como derivada de (40)³⁷, que não é uma frase de SU-Pred-Pred.

Assim surge a questão: como é que relativas com a mesma estrutura derivam de frases distintas?

Assumir-se-á que, de facto, a relativa como (43) não é derivada de (40), mas de uma frase de SU-Pred-Pred, como ilustrado em (44):

(44) 那个人女儿去了巴黎。

[na-ge ren]_{NP1} [[nver]_{NP2} qu-le bali].

aquele-CL pessoa filha ir-PERF Paris.

A filha daquela pessoa foi a Paris.

A distinção entre (44) e (40) reside no facto de que sem a partícula *de*, a frase (44) pode ser interpretada como uma frase de SU-Pred-Pred, isto é, a sequência toda *nver qu-le bali* ‘a filha foi a Paris’ serve como predicado de NP₁: *na-ge ren* ‘aquela pessoa’. Mas a

³⁷ Chamarei a frase (40): frases de genitivo por mais adiante.

partícula *de* em (40) requer que os dois NPs sejam interpretados como o NP_{COMPLEXO}³⁸ que funciona como sujeito da frase inteira.

Por isso, a frase (43) é derivada de (44), uma frase de SU-Pred-Pred, e não uma frase de genitivo.

Assim sendo, já se torna explicável a nossa primeira observação de que os pronomes resumptivos são opcionais apenas quando o NP_{COMPLEXO} tem como a função sintática o sujeito (cf. (39a-b)) e são obrigatórios quando este funciona como OD (cf. (39c-d)). Quando o NP_{COMPLEXO} funciona como OD, a frase antes da derivação das relativas tem como estruturas [TP [T' [VP [NP_{complexo} NP1 [DE [NP2]]]]]]. Neste caso, a frase não pode ser analisada como uma frase de Su-Pred-Pred e, por isso, pede a aplicação da estratégia resumptiva.

Em suma, a questão que estamos a discutir é se os pronomes resumptivos ocorrem na posição de genitivo quando o elemento desta posição é relativizado. A nossa observação é que apenas quando o NP_{COMPLEXO} tem como a função sintática o sujeito (cf. (39a-b)) dentro da oração subordinada é que os pronomes resumptivos são opcionais, caso contrário os resumptivos ocorrem obrigatoriamente (cf. (39c-d)). Tal assimetria deve-se ao facto de que as relativas sem o pronome resumptivo (43) são derivadas de um outro tipo de frase, que é designado frases de SU-Pred-Pred que tem como estrutura:

Estrutura 1: [TP₁ [VP₁ [Suj₁ NP₁] [TP₂ [VP₂ [Suj₂ NP₂] [V₂' V]]]]] (cf. (41a-b)).

As frases de genitivo (cf. (40)) têm como estruturas:

Estrutura 2: [TP [NP_{complexo-Suj} NP1 [DE [NP2]]] [T' V [VP [NP OD]]]] (cf. (39a-b))

(estrutura simplificada: [TP NP_{complexo}³⁹ [T' V [VP [NP OD]]]])

Estrutura 3: [TP Suj [T' V [VP [NP_{complexo-OD} NP1 [DE [NP2]]]]]] (cf. (39c-d))

(estrutura simplificada: [TP Suj [T' V [VP [NP NP_{complexo}]]])

Quando os NP₁s, são relativizados, as estruturas são as ilustradas seguidamente:

³⁸ Nota-se que se deve distinguir os NP_{COMPLEXO} nesta secção de os no capítulo 3. O NP_{complexo} aqui é constituído por dois NPs e o no cap.3 é constituído por uma relativa e um NP.

³⁹ NP_{complexo}: [NP_{complexo} NP1 [DE [NP2]]]

SU-Pred-Pred:

Estrutura 1': [NP[CP[C'[TP₂ [VP₂ [Suj₂ NP₂] [V₂' V]]] DE] NP1]

As frases de genitivo:

Estrutura 2': [NP[CP[C'[TP NP_{complexo}⁴⁰[T' V[VP [NP OD]]]]] DE]] NP1]

Estrutura 3': [NP[CP[C'[TP Suj [T' V[VP [NP NP_{complexo}]]]] DE]]NP1]

A omissão dos resumptivos não resulta em agramaticalidade da frase na Estrutura 2' (cf. estrutura 4)

Estrutura 4: [NP[CP[C'[TP [~~NP_{complexo}~~ ~~pronome resumptivo~~ [DE- [NP2]]] [T' V[VP [NP OD]]] DE]] NP1]

Comparando a estrutura 2' com a estrutura 4, podemos ver que as duas são idênticas. Por isso, a estrutura 4 pode ser derivada de frases de SU-Pred-Pred.

Por isso, o chinês não é uma exceção que foge de NPAH e os pronomes resumptivos têm que estar presentes na posição de GEN.

3. O pronome resumptivo como uma variável na sintaxe explícita/implícita?

Uma vez que os pronomes resumptivos ocorrem na posição em que se espera um vazio que é considerado uma variável, é possível que os pronomes resumptivos também sejam variáveis e por isso, é necessário analisar as suas propriedades (cf. Shlonsky (1992), Sells (1984) entre outros).

As propriedades das variáveis já foram apresentadas em (2) deste capítulo, isto é, as variáveis são sensíveis ao cruzamento (forte e fraco), são sensíveis a efeitos de ilha, têm reconstrução e legitimam Lacunas Parasitas. As duas primeiras propriedades são consideradas os diagnósticos mais marcantes para determinar se a construção envolve movimento no quadro teórico da Gramática Generativa, enquanto o último teste é usado para determinar o nível de representação da aplicação dos pronomes resumptivos numa determinada língua. A seguir, começarei a

⁴⁰ NP_{complexo}: [NP_{complexo} pronome resumptivo [DE [NP2]]]

analisar as propriedades dos resumptivos em chinês.

3.1. O efeito de Cruzamento (Forte e Fraco) nas relativas resumptivas em chinês e em português.

Em primeiro lugar, vamos analisar o efeito de Cruzamento Forte.

(45) a. Cruzamento Forte:

O traço deixado pelo movimento-*wh* para uma posição-A' não pode ser ligado por um pronome que o c-commanda.

b. Cruzamento fraco:

Uma variável não pode ser co-referente com o pronome que o precede.

O hebreu, o irlandês, entre outros, são línguas-alvo para o estudo dos pronomes resumptivos, porque são línguas típicas em que os resumptivos ocorrem canonicamente. Estudos clássicos assumem que os pronomes resumptivos em hebreu e em irlandês são gerados na base (McCloskey 1990, Shlonsky 1992). Assim, estes não deveriam estar sujeitos aos efeitos de cruzamento.

Vejam os exemplos em baixo que demonstram o caso de efeito de Cruzamento Forte em hebreu (cf. Shlonsky 1992):

i) O efeito de Cruzamento Forte em hebreu.

(46) Ze ha-baxur_i še- yidafti ?oto_i še-ha-more yaxšil ?oto_i

este o-rapaz que-(eu) disse ele_i que-o-professor reprovará ele_i

'Este é o rapaz_i que eu lhe_i disse que o professor o_i reprovará.'

(hebreu)

O exemplo (46) coincide com a nossa predição de que os resumptivos gerados na base, não são sensíveis ao Cruzamento Forte. No entanto, o exemplo (46) não é fiável para servir como prova de que os pronomes resumptivos em hebreu não estão sujeitos ao Cruzamento Forte,

porque, esta frase compreende dois pronomes e nada impede que o pronome mais alto ?oto_i ‘ele’, em vez de o pronome mais baixo seja o pronome resumptivo. É possível que o pronome mais baixo ?oto_i ‘ele’ estabeleça a sua dependência referencial através da ligação anafórica com o pronome mais alto, isto é, o pronome mais baixo não entra em relação direta com o núcleo de oração relativa, por isso, nada é cruzado. (McCloskey 1990, Shlonsky 1992)

Uma maneira de evitar a possibilidade de o pronome mais alto ser o resumptivo é substituir este por epítetos. Os exemplos ilustrados abaixo são retirados de Shlonsky (1992):

- (47) a. *Ze ha-baxur še- yidafti ?et ha-?idiot.
 este o-rapaz_i que- (eu) avisei ACUS o-idiota_i
 *‘Este é o rapaz_i que avisei o idiota_i.’
- b. *Ze ha-baxur še- yidafti ?et ha-?idiot_i še-ha-more yaxšil t_i.
 este o-rapaz_i que- (eu) disse ACUS o-idiota_i que-o-professor reprovará t_i
 *‘Este é o rapaz_i que eu disse ao idiota_i que o professor reprovará t_i.’
- c. *Ze ha-baxur še- yidafti ?et ha-?idiot_i še-ha-more yaxšil ?oto_i
 este o-rapaz que- (eu) disse ACUS o-idiota_i que-o-professor reprovará 3SG
 *‘Este é o rapaz_i que eu disse ao idiota_i que o professor o_i reprovará.’

(hebreu, Shlonsky 1992:460)

Em primeiro lugar, de acordo com a definição de pronomes resumptivos, estes ocorrem na posição em que se espera um vazio.

- (47) d. ha-?iš še- ra?iti (?oto)
 O homem_i que- (eu) vi (o_i)
 ‘O homem_i que eu vi.’/ ‘O homem_i que eu o_i vi.’

Em hebreu, os pronomes podem ocorrer na posição de OD em construções relativas, tendo a mesma propriedade que os vazios, em termos de co-referência com o antecedente. Por exemplo,

em (47d), o pronome (*ʔoto*), tem a mesma referência que o antecedente, substituindo um vazio.

Quando os epítetos substituem os pronomes e ocorrem na posição dos vazios, podem ser elementos resumptivos e co-referem com os antecedentes como no caso de (47d). Mas como podemos ver, a frase (47a) é agramatical, o que significa que o epíteto⁴¹ *ha-ʔidiot*_i ‘o idiota’ não é o elemento resumptivo, porque não tem a mesma referência que o antecedente *ha-baxur* ‘o rapaz’. Assim, na frase (47c), o único elemento que funciona como o elemento resumptivo é o pronome mais baixo *ʔoto*_i. Por isso, a agramaticalidade da frase (47c) deve-se à condição de Cruzamento Forte.

Os vazios estão sujeitos ao efeito de Cruzamento Forte em hebreu (cf. (47b)), como os pronomes resumptivos (cf. (47c)), por isso, os vazios e os pronomes resumptivos comportam-se de forma idêntica em relação ao efeito de Cruzamento Forte.

Dada a agramaticalidade dos exemplos (47), é preciso diagnósticos adicionais para confirmar o estatuto dos resumptivos em hebreu.

Acrescenta-se ainda que é curioso descobrir que o irlandês, uma língua que tem canonicamente pronomes resumptivos gerados na base, também está sujeito ao efeito de Cruzamento (forte/fraco) se o pronome mais alto for um epíteto.

Assume-se, de modo geral, que o Cruzamento Forte é o Princípio C da Ligação: *Principle C gives the basic facts of strong crossover in the sense of Wasow (1972, 1979) ...* (Chomsky 1981)

Em relação ao português, Alexandre (2000) defende que as relativas canónicas (cf. (48a)) e as relativas resumptivas (cf. (48b)) são ambas sensíveis ao efeito de Cruzamento Forte:

- (48) a. *Aqui tem uma menina_i [_{CP} que_i a Maria_i agradecia o favor de tratar t_i].
 b. *Aqui tem [_{DP} [_{DP} uma menina_i] [_{CP} que a Maria_i agradecia [_{DP} o favor [_{CP} de [_{a_{ci}]} tratar t_{ci} t_i]]]]]]].

(Alexandre 2000: 68-69)

⁴¹ Faz-se notar que os epítetos podem funcionar como elementos resumptivos em algumas línguas, como por exemplo, o árabe libanês (Aoun&Choueiri 2000).

Mas a meu ver, aceitando a abordagem de *Matching*, a agramaticalidade de (48b) pode resultar, no Programa Minimalista, do facto de o movimento de operador na posição na base ultrapassar duas fases, nomeadamente, a fase DP [DP o favor] e a fase CP [CP de a_{cl} tratar t_{cl} i], o que viola a condição de fase⁴².

Pelo contrário, o exemplo ilustrado em (49) não apresenta a intervenção da condição de fase.

(49) a. * O homem_i que_i o João_i acha que t_i ganhou o prémio é o meu amigo.

b. * O homem_i que_i [o João_i acha que [ele_i ganhou o prémio]] é o meu amigo.

Em (49a), a variável [t_i] é ligada por um antecedente em posição-A ('o João'), o que produz a violação do Princípio C da Teoria da Ligação.

Podemos ver que a ocorrência do pronome resumptivo em (49b) não torna a frase correta. Assim, assume-se que os pronomes resumptivos, como as variáveis, são sensíveis ao efeito de Cruzamento Forte.

Além disso, os resumptivos em português, como são pronomes, estão sujeitos ao Princípio B:

(50) *if α is a pronoun, interpret it as disjoint from every c-commanding phrase in the relevant local domain.*

(Chomsky 1995)

(51) A Maria_i agradecia o favor de a_{ij} tratar.

O Princípio B implica que o pronome tem que ser livre no seu domínio, mas pode ser ligado-A fora do seu domínio, isto é, o pronome clítico 'a' em (51) pode ser ligado por 'a Maria', porque estas duas expressões não ocorrem no mesmo domínio.

⁴² No Programa Minimalista, para além de CPs ou vPs que são fases (Chomsky 2000, 2001), os DPs também são fases (Boskovic 2013)

Os efeitos de Ilha e uma análise mais aprofundada das fases serão abordados relativamente à condição de fase na secção 6.5.4.

As propostas em relação ao efeito de Cruzamento Forte em chinês divergem. Ning (2008:55) propôs que os resumptivos em chinês não são sensíveis ao efeito de cruzamento:

(52) a. *他_i 以为玛丽喜欢 t_i 的那个人_i

**Ta_i yiwei mali xihuan t_i de na-ge ren_i.*

Ele_i achar Maria gostar t_i DE aquele-CL pessoa_i.

‘Aquele pessoa_i de que ela_i acha que a Maria gosta t_i .’

b. 他_i 以为玛丽喜欢他_{i-R}⁴³的那个人_i

Ta_i yiwei mali xihuan ta_{i-R} de na-ge ren_i

Ele_i achar Maria gostar ele_{i-R} DE aquele-CL pessoa_i.

‘Aquele pessoa_i que ela_i acha que a Maria gosta dela_i.’

Ning (2008) defende que a frase (52b) é correta, por isso, os resumptivos em chinês não estão sujeitos ao efeito de Cruzamento Forte.

Pode-se rejeitar esta posição, porém, com os argumentos de McCloskey (1990, 2016) e Shlonsky (1992) que discutimos acima: o antecedente liga o pronome mais alto e o pronome *ta* ‘ele’ mais alto é pronome resumptivo e este resumptivo liga o pronome *ta-R* ‘ele’ mais baixo, por outras palavras, os dois pronomes *ta* ‘ele’ estabelecem uma relação anafórica. Neste caso, nada é cruzado.

Mas quando o elemento mais alto não for um pronome, a situação já se torna diferente.

Note-se que o exemplo em Ning (2008) apresenta uma oração relativa de OD. Como se comportam as relativas noutras posições? A seguir, irei analisar os vazios e os resumptivos em todas as posições sintáticas em contexto de cruzamento:

(53) Os vazios estão sujeitos ao efeito de Cruzamento Forte.

a. A posição de SU:

*这就是[NP[CP[TP 她_i 认为 [CP[TP t_i 得奖]]]的]那个女孩_i].

**Zhe jiushi ta_i renwei t_i de jiang de na-ge nvhai_i.*

⁴³ ‘R’ em ‘ta-R’ significa Pronome Resumptivo.

Esta ser ela acha t_i ganhar prémio DE aquele-CL menina_i.

*‘Esta é a menina_i ela_i acha que t_i ganhou o prémio.’

b. A posição de OD:

*这就是[NP[CP[TP 我告诉她_i [CP[TP 小明喜欢 t_i]]]]的那个女孩_i。

**Zhe jiushi wo gaosu ta_i xiaoming xihuan t_i de na-ge nvhai_i*

Esta ser eu dizer ela_i xiaoming gostar t_i DE aquele-CL menina_i;

*‘A menina_i que eu lhe_i disse que Xiaoming gosta t_i .’

c. A posição de OI:

*这就是[NP[CP[TP 我告诉她_i [CP[TP 小明给了 t_i 书]]]]的那个女孩_i。

**Zhe jiushi wo gaosu ta_i Xiaoming gei-le t_i shu de na-ge nvhai_i*

esta ser eu dizer ela_i Xiaoming dar-LE t_i livro DE aquele-CL menina.

*‘Esta é a menina_i a quem eu lhe_i disse que Xiaoming já t_i deu o livro.’

d. A posição de OBL

*这就是[NP[CP[TP 我告诉她_i [CP[TP 小明喜欢和 t_i 说话]]]]的那个女孩_i。

**zhe jiushi wo gaosu ta_i Xiaoming xihuan he t_i shuohua de na-ge nvhai_i*

esta ser eu dizer ela_i Xiaoming gostar com t_i falar DE aquele-CL menina_i;

*‘Esta é a menina_i com quem eu lhe_i disse que Xiaoming gosta de falar t_i ’

e. A posição de GEN

*这就是[NP[CP[TP 我告诉她_i [CP[TP [NP t_i 朋友]喜欢小明]]]]的那个女孩_i。

**Zhe jiushi wo gaosu ta_i t_i pengyou xihuan xiaoming de na-ge nvhai_i*

esta ser eu dizer ela_i t_i amigo gostar Xiaoming DE *aquele-CL* menina.

*‘Esta é a menina_i que eu lhe_i disse cujo_i amigo gosta de Xiaoming.’

Podemos ver que não apenas a posição de OD, como no exemplo do trabalho de Ning (2008) (cf. (52a)), mas todas as posições são sensíveis ao efeito de Cruzamento Forte quando os vazios ocorrem porque o pronome *ta* (correspondente a ‘lhe’ em (53a-e)) que ocorre na entre o vazio e o antecedente cruza o movimento do operador (da posição de vazio à posição do SpecCP).

Vejamos agora os pronomes resumptivos nas relativas. Como são gerados na base (Gu 2001), deveriam não estar sujeitos ao Cruzamento Forte, como Ning (2008) propôs:

(54) Os resumptivos estão sujeitos ao Princípio C:

a. A posição de SU.

*这就是小丽_i认为她_{i-R}得奖的女孩_i

**zhe jiushi Xiaoli_i renwei ta_{i-R} de jiang de nvhai_i.*

este ser Xiaoli_i achar ela_{i-R} ganhar prémio DE menina_i.

*‘Esta é a menina_i que Xiaoli_i acha que ela_{i-R} ganhou o prémio.’

b. A posição de OD.

*这就是我告诉小丽_i小明喜欢她_{i-R}的女孩_i

**Zhe jiushi wo gaosu Xiaoli_i Xiaoming xihuan ta_{i-R} de nvhai_i.*

este ser eu dizer Maria_i Xiaoming gostar ela_{i-R} DE menina_i.

*‘Esta é a menina_i que eu disse à Maria_i que Xiaoming gosta dela_{i-R}.’

c. A posição de OI.

*这就是我告诉小丽_i小明给她_{i-R}书的女孩_i

**Zhe jiushi wo gaosu Xiaoli_i Xiaoming gei ta_{i-R} shu de nvhai_i*

Este ser eu dizer Maria_i Xiaoming dar ela_{i-R} livro DE menina_i.

*‘Esta é a menina_i que eu disse à Maria_i que Xiaoming já lhe_{i-R} deu um livro.’

d. A posição de OBL.

*这就是我告诉小丽_i小明喜欢和她_{i-R}说话的女孩_i。

**Zhe jiushi wo gaosu Xiaoli_i Xiaoming xihuan he ta_{i-R} shuohua de nvhai_i*

Esta ser eu dizer Maria_i Xiaoming gostar com ela_{i-R} falar DE menina_i;

*‘Esta é a menina_i que eu disse à Maria_i que Xiaoming gosta de falar com ela_{i-R}.’

e. A posição de GEN.

*这就是小丽_i认为她_{i-R}的妈妈得奖的女孩_i。

**Zhe jiushi Xiaoli_i renwei ta_{i-R} mama de jiang de nvhai_i.*

esta ser Maria_i achar sua_{i-R} mãe ganhar prémio DE menina_i.

*‘Esta é a menina_i que eu disse à Maria_i que a sua_{i-R} mãe ganhou o prémio.’

Como se observa em (54), o pronome resumptivo *ta* ‘ela’ ligado por um antecedente em

posição-A, a saber, *Xiaoli* ‘a Maria’, provoca uma violação do Princípio C na Teoria da Ligação.

Os dados em chinês apontam para um tratamento idêntico dos vazios e dos pronomes resumptivos, porque estes são, tal como os vazios nesta língua, sensíveis ao efeito de Cruzamento Forte.

Acresce que os resumptivos em chinês são pronomes, por isso, estão sujeitos ao Princípio B. As partes sublinhadas nos exemplos (54) são gramaticais no caso de os pronomes resumptivos terem a mesma referência de *Xiaoli*. Do mesmo modo, na frase (55), o pronome *ta* ‘ela’ pode ter a mesma referência de *Xiaoli* ‘a Maria’, o que prova o seu estatuto como pronome.

(55) 我告诉小丽她 i_j 得奖了。

Wo gaosu Xiaoli_i ta_{i_j} dejiang le.

Eu dizer Maria ela ganhar prémio LE.

‘Eu disse à Maria_i que ela_{i_j} ganhou o prémio.’

Por isso, os resumptivos em chinês comportam-se como em português, sendo sensíveis ao Cruzamento Forte (Princípio C) e ao Princípio B. (cf. (49), (51) e (54), (55) respetivamente).

Na Gramática Generativa, outro teste diagnóstico para verificar o movimento-A’ são os efeitos de ilha⁴⁴. São ilustrados seguidamente os dados dos pronomes resumptivos em domínios ilhas.

3.2. O efeito de ilha nas relativas resumptivas em chinês.

Já vimos na secção 6.1.3.2., que os pronomes resumptivos em irlandês, diferentemente dos vazios, podem ocorrer dentro de uma ilha (cf. (10a-b)). Outra língua que também disponibiliza os resumptivos gerados na base é o hebreu. Vejam os exemplos seguintes em que ocorre a ilha do DP complexo com orações relativas:

⁴⁴ Este diagnóstico remonta a Ross (1967). É anterior à Teoria da Regência e da Ligação e continua a ser usado no quadro atual.

- (56) Sin teanga aN mbeadh meas agam ar duine ar bith
que uma.língua COMP-NEG ia ser respeitar a mim sobre pessoa qualquer
 aL tá ábalta i a labhairt
COMP ser capaz ele a falar

‘Aquele é a língua que eu ia respeitar qualquer pessoa que a possa falar.’

(Irlandês: McCloskey (1979))

- b. hine ha-sendvic še pagašti ‘et ha-‘iša še ‘axla oto/*__
 aqui estar a-sanduiche que eu. encontrei ACU a-mulher quem comeu a/*__.

‘Aqui está a sanduiche que encontrei a mulher que a comeu.’ /que comeu __.’

(hebreu)

Podemos ver que as duas línguas acima referidas correspondem à nossa observação: as relativas resumptivas geradas na base não são sensíveis a efeitos de ilha.

Para o chinês, tal é assumido classicamente por disponibilizar pronomes resumptivos gerados na base (Gu 2001), por isso, os resumptivos em chinês deveriam comportar-se de mesma maneira que os resumptivos em hebreu ou em irlandês:

i) A extração de SU dentro da ilha do NP complexo com relativa:

- (57) a. *玛丽认识他_{2-R}帮助_{t₁}的女孩₁的记者₂.

Mali renshi ta_{2-R} bangzhu t₁ de nvhai₁ de jizhe₂.

Maria conhecer ele_{2-R} ajudar t₁ DE menina₁ DE jornalista₂.

‘O jornalista₂ que a Maria conhece a menina₁ que ele_{2-R} ajuda t₁.’

- b. *玛丽认识_{t₂}帮助_{t₁}的女孩₁的记者₂.

Maria renshi t₂ bangzhu t₁ de nvhai₁ de₂.

Maria conhecer t₂ ajudar t₁ DE menina₁ DE jornalista.

*‘O jornalista que a Maria conhece a menina₁ que t₂ ajuda t₁.’

A extração de OD dentro da ilha do NP complexo com relativa:

- (58) a. *这就是我遇见[NP[NP [CP [TP t₁ 吃它_{2-R}] 的女人₁]]的三明治₂]]。

*zhe shi [wo yujian [NP [NP [CP [TP t₁ chi ta_{2-R}] de] nvren₁] de sanmingzhi₂]].

esta ser eu encontrar [[[[t₁ comer ele_{2-R}] DE] mulher₁] DE sanduiche₂]].

‘Esta é a sanduiche₂ que encontrei a mulher₁ que t₁ a_{2-R} comeu’.

- b. *这就是我遇见[NP [CP [TP t₁ 吃 t₂] 的女人₁]]的三明治₂。

*zhe shi [wo yujian [NP [CP [TP t₁ chi t₂] de] nvren₁] de sanmingzhi₂].

esta ser eu encontrar [[[[t₁ comer t₂] DE] mulher₁] DE sanduiche₂].

*‘Esta é a sanduiche₂ que encontrei a mulher₁ que t₁ comeu t₂’

A extração de OBL dentro da ilha do NP complexo com relativa:

- (59) a. *这就是[NP[CP[TP 我认识[NP[CP[TP t₁ 正在和他_{2-R} 交谈]的]记者₁]]的]运动员₂].

zhe jiushi [[[wo renshi [[[t₁ zhengzai he ta_{2-R} jiaotan] de] jizhe₁] de] yundongyuan₂].

Este ser [[[[eu conhecer [[[[t₁ estar a com ele_{2-R} falar] DE] jornalista] DE] atleta₂].

‘Este é o atleta₂ que conheço o jornalista₁ que t₁ está a falar com ele_{2-R}.’

- b. *这就是[NP[CP[TP 我认识[NP[CP[TP t₁ 正在和他₂ 交谈]的]记者₁]]的]运动员₂].

zhe jiushi [[[wo renshi [[[t₁ zhengzai he t₂ jiaotan] de] jizhe₁] de] yundongyuan₂].

Este ser [[[[eu conhecer [[[[t₁ estar a com t₂ falar] DE] jornalista] DE] atleta₂].

‘Este é o atleta₂ com quem₂ conheço o jornalista₁ que t₁ está a falar t₂.’

A extração de GEN dentro da ilha do NP complexo com relativa:

- (60) a. 这就是我知道她_{1-R}的妈妈得₂的奖₂的女孩₁。

Zhe jiushi wo zhidao ta_{1-R} de mama de t₂ de jiang₂ de nvhai₁

Este ser eu saber ela_{1-R} DE mãe ganhar t₂ DE prémio₂ DE menina₁

‘Esta é a menina₁ que eu sei do prémio₂ que a sua_{1-R} mãe ganhou t₂.’

- b. *这就是我知道 t₁的妈妈得₂的奖₂的女孩₁。

Zhe jiushi wo zhidao t₁ de mama de t₂ de jiang₂ de nvhai₁

Este ser eu saber ela_{1-R} DE mãe ganhar t₂ DE prémio₂ DE menina₁

Interpretação esperável: ‘Esta é a menina₁ que eu sei do prémio₂ cuja₁ mãe ganhou t₂.’

Ilha da frase adjunta:

- (61) *[CP[C[因为玛丽亲了他_{j-R}] 整个学校的男老师都很郁闷]的]那个医生_j。

[[[yinwei mali qin-le ta_{j-R}] zheng-ge xuexiao de

[[[porque Maria beijar-LE ele_{j-R}] todo-CL escola DE

nan laoshi dou hen yumen] de] na-ge yisheng_j

masculino professor todo muito infeliz] DE] aquele-CL médico

‘Aquele médico que os professores de toda a escola ficaram infelizes, porque a Maria o_j-
R beijou.’

Como se observa em (58), a extração de *sanmingzhi* ‘sanduíche’ de uma ilha de oração relativa, *chi sanmingzhi de nvren* ‘a mulher que comeu sanduíche’, produz agramaticalidade da frase, por isso, os vazios são sensíveis a efeitos de ilha. Contudo, mesmo com a presença do pronome resumptivo no sítio de vazio, a extração de dentro da ilha também é ilícita. O mesmo acontece em caso de extração das posições de SU, de OBL e de GEN (cf. (57), (59) e (60)). Os dados, assim, apontam para um tratamento diferente dos resumptivos em chinês relativamente aos resumptivos em hebreu ou em irlandês, porque em chinês, os resumptivos, tal como os vazios, são sensíveis a efeitos de ilha.

Uma vez que os resumptivos em chinês se comportam como as variáveis, isto é, estão ambos sujeitos a efeitos de ilha e ao efeito de Cruzamento Forte, concluo, então, que os resumptivos em chinês são variáveis.

Na próxima secção analisarei outras propriedades que as variáveis apresentam, a saber, a reconstrução e a legitimação das lacunas parasitas.

3.3. A impossibilidade da reconstrução de núcleo NP nas orações relativas resumptivas em chinês

De acordo com o trabalho de Aoun&Li (2003), Hsu (2008), entre outros, a reconstrução em orações relativas em chinês apresenta inconsistência, isto é, em alguns casos, as orações relativas têm reconstrução enquanto noutros, não.

(62) i. A reconstrução é possível nos casos das anáforas e dos pronomes ligados (cf. (63))

ii. A reconstrução é inacessível quando os núcleos das relativas são QPs, tendo escopo sob um outro QP dentro da oração relativa (cf. (64))

iii. A reconstrução é acessível em caso de expressões idiomáticas. (cf. (65))

(Aoun&Li, 2003)

(63) 我劝小明_i开 t_i/*它_j 来的自己_i 的车_j.

[[wo quan Xiaoming_i kai t₂/*ta_{2-R} lai de] ziji de chezi₂].

eu persuadir Xiaoming_i conduzir t₂/*ele_{2-R} vir DE [próprio₁ DE carro]₂.

‘[O seu₁ próprio carro]₂ que eu persuadi Xiaoming_i a conduzir t₂ até cá.’

(64) a. 我会整理每个人都会看 t_i/*它_i 的三本书_i。

wo hui zhengli [[mei-ge ren dou hui kan t_i/*ta_i de] san-ben shu_i].

Eu ir arrumar cada-CL pessoa todo ir ler t_i/*ele_{i-R} DE três-CL livro_i.

‘Vou arrumar [os três livros]_i que cada pessoa vai ler t_i’./

‘Vou arrumar [os três livros]_i que cada pessoa vai os_i ler.’

(interpretação: ‘os três livros’ tem o escopo sob ‘cada pessoa’, por isso, reconstrução não é acessível)

b. 我会整理每个人会看 t_i/*它_{i-R} 的三本书。

wo hui zhengli [[mei-ge ren hui kan t_i/ta_{i-R} de] san-ben shu_i].

Eu ir arrumar cada-CL pessoa ir ler t_i/ele_{i-R} DE três-CL livro_i.

‘Vou arrumar [os três livros]_i que cada pessoa vai ler t_i.’/

‘Vou arrumar os três livros que cada pessoa vai os ler.’

(interpretação: ‘cada pessoa tem o escopo sob ‘os três livros’, por isso, reconstrução é acessível)

(65) [[他吃 t_i/*它_{i-R} 的]醋]比谁都多⁴⁵

ta chi t_i/ta_{i-R} de cu bi shei dou duo

ele comer t_i/ele_{i-R} DE vinagre comparar quem todo muito.

‘O seu ciúme é maior do que o de qualquer pessoa.’

Podemos ver que quando os vazios ocorrem na posição de relativização, todos os exemplos (i.e., (63)-(65)) são gramaticais, enquanto no caso de a posição de relativização ser ocupada

⁴⁵ A frase é inaceitável com a presença do pronome resumptivo *ta* ‘ele’.

pelos pronomes resumptivos, todos os exemplos são agramaticais. Isto significa dizer que apenas as relativas canônicas permitem reconstrução, enquanto as relativas resumptivas, não permitem reconstrução.

Mas note-se que os exemplos em (63-65) são casos de relativização na posição de OD, uma posição que exclui os resumptivos nas relativas (cf. secção 2.1). Como já vimos, as posições de OI e de OBL em chinês são diferentes da posição de OD em relação à ocorrência de pronomes resumptivos, isto é, enquanto o pronome resumptivo é obrigatório em posições de OI e de OBL, o mesmo não acontece na posição de OD. Por isso, para analisar a reconstrução nas relativas formadas pela estratégia resumptiva, ter-se-ão em conta as posições de OBL e de OI. Considerem-se os exemplos (66) e (67) em que ocorrem os resumptivos a par dos vazios em relação à reconstrução das anáforas em posições de OI e de OBL respetivamente:

(66) a. *学校₁ 寄给*他们_{2-R} 结业证的[自己₁ 的学生]₂。

xuexiao₁ ji gei tamen_{2-R} jieyeheng de [ziji₁ de xuesheng]₂.

escola₁ enviar a eles_{2-R} certificado de conclusão DE próprio₁ DE estudante₂.

‘[Os seus próprios₁ estudantes]₂ que a escola₁ lhes_{2-R} enviou certificados de conclusão.’

b. *学校₁ 寄给*t₂ 结业证的[自己₁ 的学生]₂

xuexiao₁ ji gei t₂ jieyeheng de [ziji₁ de xuesheng]₂.

escola₁ enviar a t₂ certificado de conclusão DE próprio₁ DE estudante₂.

*‘[Os seus próprios₁ estudantes]₂ que a escola₁ enviou t₂ certificados de conclusão.’

(67) a. *小孩₁ 喜欢和他们_{2-R} 交流的[自己₁ 的父母]₂。

xiaohai₁ xihuan he tamen_{2-R} jiaoliu de [ziji₁ de fumu]₂.

crianças gostar com eles_{2-R} comunicar DE próprio DE pais.

‘[Os seus próprios₁ pais]₂ que as crianças₁ gostam de falar com eles_{2-R}.’

b. *小孩₁ 喜欢和 t₂ 交流的[自己₁ 的父母]₂。

xiaohai₁ xihuan he t₂ jiaoliu de [ziji₁ de fumu]₂.

crianças gostar com t₂ comunicar DE [próprio₁ DE pais]₂.

*‘[Os seus próprios₁ pais]₂ com quem₂ as crianças₁ gostam de falar t₂.’

Para as posições de OI e de OBL, como os exemplos (66a) e (67a) mostram, tanto os vazios como os resumptivos não são aceitáveis em caso de reconstrução da ligação anafórica. Por isso, concluo que os resumptivos em ambos os casos, não exibem reconstrução. Isto significa que os resumptivos são gerados na base, o que coincide com a observação de Gu (2000), Aoun&Li (2003), entre outros.

3.4. A legitimação de Lacuna Parasita em chinês e em português

Como já se referiu no início da secção 6.1.1 (cf. (2)), a legitimação ou não de Lacuna Parasita em chinês serve como um diagnóstico para confirmar o nível de representação a que se aplicam os pronomes resumptivos, porque ‘as lacunas parasitas são categorias vazias legitimadas apenas por variáveis antes de *spell-out*.’ (Alexandre 2000).

Os resumptivos em PE são variáveis na sintaxe explícita, porque legitimam lacunas parasitas:

- (68) a. Esta é uma realidade; [CP da qual não nos podemos dissociar t_i [depois de conhecermos e_{ij}].
 b. Esta é uma realidade; [CP que não nos podemos dissociar dela; [depois de conhecermos e_i]].

O hebreu é uma língua em que os pronomes resumptivos são gerados na base. Assim, as orações relativas resumptivas em hebreu não legitimam Lacunas Parasitas:

- (69) a. $\text{ʔelʊ ha-sfarim [}_{CP} \text{še-Dan tiyek } \text{ʔotam}_i \text{ [bli likro } \text{ʔotam}_i \text{]}. \text{}$
 Estes os-livros que Dan catalogou 3PL sem ler 3PL
 ‘Estes são os livros que o Dan os catalogou sem os ler.’
 b. ? $\text{ʔelʊ ha-sfarim [}_{CP} \text{še-Dan tiyek } t_i \text{ [bli likro } e_i \text{]}. \text{}$
 estes os-livros que-Dan catalogou -- sem ler --
 c.* $\text{ʔelʊ ha-sfarim [}_{CP} \text{še-Dan tiyek } \text{ʔotam}_i \text{ [bli likro } e_i \text{]}. \text{}$
 estes os-livros que-Dan catalogou 3PL sem ler –

Quanto ao chinês, os pronomes resumptivos nesta língua, diferentemente dos do hebreu, legitimam Lacuna Parasita.

(70) a. 一个你见过 e_i 之后永远不会忘记 t_i 的人 i_o

yi-ge ni jian guo e_i zhihou yongyuan bu hui wangji t_i de ren.

um-CL você ver Asp e_i depois eternamente não ir esquecer t_i DE pessoa.

‘Uma pessoa de quem você nunca se esqueceria t_i depois de ver e_i .’

b. 一个你见过 e_i 之后永远不会忘记他 i_{-R} 的人 i_o

Yi-ge ni jian guo e_i zhihou yongyuan buhui wangji ta $_{i-R}$ de ren $_i$

Um-CL você ver Asp e_i depois nunca ir esquecer ela $_{i-R}$ DE pessoa.

‘Uma pessoa $_i$ que você não se esqueceria dele $_{i-R}$ depois de ver e_i .’

(Ning 2008)

As quatro propriedades analisadas para os resumptivos e os vazios são apresentadas na tabela V:

Tabela V:

	chinês		português	
	resumptivos	vazios	resumptivos	vazios
Sensível ao efeito de SCO/WCO	S	S	S	S
Sensível ao efeito de ilha	S	S	N	S
Tem reconstrução	N	S	N	S
Lacuna Parasita	S	S	S	S

Para o português europeu, Alexandre (2000) propôs que os resumptivos são sensíveis ao efeito de Cruzamento Forte e legitimam Lacuna Parasita (Alexandre 2000). Nesta língua, os resumptivos comportam-se como os vazios em construções relativas. Tendo em conta apenas

estas duas propriedades, os resumptivos em português são variáveis na sintaxe explícita (Alexandre 2000).

Neste estudo, assumir-se-á que os resumptivos em chinês também são variáveis porque são sensíveis ao efeito de Cruzamento e legitimam Lacunas Parasitas.

Assim, os resumptivos em ambas as línguas são variáveis. Mas, como se pode observar na Tabela V, embora os resumptivos nestas duas línguas sejam ambas variáveis, apresentam propriedades diferentes. Alexandre (2000) distingue as variáveis com base no critério de Cinque (1990), concluindo que os resumptivos em português são variáveis pronominais, porque não são sensíveis ao efeito de ilha. Desenvolverei este aspeto na secção seguinte, ao analisar os resumptivos em chinês.

4. As relativas resumptivas em chinês envolvem o movimento-A' ou não?

De acordo com Cinque (1990), as variáveis são classificadas em dois grupos: as variáveis puras e as variáveis pronominais.

(71) a. As variáveis puras:

As variáveis puras são vestígios-*wh* [-anafóricos, -pronominais] ligados-A' por um Op deixado pelo movimento-*wh* em *Spec/CP*;

b. As variáveis pronominais:

As variáveis pronominais são categorias vazias [-anafóricos, +pronominais] geradas na base (*pro*), ligadas-A' por um Op abstrato gerado na base em *Spec/CP*.

De acordo com Alexandre (2000), os resumptivos em PE, por um lado, são variáveis na sintaxe explícita, porque são sujeitos ao efeito de Cruzamento Forte, ou seja, estão sujeitos ao Princípio C e legitimam uma Lacuna Parasita, por outro lado, a construção relativa formada por esta estratégia não envolve o movimento-*wh*.

Em PE é observada a falta de movimento-*wh* pela análise das propriedades do elemento que introduz a oração relativa resumptiva, pela insensibilidade ao movimento sucessivamente

cíclico dos resumptivos, pelo bloqueio de *pied piping* e pelo facto de a extração de elementos internos a um DP não ser autorizada.

Os dados em chinês, analisados nas seções seguintes, demonstram que não há movimento-A' nas relativas resumptivas também.

4.1. A partícula *de* é introdutor de todas as orações de modificação de nome, incluindo as relativas resumptivas.

Em primeiro lugar, em irlandês, os CPs que aparecem em estruturas diferentes, contêm complementadores diferentes, mais precisamente, as frases completivas são introduzidas por *go/gur*, as relativas resumptivas *a/ar* e as relativas canónicas *a*. Rizzi (1990) defende que são os traços dos complementadores que legitimam as diferentes frases encaixadas e que os complementadores que introduzem as relativas têm sempre o traço [+pred]:

- (72) a. +wh –pred : (I wonder) what \emptyset [you saw t]
 b. +wh +pred : The thing which \emptyset [you saw t]
 c. –wh +pred : The thing Op that [you saw t]
 d. –wh –pred : (I know) that [you saw it]

(Rizzi, 1990:68)

De acordo com a proposta de Rizzi (1990), Alexandre (2000) defende que o complementador que introduz a oração relativa resumptiva e o complementador que introduz a frase completiva é igual em PE: ambas as frases são introduzidas pelo complementador invariável *que*. O complementador *que* nas resumptivas tem traços [-wh, +pred]. O traço [-wh] não desencadeia o movimento, por isso, os resumptivos em PE não são sensíveis a efeitos de ilha.

Quanto ao chinês, como já mostrei no capítulo 5, esta língua não dispõe de pronomes relativos e o elemento que introduz a oração relativa é a partícula *de*. Porém, esta partícula não é específica para a estratégia resumptiva, mas é partilhada com todas as construções de modificação de nome. Isto é, desde que o XP modifique um NP, a partícula *de* é inserida entre

eles. Porém, vou assumir neste trabalho que a partícula *de* em chinês, embora seja morfológicamente idêntica, quando ocorre em construções diferentes, tem traços distintos. A partícula *de* em chinês funciona como o complementador invariável ‘que’ em português: tanto as frases completivas como as relativas resumptivas em português são introduzidas pelo complementador invariável ‘que’, mas ‘que’ tem traços diferentes nestas duas construções, isto é, ‘que’ nas relativas resumptivas tem traços [-*wh*, +pred], nas completivas, tem traços [-*wh*, -pred] e a partícula *de* nas relativas canônicas e a nas relativas resumptivas têm o mesmo traço [+pred].

4.2. Os resumptivos em chinês são sensíveis ao movimento sucessivamente cíclico.

O segundo argumento a favor da hipótese de ausência de movimento-*wh* nas relativas resumptivas em PE é o seguinte: os resumptivos em PE não são sensíveis a ilhas, contrariamente aos vazios:

(73) Ilha do NP Complexo –relativa envolvendo o complemento oblíquo (Ilha forte)

- a. *A pessoa_i [CP com quem_i tu encontraste [alguém que falaria t_i]] está doente⁴⁶.
- b. A pessoa_i [CP que tu encontraste [alguém que falaria com ela_i]] está doente.

(74) Ilha do NP Complexo - relativa envolvendo o adjunto (Ilha forte)

- a. *Esta é a loja_i [CP onde_i tu encontraste [alguém que comprou livros raros t_i]].
- b. Esta é a loja_i [CP que tu encontraste [alguém que comprou livros raros lá_i]].

(75) Ilha da frase-*wh* (Ilha fraca)

- a. *Fechou a loja_i [CP onde_i o professor perguntou [quem comprou os livros raros t_i]].
- b. Fechou a loja_i [CP que o professor perguntou [quem comprou os livros raros lá_i]].

(Alexandre 2000)

⁴⁶ Existe duas gramáticas em PE, para alguns falantes os resumptivos estão associados a operadores que se movem e por isso, têm os mesmos efeitos de marginalidade que os vazios. E neste trabalho, vou adotar a proposta de Alexandre (2000), que assume que os operadores não se movem nas relativas resumptivas.

Já analisámos na secção 3.2 deste capítulo a sensibilidade dos vazios e dos pronomes resumptivos aos efeitos de ilha nas relativas em chinês (cf. os exemplos (57)-(61)). Podemos ver que a ocorrência dos resumptivos em português torna a frase gramatical, mas o mesmo não sucede em chinês. Isto significa que os resumptivos em chinês são sensíveis a ilhas (e que, conseqüentemente, movimento sucessivamente cíclico não pode operar nestes contextos).

Em relação a ilhas fracas, como por exemplo, a ilha-*wh*, os resumptivos exibem comportamentos instáveis em chinês:

Ilhas-wh:

A relativização na posição de OD

(76) 这就是我想知道你什么时候见到 t_i/他_{i-R} 的那个男人 _i。

zhe jiushi wo xiang zhidao ni shenme shihou jiandao t_i/?ta_{i-R} de na-ge nanren_i.

este ser eu querer saber você quando tempo encontrar t_i/?ele_{i-R} DE aquele-CL homem_i.

? ‘Este é o homem_i que quero saber quando você encontrou t_i.’

/ ‘Este é o homem_i que eu quero saber quando o_{i-R} viu.’

A relativização na posição de SU

(77) 老师问*t_i/他_{i-R}买了什么的那个人 _i很聪明。

*Laoshi wen [[*t_i/ta_{i-R} mai-le shenme de] na-ge ren_i]*

professor perguntar *t_i/ele_{i-R} comparar-LE o que DE aquele-CL pessoa_i

hen congming.

muito inteligente

? ‘A pessoa_i que o professor perguntou o que t_i comprou é muito inteligente,’

‘A pessoa_i que o professor perguntou o que ela_{i-R} comprou é muito inteligente.’

A relativização na posição de OBL

(78) 老师问谁和 *t_i/他_{i-R} 说话的那个人 _i很聪明。

*laoshi wen [[shei he *t_i/ta_{i-R} shuohua de] na-ge ren_i]*

professor perguntar quem com *t_i/ele_{i-R} falar DE aquele-CL pessoa_i

hen congming.

muito inteligente.

*‘A pessoa_i com quem o professor perguntou quem fala t_i é inteligente.’

/ ‘A pessoa_i que o professor perguntou quem fala com ela_{i-R} é inteligente.’

A relativização na posição de GEN

(79) 老师问 *t_i/ 他_{i-R} 的妈妈做什么工作的学生_i 很勤奋。

*Laoshi wen *t_i/ta_{i-R} de mama zuo shenme gongzuo de xuesheng_i hen qinfen.*
 professor perguntar * t_i/ ele_{i-R} DE mãe fazer que trabalho DE estudante_i muito
 trabalhador.

? ‘O estudante_i cujo o professor perguntou que tipo de trabalho a mãe t_i faz é estudioso.’

‘O estudante_i que o professor perguntou que tipo de trabalho a mãe dele_{i-R} faz é estudioso.’

Podemos ver que a distribuição dos resumptivos parece inconsistente no caso da ilha-*wh*, uma ilha fraca.

Recorde-se que os elementos-*wh* em chinês só operam depois de *spell-out*, i.e., na LF, por isso, a distribuição dos resumptivos em chinês não deveria ser influenciada por uma ilha-*wh*, ou seja, a distribuição dos resumptivos no caso de uma ilha-*wh* deve ser igual à distribuição no caso sem ilha.

É ilustrada na Tabela VI a distribuição dos vazios e dos resumptivos em chinês em caso de ilha-*wh*:

Tabela VI

	SU	OD	OBL	GEN
gap	×	√	×	×
RP ⁴⁷	√	×/?	√	√

A posição de SU é a única exceção, mas as restantes posições obedecem à nossa previsão.

Canonicamente, as posições de SU e de OD são excluídas das relativas resumptivas, mas na ilha-*wh*, a posição de SU pede a presença de um pronome resumptivo, enquanto a de OD não.

Na Teoria da Regência e da Ligação, a causa de tal assimetria SU-OD seria atribuída ao ECP.

⁴⁷ Para facilitar a exposição, vou usar RP para representar *resumptive pronoun* ‘pronome resumptivo’ daqui em diante.

O princípio da categoria vazia (ECP) prediz que os vazios têm que ser apropriadamente regidos e nos casos em que não se verifica a existência de uma ilha-*wh*, os vazios podem ser regidos por antecedentes, ou seja, por núcleos da oração relativa, enquanto nas frases com uma ilha-*wh*, como por exemplo a frase (78), a posição entre o núcleo NP da oração relativa e o vazio é ocupada por um CP *laoshi wen* ‘o professor perguntou’ e neste caso, o núcleo NP e o vazio não ficam no mesmo domínio. Assim, o vazio não é regido apropriadamente, o que infringe o ECP e causa a agramaticalidade da frase. A ocorrência de um pronome resumptivo, porém, serve de último recurso.

No Programa Minimalista, não há uma alternativa clara a ECP para dar conta das assimetrias SU-OD, porque a ideia de regência é abandonada. Rizzi (2016) procura resolver a assimetria SU-OD em ilha-*wh* no PM, fazendo apelo à Estrutura Sintagmática Núa (*Bare Phrase Structure*) e ao mecanismo de etiquetagem (*labeling*⁴⁸).

5. As relativas na abordagem de minimalista

5.1 A projeção RP nas relativas formadas pelos resumptivos em chinês (Gu 2001).

De acordo com Alexandre (2000), o argumento a favor de o português disponibilizar um operador nas orações relativas resumptivas prende-se com as propriedades das variáveis. Porque os resumptivos em PE estão sujeitos ao efeito de Cruzamento Forte e legitimam uma Lacuna Parasita, são variáveis e as variáveis são ligadas-A’. Por isso, os pronomes resumptivos em PE têm que ser ligados-A’. Assim, nas orações relativas resumptivas em PE estão

⁴⁸ A BPS diferencia-se da teoria X’, porque não há nas estruturas níveis barra, e, não há, conseqüentemente o nível de especificador. Rizzi (2016) propõe o critério do sujeito (*Subject Criterion*), cujo núcleo é sujeito, para dar conta da assimetria SU-OD:

(8) a. ‘Aquele pessoa_i [Op_i que o professor perguntou [o que [Op_i-Suj [t_i-Suj comprou]]]] é inteligente.’

b. [Suj [Suj Op_i [Suj t_i-Suj comprou]]]

A frase encaixada de (9) é etiquetada como Suj porque o operador que introduz a oração relativa é sujeito, neste caso, o Op_i-SU não é a projeção máxima e está sujeito ao efeito de *riterial freezing* sob a maximalidade (*maximality*), a qual propõe que a projeção máxima não pode ter a mesma etiqueta do seu nó. Podemos ver que a etiqueta de operador é igual à do seu nó, por isso, o operador não é uma projeção máxima e o movimento deste é bloqueado.

envolvidos operadores.

Podemos analisar os resumptivos em chinês da mesma maneira. Em primeiro lugar, os pronomes resumptivos em chinês são sujeitos ao efeito de Cruzamento Forte, por isso, são variáveis. Visto que as variáveis têm que ser ligadas-A', existe, então um operador na posição-A' (i.e., SpecCP).

De acordo com os dados apresentados na secção anterior, concluímos que, em primeiro lugar, em ambas as línguas, a saber, o português e o chinês, os resumptivos são gerados na base, porque não se observa a reconstrução. Em segundo lugar, estas duas línguas envolvem operadores nas relativas resumptivas (cf. a sensibilidade ao Cruzamento Forte e a legitimação de Lacuna Parasita). Em terceiro lugar, as relativas resumptivas em chinês estão sujeitas aos efeitos de ilha, e, por isso, ou as resumptivas envolvem movimento de operador, ou envolvem a operação de *Agree*, como proporei, no âmbito do PM, na secção ((6.)5.2). Se o operador em chinês for derivado por movimento, uma questão subsequente surge: qual é a posição original (i.e., antes de movimento) do operador?

Os pronomes resumptivos em chinês são como os pronomes normais (McCloskey (1990)), por isso, Gu (2001) propôs uma projeção RP para as orações relativas resumptivas. De acordo com o seu estudo, o pronome resumptivo não é inserido no processo de derivação das frases, mas entra logo no início da numeração, encabeçando um DP. O pronome resumptivo tem traços [$\uparrow\downarrow$ RP] fortes ou fracos: o traço forte [\uparrow RP] no pronome resumptivo pode projetar um morfema de tipo operador (*morfeme-like operator*) na posição de periferia esquerda de DP. O traço fraco [\downarrow RP] apenas proteja um DP nulo encabeçado por um pronome resumptivo, isto é, não há um morfema de tipo operador em SpecDP.

No caso de o pronome resumptivo ter o traço forte [\uparrow RP], o morfema de tipo operador pode deslocar-se para a posição de SpecCP. De acordo com Gu (2000), o núcleo C⁰ possui diversos traços, fortes ou fracos: [$\uparrow\downarrow$ Pred], [$\uparrow\downarrow$ Wp], [$\uparrow\downarrow$ Rel], [$\uparrow\downarrow$ Nu], [$\uparrow\downarrow$ Qn]⁴⁹ etc., e são estes traços

⁴⁹ A seta [$\uparrow\downarrow$ X] significa que o traço é forte [\uparrow X] ou fraco [\downarrow X]. Outros traços têm como significados:

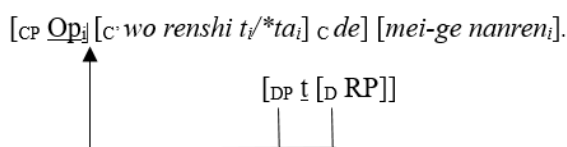
[$\uparrow\downarrow$ Rel]: os pronomes resumptivos que têm este traço forte são ligados por operadores relativos.

[$\uparrow\downarrow$ Nu]: este traço fraco e forte prende-se respetivamente com movimento parcial / de *pied-piping* de especificadores nulos.

[$\uparrow\downarrow$ Qn]: este traço forte em pronomes resumptivos indica que estes são ligados por operadores quantificados universais.

em C que causam deslocções dos morfemas de tipo operador para a periferia esquerda de CP. Por exemplo, o traço [\uparrow Pred] indica que uma frase é uma oraçção relativa, o traço [\downarrow Wp] prende-se com o movimento parcial do especificador-*wh*, etc. (Gu 2001: 81).

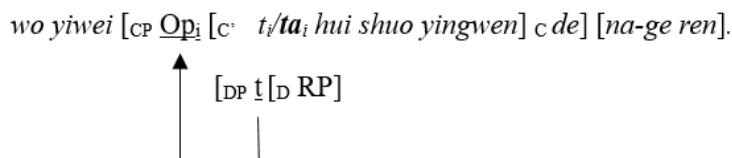
(80) a. 我认识 t_i /*他 $_{i-R}$ 的每个男人 $_i$



eu conhecer t_i /**ele* $_{i-R}$ DE cada-CL homem.

‘Cada homem $_i$ [Op_i [que conheço t_i /**ele* $_{i-R}$]].’

b. 我以为 t_i /他 $_i$ 会说英语的那个人 $_i$



eu achar Op_i t_i /*ela* $_{i-R}$ saber falar inglês DE aquele-CL pessoa $_i$.

‘Aquele pessoa $_i$ [Op_i [que eu acho que t_i /*ela* $_{i-R}$ sabe falar inglês]].’

(adotado de Ning 2008: 27, com a traduçção em português)

Os traços em C podem causar movimento de *pied-piping* ou movimento parcial de morfemas de tipo operador. O movimento de *pied-piping* (i.e., move-se todo o DP) deixa um vestígio verdadeiro (cf. (80a)) e o movimento parcial (i.e., apenas o morfema se move e o pronome resumptivo fica na posiçção original) deixa um pseudo-vestígio (cf. (80b)).

A projeçção de RP proposta por Gu (2001) capta quase todas as propriedades das relativas resumptivas que já analisámos, mas penso que apresenta um problema fundamental. De acordo com Gu (2001), a projeçção de RP ocorre tanto nas relativas canónicas, como nas resumptivas, porque a presençca dos resumptivos depende dos traços em C^o que causam movimento de *pied-piping* ou movimento parcial do morfema de tipo operador em SpecDP. Porém, a projeçção de RP nas relativas canónicas, que excluem os pronomes resumptivos, viola o princípio de

Mais análises podem ser encontradas em Gu (2000).

economia e a criação da projeção de RP parece custosa (Ning 2008).

Acho que a proposta de Gu (2001) é uma hipótese para as relativas resumptivas, mas não para as relativas canônicas, porque a existência de uma projeção RP numa construção que exclui os pronomes resumptivos parece custosa.

5.2. A operação de *Agree* nas relativas (Adger&Ramchand 2002, 2005)

Há línguas que exibem mesmas propriedades que o chinês. De acordo com Adger & Ramchand (2002, 2005), o gaélico escocês (daqui em diante GEscocês) é uma língua, cuja construção relativa está sujeita a efeitos de ilha sem exibir reconstrução.

Os trabalhos de Adger & Ramchand (2002, 2005) procuram resolver este assunto no âmbito do Programa Minimalista (PM). Uma alteração relevante no PM é a aplicação da operação de *Move* para uma posição de especificador. O PM assume que um constituinte apenas se move para o especificador quando é atraído pelo traço EPP⁵⁰. Para além disso, a operação de *Agree* é realizada Fase a Fase⁵¹, o que resulta numa condição de localidade. Isto equivale a dizer que uma estrutura sujeita à condição de localidade pode ser derivada por *Agree* ou por *Move*. Desta maneira, a condição de localidade não serve como diagnóstico para movimento no PM.

A operação de *Agree* aplica-se entre traços com atributos compatíveis, a saber, o traço interpretável (cf. [T]) concorda (*agree*) com o traço não interpretável (cf. [uT]) quando estes traços têm mesmos atributos. O traço interpretável do Alvo atribui um valor ao traço não interpretável da Sonda e quando os traços estão todos verificados, a fase termina. A seguir, os elementos no domínio desta fase (o complemento do núcleo) são mandados, pela operação de *Transfer*, para as interfaces a fim de serem interpretados, passando os traços dentro deste domínio a ser inacessíveis à operação seguinte. A margem e o núcleo da fase, pelo contrário, podem entrar na fase mais alta (Adger&Ramchand 2005, Pan 2016a).

⁵⁰ A definição de EPP também difere no PM. Na Teoria da Regência e da Ligação, o EPP indica a obrigatoriedade de o sujeito ocorrer na frase. O sujeito é diferente de outras funções sintáticas, como por exemplo, o objeto direto, o objeto indireto, cuja ocorrência se relaciona com o papel temático. No PM, EPP é um traço que pede obrigatoriamente a presença de um especificador. O presente trabalho é elaborado no quadro do PM.

⁵¹ Fase (*phase*): DP e CP são fases. (Chomsky 2000)

(81) *Phase Impenetrability Condition (PIC)*⁵²:

In a phase α with a head H , the domain of H is not accessible to operations outside α , only H and its edge are accessible to such operations.

(Chomsky 1998)

Passo a rever a análise de Adger&Ramchand (2005), explicando a sensibilidade aos efeitos de ilha e a não permissão de reconstrução em irlandês⁵³.

Para Adger&Ramchand (2005:11), os três traços relevantes às orações relativas são $[\lambda]$, $[\varphi]$ e $[\text{ID}:\lambda]$. O traço $[\lambda]$ em C faz com que a oração que ele introduz seja um predicado na FL (Forma Lógica). O traço $[\varphi]$ e o traço $[\text{ID}:\lambda]$ são traços de identificação. A identificação do traço $[\varphi]$ é determinada pelo contexto (ou pela Teoria da Ligação) e a identificação do traço $[\text{ID}:\lambda]$ é determinada pelo operador de que dispõe do traço $[\lambda]$.

O irlandês, como o GEscocês, disponibiliza complementadores distintos, consoante as frases que estes introduzem. O complementador *aL* introduz as relativas canônicas, o complementador *aN* introduz as relativas resumptivas e o complementador *go* introduz as frases completivas. Estes complementadores têm traços diferentes:

(82) Traços em C e em elemento relativizado em irlandês:

Complementadores			Elementos relativizados	
<i>go</i> :	<i>aL</i>	<i>aN</i>	vazio	Pronome resumptivo
$[C]$	$[C], [\lambda], u[\text{ID}:\lambda]$	$[C], [\lambda]$	$[\text{ID}:_]$,	$[\varphi]$

(Tabela VII, adotada de Adger&Ramchand (2005))

O traço $[\lambda]$ que introduz orações relativas, é um traço peculiar de C . Por isso, apenas os complementadores *aL* e *aN* têm o traço $[\lambda]$, o complementador *go* não o tem. Mas *aL* diferencia-se de *aN* por causar uma dependência mútua entre *aL* e os morfemas relativizados, o que não

⁵² O domínio da fase é o complemento de núcleo que encabeça a fase e a margem desta é de fase é o *specVP/SpecCP* mais o núcleo. (Chomsky 2000, 2001)

⁵³ O GEscocês não tem pronomes resumptivos, por isso, vou rever apenas a análise em irlandês no Adger&Ramchand (2005)

acontece entre *aN* e os morfemas relativizados em irlandês, como observam Adger & Ramchand (2005). Por um lado, a presença de *aL* exige a presença de um vazio, em vez de um pronome resumptivo na posição de relativização; por outro lado, a oração relativa que envolve o vazio seleciona o complementador *aL*, o que não acontece com os outros dois complementadores. Adger&Ramchand (2002) propuseram, assim, que o complementador *aL* tem o traço u[ID:λ]

Esta proposta explica perfeitamente a alteração de complementadores e a presença dos pronomes resumptivos nas ilhas (cf. (83) e (84)) nesta língua.

(83) a. an t-ainm a hinnseadh dúinn a bhí ar an áit

O nome *aL* foi-dito a nós *aL* foi em o lugar.

‘O nome que nos foi dito (que) ficou neste sítio.’

b. fir ar shíl Aturnae an Stáit go raibh siad díleas

homens *aN* achou Attorney o estado que forma eles leais

‘Os homens que o general Attorney considerou que eram leais.’

(Adger&Ramchand 2002:9)

(84) Sin teanga *aN* mbeadh meas agam ar duine ar bith

Aquele a língua *aN* ia ser respeitar em casa sobre pessoa qualquer

aL tá ábalta i a labhairt

aL ser capaz ela a falar.

‘Esta é a língua que eu respeitaria qualquer pessoa que a fale.’

(Asudeh 2007:8)

Em primeiro lugar, considere-se a alteração dos complementadores em irlandês. Este fenómeno observa-se na frase (83a), quando o complementador que introduz a frase completiva for *aL*, e não *go*, como habitualmente. Tal alteração é exclusivamente causada pela dependência mútua. Isto é, o exemplo (83a) é uma oração relativa canónica que envolve um vazio, tendo o traço [ID:___] por valorar; o complementador *go* não tem o traço u[ID:λ], por isso, não pode valorar o traço [ID:___] do constituinte vazio. Uma vez que a operação de *Agree* só é acessível

fase a fase, mesmo que a frase (83a) contenha um complementador *aL*, que é capaz de valorar o traço não interpretável do vazio, este não o faz, por ficar numa posição exterior à fase em que se encontra o vazio. Desta maneira, a frase encaixada, mesmo que seja uma frase completa, tem que ser introduzida por *aL*.

Pelo contrário, a frase (83b) adota uma estratégia resumptiva, o traço de que o pronome resumptivo dispõe é o traço interpretável [φ], não sendo preciso valorá-lo, nem verificá-lo, por isso, não há alteração dos complementadores neste caso.

Assim se explica a alteração de complementadores em irlandês.

Em segundo lugar, os pronomes resumptivos em irlandês podem ocorrer dentro de ilhas. Na frase (84), sem a ocorrência do pronome resumptivo *i* ‘ela’, a oração mais encaixada teria dois vazios, contendo, então, dois traços [ID:___]s por valorar. O complementador *aL* apenas tem um traço u[ID:λ], por isso, só pode valorar um dos vazios. Antes de entrar em operações da fase mais alta, o complemento da fase mais baixa é enviado para LF para ser interpretado, mas dentro desta fase, ainda há um traço [ID:___] por valorar. O único elemento que o pode valorar é o complementador *aN* da fase mais alta, mas *Agreement* entre o Comp mais alto e o vazio da fase mais baixa viola a Condição da Interpretabilidade da Fase, PIC (Phase Interpenetrability Condition). Se se substituir o vazio por um pronome resumptivo, o problema resolve-se, porque o único traço que o pronome resumptivo tem é [φ] e este traço não concorda com o complementador. No entanto, como estes dois elementos são associados por uma regra semântica (cf. (88)), que não está sujeita à condição de localidade, a frase é gramatical (Adger&Ramchand 2005).

5.3. O efeito de identidade em português e em chinês.

O efeito de identidade refere-se à identidade do elemento deslocado e à do pronome resumptivo. A ideia é a seguinte: se as relativas envolvem movimento, os elementos na posição original e na posição depois de movimento têm de ter propriedades idênticas. Neste caso, deveriam observar-se semanticamente, a reconstrução de expressões idiomáticas e de princípio A e C.

Por um lado, as orações relativas formadas pela estratégia resumptiva não exibem a reconstrução nem chinês nem em português (cf. (63)-(65) na secção ((6.)3.3). Por isso, as orações relativas formadas pela estratégia resumptiva não têm efeitos de identidade e não deveriam ser derivadas por *Move*. Assim, a abordagem de geração na base do pronome pode ser adotada.

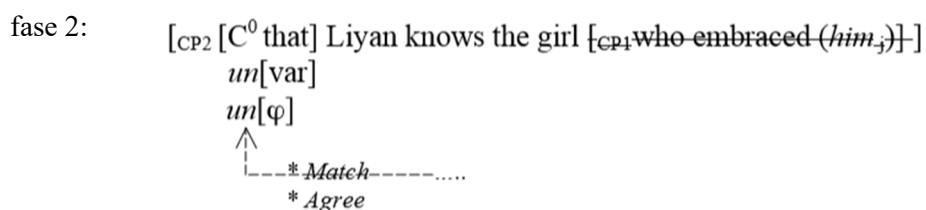
Por outro lado, Gu (2001) propôs que os pronomes resumptivos não são vestígios soletrados (*spell-out traces*) porque o tratamento dos pronomes resumptivos como vestígios soletrados não explica a incompatibilidade em PF entre os resumptivos e os elementos deslocados. Por exemplo, os elementos deslocados nas relativas resumptivas em PE são operadores nulos (sob a proposta de Alexandre (2000)), enquanto os ‘vestígios soletrados’ são os pronomes resumptivos (cf. (85)). E este pode ser um argumento adicional a favor de os pronomes resumptivos e os vazios não terem propriedades idênticas.

(85) Este é o homem [Op_i [que falei com ele_{i-R}]].

Em suma, os pronomes resumptivos em chinês não exibem o efeito de identidade, por isso, não são derivados por movimento, mas são gerados na base. Assume-se normalmente que se uma estrutura não envolver movimento, não é sensível à condição de localidade, mas isso não é verdade. As relativas formadas pela estratégia resumptiva em chinês são sensíveis ao efeito de ilha, mas não exibem reconstrução. Uma hipótese para explicar este facto é a de Gu (2001), que analisámos na secção 5.1 deste capítulo, em que assume que os pronomes resumptivos entram logo no início de numeração e encabeçam uma projeção DP. Concordo com Ning (2008) que assume que a projeção de RP é custosa nas relativas canónicas que excluem os pronomes resumptivos.

Com base no estudo de Adger&Ramchand (2005) para o irlandês e nos dados apresentados acima para o chinês, vou assumir que a operação de *Agree* se aplica nas relativas resumptivas em chinês, mas não em português.

Em primeiro lugar, já analisámos em secções 4.1 e 4.2 deste capítulo que o elemento que introduz as relativas resumptivas em chinês é a partícula *de*, morfologicamente invariável, mas



Para o autor, o complementador na relativa resumptiva concorda (*agree*) com o pronome resumptivo em traço [var] na fase1 e depois da operação de *Agree*, toda a fase1 é enviada para LF para ser interpretada. Mas o vazio ainda fica por verificar e o complementador na fase2 não pode concordar (*agree*) com o vazio porque estes dois não ocorrem na mesma fase, por isso, a frase é mal-formada.

A meu ver, o estudo de Pan (2016) prediz bem a sensibilidade de ilha das relativas resumptivas em chinês, mas acho que o traço- φ no pronome resumptivo deve ser interpretável, em vez de não interpretável, porque os pronomes resumptivos exibem os mesmos traços- φ ⁵⁵ que os antecedentes da oração relativa tanto em chinês como em português.

A seguir, apresento a minha proposta para o chinês, procedendo à comparação com o português.

De acordo com a Tabela V, a única diferença entre o português e o chinês nas relativas resumptivas é a sensibilidade dos pronomes resumptivos em relação aos efeitos de ilha. No programa minimalista, a operação de *Agree* está sujeita à condição de localidade, por isso, a minha proposta é que as relativas resumptivas em chinês sejam derivadas pela operação de *Agree*, enquanto em português não. Na tabela seguinte, são explicitados os traços relevantes das orações relativas em chinês e em português.

Tabela VIII:

português		chinês	
C-FC	[C]	C-FC	[C]

⁵⁵ Os pronomes resumptivos em chinês têm traços φ em pessoa, género e número:

您 <i>nin</i> 'você'	你 <i>ni</i> 'tu'	我 <i>wo</i> 'eu'	她 <i>ta</i> 'ela'	他 <i>ta</i> 'ele'
-	你们 <i>ni-men</i> 'vocês'	我们 <i>wo-men</i> 'nós'	她们 <i>ta-men</i> 'elas'	他们 <i>ta-men</i> 'eles'

C-RC	[C], [λ], u[var]	C-RC	[C], [λ], u[var]
C-RP	[C], [λ]	C-RP	[C], [λ], u[var]
RP	[ϕ], [var]	RP	[ϕ], [var]
Vazio	[var]	Vazio	[var]

Na tabela VIII, as siglas devem ser lidas da seguinte forma:

C-FC= complementador da frase completiva

C-RC= complementador da oração relativa canónica introduzida por ‘que’ ou *de*.

C-RP= complementador da oração relativa resumptiva

[C]: complementador

[λ]: este traço faz com que as orações que ele introduza como predicados.

[ϕ]: traços de identificação, os pronomes em chinês e em português contêm este traço, porque eles são visíveis morfofonologicamente em pessoa, gênero e número.

[var]: traços de identificação, o elemento que o disponibiliza é uma variável.

Em primeiro lugar, os complementadores que introduzem as relativas resumptivas e as frases completivas em português têm forma morfológica idêntica, a saber, o morfema invariável *que*, mas, são sintaticamente diferentes, porque o complementador nas relativas resumptivas, mas não nas completivas, introduz um predicado. Rizzi (1990) propôs que o complementador que introduz as relativas têm o traço [+pred]. Acho que o traço [λ] proposto em A&R (2001, 2005), mesmo que seja um traço semântico, coincide com o traço sintático [+pred] em Rizzi (1990), porque o [λ] em A&R é um traço em C que introduz os predicados. Desta maneira, o ‘que’ da completiva não tem o traço [λ], enquanto o ‘que’ da resumptiva tem.

Quanto ao chinês, por um lado, o constituinte que introduz as relativas e as frases completivas é invariavelmente a partícula *de*. *De* nas relativas introduz predicados enquanto *de* nas frases completivas não, por isso, *de* nas frases completivas difere-se de *de* nas relativas. Por outro lado, *de* nas relativas resumptivas e canónicas é idêntico, no sentido de que ambos introduzem frases [+pred].

Em segundo lugar, os elementos que introduzem as relativas canónicas são os pronomes

relativos, que têm traços [+wh], enquanto o elemento que introduz as relativas resumptivas é *que*. Mas *de* em chinês não tem o traço [+wh], por isso, *de* nas relativas têm traços idênticos neste aspeto.

Em terceiro lugar, os pronomes resumptivos e os vazios em PE e em chinês são variáveis, porque são sensíveis ao efeito de cruzamento forte e legitimam lacuna parasita. Assim, vou assumir que os resumptivos e os vazios nestas duas línguas têm o traço [var].

Além disso, os pronomes resumptivos em ambas as línguas diferenciam-se dos vazios porque os resumptivos concordam (*agree*) com o núcleo da oração relativa em pessoa, número e género, e, por isso, o pronome resumptivo tem o traço interpretável [ϕ].

Em quarto lugar, os pronomes resumptivos não estão sujeitos a efeitos de ilha nas relativas resumptivas em PE, mas os vazios estão, por isso, considero que existem traços-*wh* nos vazios que concordam (*agree*) com o complementador correspondente, enquanto não existem tais traços no pronome resumptivo que concorda (*agree*) com o complementador correspondente.

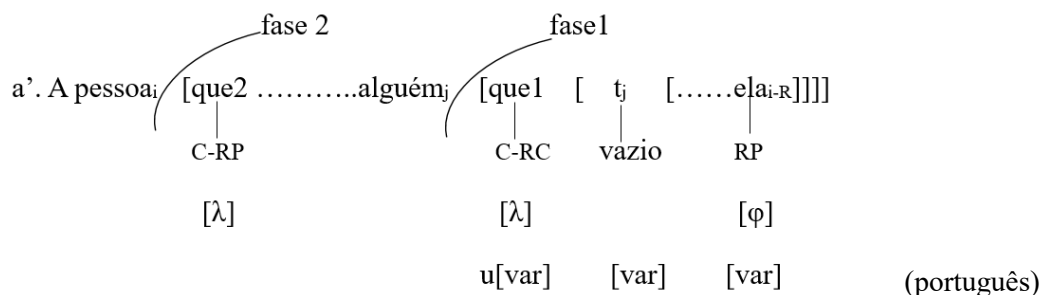
No chinês, tanto os pronomes resumptivos como os vazios estão sujeitos a efeitos de ilha, por isso, têm traços que concordam (*agree*) com os seus complementadores.

Admito que estes traços nos complementadores, quer concordem ou não com os vazios e os pronomes resumptivos, são u[var].

Vou seguidamente analisar como é que a operação de *Agree* funciona e produz a distinção entre o português e o chinês em relação aos efeitos de ilha:

Retomo aqui os exemplos de (73b) em português e a sua contrapartida em chinês como (87a) e (87b) respetivamente:

(87) a. A pessoa_i [_{CP2} que₂ tu encontraste alguém_j [_{CP1} que₁ t_j falaria com ela_{i-R}]] está doente

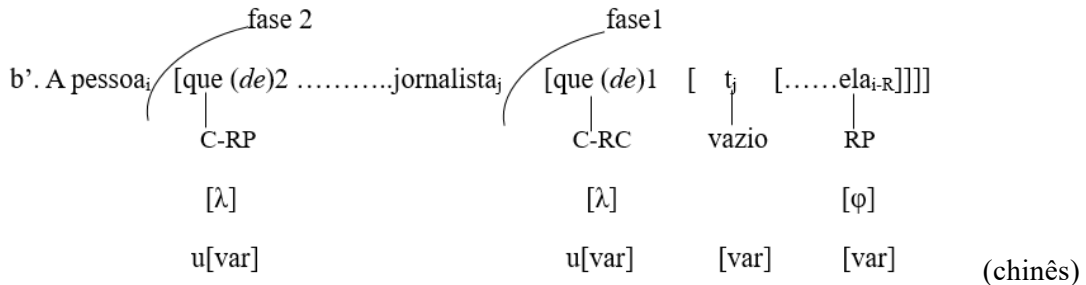


b. *你遇见 t_j 和他 $i-R$ 说话的记者 j 的那个人 i 生病了⁵⁶。

*Ni yujian t_j he ta_{i-R} shuohua de jizhe $_j$ de na-ge ren $_i$ shengbing le.

Você encontrar t_j com ele $_{i-R}$ falar DE jornalista $_j$ DE aquele-CL pessoa $_i$ doente LE.

‘A pessoa $_i$ que tu encontraste o jornalista $_j$ que t_j alaria com ela $_{i-R}$ está doente.’



O exemplo (87a') é uma oração relativa formada pela estratégia resumptiva dentro de uma ilha, ou seja, dentro de uma oração relativa canónica em português.

Neste caso, o ‘que1’ é o complementador da oração relativa canónica, tendo como traços $[\lambda]$ e $u[\text{var}]$. O vazio tem o traço interpretável: $[\text{var}]$ e pode entrar na operação de *Agree* com o traço $u[\text{var}]$ não interpretável em ‘que1’. Depois de *agreement*, o traço não interpretável seria apagado. Dentro desta fase, já não há mais traços não interpretáveis, por isso, a fase1 termina. O complemento da fase1 seria enviado para interpretar na LF, o que significa que os traços do vazio e do pronome resumptivo são bloqueados para operações na fase mais alta. Uma vez que os traços no pronome resumptivo $[\text{var}]$ e $[\varphi]$ são interpretáveis, não precisam de entrar na operação de *Agree*. Assim, na frase (87), não há mais traços por concordar (*agree*). Seguidamente, os traços $[\lambda]$ em ‘que2’ e ‘que1’ podem associar ao pronome resumptivo por uma regra semântica através de λ -indexing.

(88) λ -indexing: associate λ with pronoun bearing identificability-features in λ 's c-command domain.

(Adger&Ramchand 2002:2)

Esta regra, sendo semântica, não é sensível à condição de localidade, tanto ‘que1’ como ‘que2’

⁵⁶ Para a melhor compreensão, uso a estrutura em português para a representação para o chinês.

c-comandam o pronome resumptivo, por isso, o traço $[\lambda]$ em ‘que2’ e o mesmo traço em ‘que1’ na frase (87a) podem associar os traços de ‘identificação’ (*identifiability features*) (Adger&Ranchand 2002), nomeadamente, $[\varphi]$ e $[\text{var}]$ ao pronome resumptivo da fase1.

Para o chinês, a situação já é diferente porque os complementadores que introduzem as relativas caónicas ou resumptivas têm traços idênticos, a saber, $[\lambda]$ e $u[\text{var}]$.

Veja-se o exemplo (87b’): o traço não interpretável $u[\text{var}]$ em ‘que1’ procura o traço interpretável $[\text{var}]$ no vazio, depois da operação de *Agree* entre estes dois traços, o traço interpretável verifica o não interpretável até que o não interpretável seja eliminado. Logo que o traço não interpretável for eliminado, a fase1 termina e é enviada para interpretar em LF. Posteriormente, o traço não interpretável $u[\text{var}]$ em ‘que2’, que se encontra na fase2, espera por um traço interpretável $[\text{var}]$, para que a operação de *Agree* possa atuar verificando-o e eliminando-o. Porém, o único traço interpretável restante é o traço $[\text{var}]$ no pronome resumptivo que já tinha sido enviado para a LF. Desta maneira, o traço não interpretável em ‘que2’ nunca pode ser eliminado e a estrutura é rejeitada.

De nas relativas resumptivas em chinês tem o traço $u[\text{var}]$ que concorda (*agree*) com o traço $[\text{var}]$ em pronome resumptivo. ‘Que’ nas relativas resumptivas em português não tem o traço $u[\text{var}]$, por isso, a operação de *Agree* não se aplica nesta construção.

A proposta é plausível e independentemente motivada porque prediz também o comportamento de uma outra estrutura: a estrutura de deslocação esquerda (*left dislocation: LD*) (cf. (90)).

Antes de entrar na estrutura de LD, conclui-se que a única diferença entre o português e o chinês nas relativas resumptivas é a sensibilidade dos pronomes resumptivos em relação aos efeitos de ilha. Isto acontece porque o chinês disponibiliza um traço não interpretável: $u[\text{var}]$ em C que requer obrigatoriamente a operação de *Agree*, mas o traço interpretável não se encontra na mesma fase em que ocorre este C, e por isso, o resultado é agramatical. Contudo, o C-RP em português não disponibiliza o traço não interpretável: $u[\text{var}]$, por isso, não requer a operação de *Agree* e não está sujeito a efeitos de ilha.

A construção de LD formada pela estratégia resumptiva em chinês, diferentemente das relativas resumptivas, não envolve o complementador *de*. Assim sendo, esta construção não é

sensível ao efeito de ilha (cf. (90)), o que revela que o complementador *de* tem, realmente, um traço não interpretável que pede obrigatoriamente a operação de *Agree*. A construção de LD formada pela estratégia resumptiva em português, difere das relativas resumptivas na mesma língua, por não ter o complementador ‘que’; porém, ambas as construções não estão sujeitas a efeitos de ilha (cf (73) e (74)), o que prova que o C-RP em português não exige a operação de *Agree* (cf. (89)).

(89) O autor, o João encontrou a menina que o abraçou.

(90) 那位法国演员_j, 我碰到了_{t_i} 拥抱过他_{j-R} 的那位女同学_i。

Na-wei faguo yanyuan_j, wo pengdao le t_i yongbao guo ta_{j-R} de

Aquele-CL França ator, eu encontrar LD abraçar Asp ele DE

na-wei nv tongxue_i

aquele-CL feminino estudante.

‘Quanto àquele ator francês_j, encontrei a menina_i que t_i o_{j-R} abraçou.’

Conclusões Gerais

Este trabalho procura caracterizar as orações relativas em chinês, particularmente as que são formadas pela estratégia resumptiva, numa perspectiva comparada com o português.

O trabalho inicia-se com a afirmação de que o chinês, embora não tenha pronomes relativos como em português e em inglês, é uma língua que tem orações relativas.

As relativas em chinês diferenciam-se do japonês, uma língua que apenas tem orações completivas, porque permite que o objeto nulo seja ocupado por um *pro* e as relativas não estão sujeitos ao efeito de ilha. As relativas em chinês, porém, estão sujeitas a efeitos de ilha e a posição de objeto nulo não pode ser ocupado por *pro* (Huang 1989)

Em segundo lugar, a partícula *de* é usada quando o nome é modificado. Todos os sintagmas podem modificar o nome, por isso, *de* é partilhado em todas as construções de modificação de nome. Contudo, embora seja morfológicamente invariável este morfema, tem traços distintos quando ocorre em estruturas distintas. Assume-se que *de* é um complementador quando ocorre nas orações relativas e tem traços [λ] e u[*var*] (cf. Tabela VIII).

Constata-se que a única diferença entre o português e o chinês em relação às relativas resumptivas é a sensibilidade a efeitos de ilha, por isso, fui levada a assumir que a operação de concordância não se aplica em português, mas sim em chinês.

O elemento que introduz as relativas resumptivas em português é diferente do elemento que introduz as relativas canónicas. As relativas canónicas em português estão sujeitas aos efeitos de ilha, por isso, assumo que os pronomes relativos em português e o complementador *de* em chinês têm os mesmos traços (cf. u[*var*] e [λ]) e estes traços concordam com os pronomes resumptivos (cf. [*var*] e [φ]), produzindo efeitos de ilha. O complementador *que* nas resumptivas em português só tem o traço [λ].

Para dar conta dos efeitos de ilha, introduzi a condição de fase. A operação de concordância não pode ultrapassar fases. Apenas a fronteira de fase (i.e., os especificadores) é acessível a operações na fase mais alta. Em orações sem ilha, os pronomes resumptivos e os complementadores ficam na mesma fase, onde os traços concordam e são enviados para se interpretar na sintaxe implícita. Mais ainda, antes de a fase mais baixa terminar, a fase mais alta

é bloqueada para quaisquer operações. Quer isto dizer que nas relativas com ilha, o pronome resumptivo e o complementador correspondente não ficam na mesma fase. O traço não interpretável u[*var*] no complementador *de* não pode concordar com o traço no pronome resumptivo na fase mais encaixada, por isso, as relativas resumptivas em chinês são sensíveis aos efeitos de ilha. O complementador *que* do português nas relativas só tem o traço [λ], por isso, não há concordância e a frase é bem formada.

Para além da estratégia resumptiva, este trabalho também apresenta análises de outras estratégias, com base nos estudos clássicos.

Genericamente, o pronome resumptivo e o vazio em chinês ocorre em posições complementares, as posições de SU e de OD são posições para os vazios e as de OI, OBL e GEN são posições para os pronomes resumptivos. Nas relativas canónicas, a posição de SU é excluída da estratégia resumptiva, devido à Restrição de Sujeito mais Alto. A estratégia cortadora apenas ocorre na posição de OI e apenas os verbos de tipo *gei* (tipo B) com a preposição *gei* opcional é que permitem que os seus objetos indiretos sejam cortados.

Há estudos que negam a existência das relativas não restritivas em chinês, contudo, proponho que o chinês tem relativas não restritivas quando o núcleo da relativa é um nome próprio.

Em suma, a distinção entre as relativas resumptivas em chinês e em português incide nos traços distintos destas duas línguas que entram na operação de concordância (*Agree*). A operação de concordância não só explica as propriedades das relativas resumptivas, mas também da construção de Deslocação à Esquerda. O presente trabalho procurou elaborar uma análise no quadro do PM para as relativas resumptivas em português e chinês, que se pode estender a outras estruturas.

Referências Bibliográficas:

- Adger, David and Gillian Ramchand (2002): Phases and interpretability. In K. Megerdooain and L.A Bar-el, eds., *Preceedings of the West Coast Conference on Formal Linguistics (ECCFL)* 20: 1-14, Somerville, MA,: Cascadilla Press.
- Adger, David and Gillian Ramchand (2005) Merge and Move: *wh*-Dependencies revisited. *Linguistic Inquiry* 36: 161-193.
- Adger, David. (2003) *Core Syntax: a minimalist approach* New York: Oxford University Press
- Alexandre, Nélia (2001) A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu, master dissertation in theoretic linguistics presented to University of Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa.
- Alexopoulou, T. (2006) Resumption in relative clauses, in *nature Language & Linguistic Theory* 24: 57-111
- Aoun, Joseph (2000) Resumption and last resort. *D. E. L. T.A*, 16: 13-43.
- Aoun, Joseph, Lina Choueiri (2000), Epithets, *Natural Language and Linguistic Theory* 18: 1-39, Kluwer Academic Publishers, Netherlands.
- Aoun, Joseph, Lina Choueiri and Norbert Hornstein (2001), Resumption, Movement, and Derivational Economy, *Linguistic Inquiry*, Vol. 32, No. 3 (Summer, 2001): 371-403, The MIT Press
- Aoun, Joseph and Li, Audrey Yen-hui (2003) Essays on the representational and derivational nature of grammar: the diversity of *wh*-constructions, *Linguistic Inquiry Monograph* 40, Cambridge, MA: MIT Press, 2003.
- Asudeh, Ash (2004) *Resumption as Resource Management*. Unpublished Ph.D. dissertation, Standford University.
- Asudeh, Ash (2007) Three kinds of resumption. Presented at Resumptive Pronouns at the Interfaces. University of Paris 7.
- Asudeh, Ash (2011) Towards a unified theory of resumption, *Resumptive Pronouns at the Interfaces*:121-188, Ed: Alian Rouveret, John Benjamins Publishing Company.
- Asudeh, A. (2012). *The Logic of Pronominal Resumption*. Oxford University Press.
- Badan, Linda and Del Gobbo, Francesca (2010) On the Syntax of Topic and Focus in Chinese,

- In P. Benincà and N. Munaro (eds.) *Mapping the Left Periphery: The Cartography of Syntactic Structure*, vol. 5, Oxford University Press.
- Barboza, Jeronymo Soares (1830) *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, ou Principios de Grammatica Geral Applicados à nossa Linguagem*, 2ª(ed.), Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias
- Bianchi, Valentina (1999) Consequences of Antisymmetry. Headed Relative Clauses. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Bianchi V. (2000) The Raising Analysis of Relative Clauses: A Reply to Borsley, in *Linguistic Inquiry* 31(1): 123-140, The MIT Press.
- Bianchi Valentina (2002), Headed Relative Clauses in Generative Syntax, In *Glott International* 6 (7): 197-204, Blackwell Publishers Ltd., Oxford, UK, and Malden MA, USA.
- Borsley Robert D. (1997) Relativa Clauses and the Theory of Phrase Structure, in *Linguistic Inquiry* 28(4): 629-647, The MIT Press.
- Brame, M (1987), *Base Generated Syntax*, Noit Amrofen Press, Seattle.
- Bresnan, J. (1976) *Evidence for a theory of unbounded transformations*, *Linguistic Analysis* 2: 353-394.
- Bresnan, J., Asudeh, A., Toivonen, I., & Wechsler, S. (2016). *Lexical-Functional Syntax*. 2nd Edition. WILEY Blackwell
- Brito, Ana Maria (1988) *A Sintaxe das Orações Relativas em Português – Estrutura, Mecanismos Interpretativos e Condições sobre a Distribuição dos Morfemas Relativos*, Tese de Doutorado, Universidade do Porto, Porto.
Tese publicada em 1991: Brito, Ana Maria (1991), *A Sintaxe das Orações Relativas em Português*, Lisboa: INIC.
- Brito, Ana Maria (1991) *A Sintaxe das Orações Relativas em Português: Estrutura, Mecanismos Interpretativos e Condições sobre a Distribuição dos Morfemas Relativos*, Diss. de Doutorado, Porto: INIC
- Brito, Ana Maria (1995) “As Orações Relativas Restritivas nas Variantes Culta e Oral em Quatro Línguas Românicas, com Incidência Especial em Português”, *Lusorama*, 27: 70-81, Frankfurt: Instituto Camões.

- Chao, W., & Sells, P. (1983) On the interpretation of resumptive pronoun. *Proceedings of NELS*, 13: 47-61
- Chao, Yuen-ren (1968) *A Grammar of Spoken Chinese*, University of California Press
- Cheng, Lisa Lai-Shen (1986) *De in Mandarin Chinese*, Canadian Journal of Linguistics.
- Chomsky, Noam (1965) *Aspects of Theory of Syntax*, MIT Press, Cambridge, MA.
- Chomsky, Noam (1973), Conditions on Transformations. In S. Anderson & P. Kiparsky (eds.), *A Festschrift for Morris Halle*, 232-286. New York: Holt Rinehart and Winston.
- Chomsky, Noam (1977), On Wh-Movement. In Peter W. Culicover, Thomas Wasow, and Adrian Akmajan, eds., *Formal Syntax*, pp: 71-132, Academic Press, New York.
- Chomsky, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht.
- Chomsky, Noam (1982) *Some concepts and consequences of the Theory of Government and Binding*, Cambridge, MA: MIT Press.
- Chomsky, Noam (1986a) *Barriers*, MIT Press, Cambridge, Mass.
- Chomsky, Noam (1986b), *Knowledge of language: its nature, origin and use*, Praeger, New York
- Chomsky, Noam (1995a) *Bare Phrase Structure*, MIT Press, 1995.
- Chomsky, Noam (1995b) *The Minimalist Program*, MIT Press, 1995.
- Chomsky, Noam (2000): Minimalist Inquiries: The Framework, in R. Martin, D. Michaels, & J. Uriagereka, *Step by Step. Essays on Minimalist Syntax in Honour of Howard Lasnik*, 89-155, Cambridge (Mass.): MIT Press.
- Chomsky, Noam (2001), Derivation by Phase. Dans Ken Hale. *A Life in Language*, ed. by Michael Kenstowicz, 1-52. Cambridge (Mass.): MIT Press.
- Chomsky, Noam (2013), Problems of Projection: *Lingua*, 130, Special Issue ‘Core Ideas and Results in Syntax’: 33-49.
- Chomsky, Noam (2015), Problems of Projection: Extensions, In Elisa Di Domenico, Cornelia Hanmann & Simona Matteini (eds.), *Structure, Strategies and beyond – Studies in honour of Adriana Belletti*: 3-16. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Comrie, B (1996) *The Unity of Noun-modifying Clauses in Asian Languages*, University of South California.

- Comrie, B (1998) Rethinking the Typology of Relative Clauses, *Language Design* 1 (59-86)
- Comrie, B (2002) The case of relative clauses. *Typology and second language acquisition*, 19-37, Ed: In A. G. Ramat, Berlin: Mouton de Gruyter
- Cinque, Guglielmo (1990) *Types of A'-Dependencies*, Mass.: MIT Press.
- Cinque, Guglielmo (2006) Two types of appositives. *University of Venice Working Papers in Linguistics* 16: 7–56.
- Cinque, Guglielmo (2008) Two Types of Non-Restrictive Relatives, In *Empirical Issues in Syntax and Semantics* 7, O Bonami&P.Cabredo Hofherr (eds.), 99-137
- Cinque, Guglielmo (2015) Three Phenomenon Discriminating between ‘Raising’ and ‘Matcing’ Relative Clauses, *Semantics-Syntax Interface* 2 (1): 1-27.
- Del Gobbo, Francesca (2003) Appositives at the Interface, Dissertation submitted in partial satisfaction of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Social Science, University of California.
- Del Gobbo, Francesca (2005) Chinese relative clauses: restrictive, descriptive or appositive,
- Del Gobbo, Francesca (2007) A comparison between Japanese and Chinese Relative Clauses, *Working Papers in Linguistics*, vol:17, University of Venice.
- Del Gobbo, Francesca (2010) On Chinese appositive relative clauses, *Jornal of East Asian Linguistics*, 19: 385–417.
- Demirdache, H. (1991) Resumptive chains in restrictive relatives, appositives and dislocation structures. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, MA.
- Duanmu, San (1998) Wordhood in Chinese. *New Approach to Chinese word Formation: Morphology, Phonology and the Lexicon in Modern and Ancient Chinese*, pp:135-196), ed. J. Packard, Berlin: Mouton de Gruyter.
- Faria, Isabel H. & Duarte, Inês (1989). “O Paradoxo da Variação: Aspectos do Português Europeu”, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 1: 21-27, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa.
- Fukui, N. & Takano, Y. (2000). Nominal structure: an extension of the symmetry principle. In *The derivation of vo and ov*, Ed: P. Svenonius, 321-362. Dordrecht: Klumer.
- Grano, Thomas. (2008). Mandarin hen and the syntax of declarative clause typing. Ms. At

LingBuzz.

- Grano, T. (2011). Mandarin hen and universal markedness in gradable adjectives. *Natural Language & Linguistic Theory* 30: 513-565.
- Gu Gang (2001) A Study of Resumptive Pronouns, A Dissertation Submitted in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Doctor of Philosophy in Linguistics, The Chinese University of HongKong.
- Guilliot, Nicolas and Nouman Malkawi (2006), When Resumption determines reconstruction. In *Processing of the 25th West Coast Conference on Formal Linguistics*, ed by Donald Baumer, David Montero, and Michel Scanlon, pp:168-176. Somerville, MA: Cascadilla Press.
- Heim, Irene and Kratzer, Angelika. (1998) *Semantics in Generative Grammar*. Oxford, UK: Blackwells
- Hawkin, Roger and Cecilia, Yuet-hung Chan (1997), The Partial Availability of Universal Grammar in Second Language Acquisition: The Failed Functional Features Hypothesis. *Second Language Research* 13(3): 187-226.
- Huang, C-T James (1982) *Logical Relations in Chinese and The Theory of Grammar*, Doctoral Dissertation, Massachusetts Institute of Technology.
- Huang, C-T James (1984), On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*, 15: 351-574
- Huang, C.-T. James (1989). Pro-drop in Chinese: a generalized control theory. In O. Jaeggli & K. Safir (eds), *The Null Subject Parameter* (pp.185-214). Dordrecht: Kluwer
- Huang, C.-T. James (1999) Chinese Passives in Comparative Perspective, in *Tsing Hua Journal of Chinses Studies* 29 (4): 423-509
- Huang, C-T James, Audrey Li. Y.-H, and Li Yafei (2009) *The Syntax of Chinese*, Cambridge University Press.
- Hsu, Chun-Chieh Natalie (2008), Revisit Relative Clause Island in Chinses, *Language and Linguistics* 9(1): 23-48.
- Kayne Kayne, Richard S. (1994) *The antisymmetry of syntax*, Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Keenan, EdwardL. and Bernard Comrie (1977). *Noun phrase accessibility and universal*

- grammar. *Linguistic Inquiry* 8: 63–99.
- Keenan, Edward L. and Comrie, Bernard (1979) Noun Phrase Accessibility Revisited, in *Language* 55(3): 649-664, published by Linguistic Society of America.
- Koopman, Hilda (1983) Control from COMP and comparative syntax, in *The Linguistic Review* 2(4): 365–391.
- Koopman, Hilda and Dominique Sportiche (1982). Variables and the Bijection Principle, in *The Linguistic Review* 2(3): 139-160.
- Lasnik, H. and M. Saito (1984) *On the Nature of Proper Government*, *Linguistic Inquiry* 15: 235-289.
- Lasnik, H. and M. Saito (1992) *Move-alpha: Conditions on its application and output*, MIT Press, Cambridge, Mass.
- Larson, R.K. (2009a) The nature of ‘Attributive Markers’, *ConSOLE XVII*, Nova Gorica.
- Larson, R.K. (2009b) Chinese as a reverse Eezef language, *Yuyanxue Luncong (Journal of Linguistics)* 39:30-85, Peking University
- Li, Charles N and Thompson, Sandra A. (1981), *Mandarin Chinese, A Functional Reference Grammar*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles, London, England.
- Li, Yen-hui Audrey (1985) Abstract case in Chinese, Doctoral Dissertation presented to the Faculty of the Graduate School, University of Southern California.
- Li, Yen-hui Audrey. (1999). Word order, structure and relativization. In *On the Formal Ways to Chinese Linguistics*. Eds: Tang, S.-T., & Liu, C.-S. Stanford: CSLI Publications.
- Li, Yen-hui Audrey (2002) *Word Order, Structure and Relativization*, University of Southern California.
- Li, Yen-hui Audrey (2015) Review article of Waltraud Paul’s *New Perspective on Chinese Syntax (2015)*. *Glossa: a journal of general linguistics* 1(1), 38.
- Lin, Jonah (2005) Does wh-in-situ license parasitic gaps? *Linguistic Inquiry* 36:298–302.
- Liu, Chi-Ming, Louis (2013) *Mandarin Parasitic Gaps*, Working Papers in Linguistics: 19.1, University of Pennsylvania.
- Lopes, Óscar (1971) *Gramática Simbólica do Português*, 2ª ed., Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1972.

- McCloskey, James (1979) *Transformational Syntax and Model Theoretic Semantics: A Case-Study in Modern Irish*. Dordrecht: Reidel.
- McCloskey, James (1990) Resumptive pronouns, A-binding and levels of representation in Irish. In Randall Hendrick, ed., *Syntax of the Modern Celtic languages*, vol. 23 of *Syntax and Semantics*, pp: 199–248, San Diego, CA: Academic Press.
- McCloskey, James (2002) Resumption, successive cyclicity, and the locality of operations. In Samuel David Epstein and T. Daniel Seeley, eds., *Derivation and Explanation in the Minimalist Program*, pp:184–226. Oxford: Blackwell.
- McCloskey, James (2006) Resumption, *The Blackwell Companion to Syntax*, Volume I, Ed: Martin Everaert, Henk van Riemsdijk, Blackwell Publishing.
- McCloskey, James (2016) Resumption, in the Revised Edition of the *Wiley-Blackwell Companion to Syntax*, ed. Martin Everaert and Henk van Riemsdijk. In production
- Malchukov, Andrej, Haspelmath, Martin and Comrie, B (2010), *Study in Ditransitive Constructions, A Comparative Handbook*, Berlin, Gruyter Mouton.
- Meral, h.-M. (2004) *Resumptive pronouns in Turkish*. Unpublished MA Thesis, Bogazoci University.
- Móia, Telmo (1996) “A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português”, in *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*: 149-188, Lisboa: Colibri, Gonçalves, Anabela; Colaço, Madalena; Miguel, Matilde & Móia, Telmo, versão abreviada da dissertação de Mestrado homónima (1992).
- Nishigauchi, Taisuke (1990) *Quantification in the Theory of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Niu, Fangfang (2015) From “hen” to adjectival modification in Mandarin Chinese, *Proceedings of the Newcastle Working Papers in Linguistics*, volume 21(1): 96-111.
- Ning, Li Hsin (2008), *The Grammar and Processing of Resumptive Pronouns in Chinese Relative Clauses*, Master Thesis submitted to the Graduate Institute of Linguistics of National ChengChi University.
- Pan, Victor Junnan (2016a) Resumptivity and Two Types of A'-dependencies in the Minimalist Program, in *International Journal of Chinese Linguistics*, 3 (1): 45-78.

- Pan, Victor Junnan (2016b) *Resumptivity in Mandarin Chinese: A Minimalist Account*, De Gruyter Publisher, Mouton.
- Paul, Waltraud (2005) Adjectival modification and related issues, in *Mandarin Chinese Linguistics* vol. 43(4): 757-793.
- Paul, Waltraud (2006) Zhu DeXi's Two Classes of Adjectives Revisited, *Studies in Chinese language and culture*. In Anderl, C. and Eifring, H. (eds.), *Festschrift in honour of Christoph Harbsmeier on the occasion of his 60th birthday*, volume vii, pp: 303-315. Oslo: Hermes Academic Publishing.
- Paul, Waltraud (2014) *New Perspective of Chinese Syntax*, De Gruyter Mouton.
- Ramchand, G. (1996). Questions, polarity and alternative semantics. *Lingbuzz*.
- Raposo, Eduardo (1986) On the Null Object in European Portuguese. In *Studies in Romance Linguistics* (O. Jaeggli, & C. Silva-Corvalán, editors). Dordrecht: Foris Publications.
- Rizzi, Luigi. (1986), *Crossover Phenomena*, New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Rizzi, Luigi (1990) *Relativized Minimality*, MIT Press, Cambridge, Mass.
- Rizzi, Luigi (2016a) EPP and ECP revisited: The role of labeling, in Ernestina Carrillho, Alexandre Fiéis, Maria Lobo and Sandra Pereira (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory* 10, Selected papers from "Going Romance" 28, Lisbon: 211-232, John Benjamins Publish.
- Rizzi, Luigi (2016b) Labeling, Maximality and the Head – Phrase Distinction, in *The Linguistic Review* 2016, 33 (1): 103-127.
- Rooth, E. (1992). A theory of focus interpretation. *Natural Language Semantics* 3: 75-116
- Rouveret, Alain. (2002) How are Resumptive Pronouns Linked to the Periphery? *Linguistic Variation Yearbook* 2: 123-184.
- Rouveret, Alain. (2008) Phasal Agreement and Reconstruction. *Foundational Issues in Linguistic Theory*, ed: Robert Freidin, Carlos P. Otero & Maria Luisa Zubizarreta, 167-195. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Rouveret, Alian. (2011) Some issues in the theory of resumption: A perspective on early and recent research, *Resumptive Pronouns at the Interfaces*, Ed. A. Rouveret, John Benjamins Publishing Company

- Ramchand, G. (1996). Questions, polarity and alternative semantics. *Lingbuzz*.
- Ross, Claudia (1983). On the functions of Mandarin *de*. *Journal of Chinese Linguistics*, 11(2): 214-246
- Ross, John-Robert (1967) Constraints on Variables in Syntax, Doctoral Dissertation, MIT
(Published as *Infinitive Syntax!* Norwood, NJ: ABLEX (1986).
- Rooth, E. (1992). A theory of focus interpretation. *Natural Language Semantics* (3): 75-116
- Samiian, Vida (1983) Origins of Phrasal Categories in Persian. Unpublished PhD Thesis, UCLA.
- Samiian, Vida (1994) The Ezafe Construction: Some implications for the Theory of X-bar Syntax. Ed. M. Marashi, *Persian Studies in North America*, pp:17-41. Bethesda, MD: Iranbooks.
- Schachter, Paul (1973) Focus and Relativization, in *Language* 49 (1): 19-46, published by Linguistic Society of America.
- Sells, Peter (1984) Syntax and Semantics of Resumptive Pronouns. Doctoral Dissertation, University of Massachusetts, Amherst, MA.
- Sells, Peter (1985a) Anaphora and the nature of semantic representation. Ms., CSLI, Stanford, California.
- Sells, Peter (1985b) Restrictive and non-restrictive modification. *CSLI Report* No. 85-28. Stanford: CSLI Publications.
- Sharvit, Yael (1999) Connectivity in Specificational Sentences, in *Nature Language Semantics* 7(3): 299-339
- Shlonsky, Uri (1992) Resumptive pronouns as a last resort, *Linguistic Inquiry*, Volume 23 (3): 443-468, MIT Press.
- Sichel, Ivy (2014) Resumption Pronouns and Competition, *Linguistic Inquiry*, Volume 45(4): 655-693, MIT Press.
- Smith, C.S (1997) The Aspectual System of Mandarin Chinese, *The Parameter of Aspect, Studies in Linguistics and Philosophy*, Volume 43: 343-390, Springer Publisher, Netherlands,
- Sproat, R. & Shih, C. (1991). The Cross-Linguistic Distribution to Adjective Ordering

- Restrictions. *Interdisciplinary approaches to language: Essays in Honor of S.-Y. Kuroda*, eds. C. Georgopoulos & R. Ishihara, pp: 565-593. Dordrecht: Kluwer
- Sternefeld, Wolfgang (2001) Semantic vs. Syntactic Reconstruction. In Hans Kamp, Antje Rossdeutscher, and Christian Rohrer, eds., in *Linguistic Form and Its Computation*, 145–182. Stanford, CA: CSLI Publications.
- Stowell, T. (1981) *Origins of Phrase Structure*, Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Massachusetts.
- Tang, Ting-Chin (1979). The relative clause in Chinese. In *Studies in Chinese Grammar*. Taipei: Student Book Company
- Thompson, S. A. (1971). The Deep Structure of relative clauses. In *Studies in Linguistic Semantics*, ed. C. Fillmore and D.T. Langendoen, pp: 79-96. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Ting, Jen (1998) Deriving the Bei-Construction in Mandarin Chinese, in *Journal of East Asian Linguistics* 7 (4): 319-354
- Ting, J., and Huang. Y.-C. (2008) Some Remarks on Parasitic Gaps in Chinese, *Concentric: Studies in Linguistics*, 34(1), 27-52.
- Tsai Wei-Tien, Dylan (1997) On the Absence of Island Effect, *Tsing Hua Journal of Chinese Studies, New series* 27: 125-149.
- Tsao, F.-f. (1988) The Function of Mandarin Gei and Taiwanese Hou in the Double Object and the Oassive Construction, in R. I. Cheng & S. F. Huang (ed.), *The Structure of Taiwanese: A Mordern Synthesis*, pp: 165-208. Taipai: The Crane Publishing Co.
- Vergnaud, Jean Roger (1974) *French Relative Clauses*, Doctoral Thesis submitted in Partial Fullfillment of the Requirement for the Degree of Doctor of Philosophy, MIT.
- Vries, M. D (2001) Patterns of Relative Clauses, *Linguistics in the Netherlands 2001*, eds. Ton Van der Wouden, Hans Broekhuis, pp: 231-243, John Benjamins Publishing Company.
- Vries, M. D (2002) *The syntax of relativization*, Doctoral dissertation, Netherlands Graduate School of Linguistics, The Netherlands.
- Xu, Yi (2009) *The Syntax Processing and Second Language Acquisition of Chinese Relative Clauses*, Doctoral Dissertation, University of Arizona.

- Xu, Yang (2013). The study of the distribution of resumptive pronouns in Chinese constructions. *Journal of Fuyang Teachers College*. 2013. No. 1.
- Yang Shufen (2005) *Plurality and Modification in Mandarin Nominal Phrases*, Doctoral Dissertation presented to the Faculty of the Graduate School of University of Texas at Austin.
- Yang Fengrong (2016) *On Resumptive Pronoun in Chinese Relative Clauses: An LFG Approaches*. Master dissertation presented to the Department of Translation and Language Sciences, Universitat Pompeu Fabra.
- Yeh, Meng (1993) The Stative Situation and the Imperfective ‘Zhe’ in Mandarin, *Journal of the Chinese Language Teachers Association* 28: 69-98.
- Yu-yin, Hsu (2017) *Alternatives and Focus: Distribution of Chinese Relative Clauses Revisited*, *Processing of the 40th Annual Penn Linguistics Conference*, vol:23 (1).
- Yin, Binyong (1990) *Hànyǔ Pīnyīn hé Zhèngcífǎ 尹斌庸, 汉语拼音和正词法*
- Yuan, Boping and Yang Zhao (2005), *Resumptive Pronouns in English-Chinese and Arabic-Chinese Interlanguages*, *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 43 (3): 219-237, ed. By Jordens, Peter and Leah Robert, De Gruyter
- Zhang, Niina Ning (1999): *Chinese DE and he DE-construction*, *Syntaxis* 2: 27-49
- Zhang, Niina Ning (2001) *On the absence of nonrestrictive relatives in Chinese*. Ms., ZAS, Berlin.
- Zhang XiaoRong (2007): *Resumptive Pronouns in the Acquisition of English Relative Clauses by Chinese EFL learners*, A Research Paper Submitted in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Arts in Linguistics, The Chinese University of Hong Kong.